



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

As moedas locais beneficiam as comunidades?

O caso do MOR

Mariana Veiga Mendes da Silva Machado

Católica Porto Business School
Abril, 2023



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

As moedas locais beneficiam as comunidades?

O caso do MOR

Trabalho Final na modalidade de Dissertação
apresentado à Universidade Católica Portuguesa
para obtenção do grau de mestre em Gestão

por

Mariana Veiga Mendes da Silva Machado

sob orientação de
Sandra Lima Coelho

Católica Porto Business School
Abril, 2023

Agradecimentos

À Associação A.Mor, pela generosidade, simpatia e prontidão na colaboração. Em especial, à Doutora Pascale Millecamps e ao Doutor Rui Pulido Valente. E também, a todas as participantes deste estudo.

À Professora Doutora Sandra Lima Coelho, pela orientação, dedicação e apoio, incansáveis ao longo de todo este trabalho.

Aos meus pais, por me proporcionarem alcançar este objetivo e pela confiança, apoio e amor incondicional.

Ao meu namorado, por ouvir as minhas frustrações e desabafos, por me dar sempre força e elevar o espírito.

Aos meus amigos, por me recarregarem as energias e terem sempre palavras encorajadoras.

Resumo

A presente dissertação enquadra-se no âmbito das iniciativas de inovação social, que surgem no sentido de colmatar e/ou mitigar desequilíbrios económicos, sociais e ambientais, que emergem da expansão da racionalidade económica. Dos diversos instrumentos de inovação social, elegeu-se como objeto de estudo as moedas locais, em particular, a moeda MOR criada pela associação A.Mor no concelho de Montemor-o-Novo. Pretendeu-se averiguar se existiam, ou não, vantagens para o concelho de Montemor-o-Novo com a implementação desta moeda, assim como verificar se a sua utilização desencadeou algum processo de transformação social na comunidade onde circula. Caso tal se verificasse, almejava-se compreender em que moldes tal transformação se processa e contribuir para o conhecimento e divulgação da realidade das moedas locais em Portugal. Adotou-se, do ponto de vista metodológico, a abordagem de investigação qualitativa, utilizando-se como técnicas de recolha de dados a análise documental, a observação direta e a entrevista semiestruturada. Os resultados obtidos demonstram que as vantagens da moeda local MOR são, atualmente, pouco expressivas. Trata-se de uma iniciativa recente, com pouca adesão da população e com poucos recursos e meios de divulgação. A verificar-se a continuidade da iniciativa e o concomitante aumento da adesão da população, espera-se uma maior consciencialização para o consumo local, o aumento do comércio, economia e desenvolvimento locais e, ainda, a construção de uma rede de apoio mútuo local. Este estudo revela também que ainda não há efeitos visíveis da utilização desta moeda que permitam falar em transformação social.

Palavras-chave: Inovação Social, Moeda Local, Vantagens, Transformação Social.

Abstract

This dissertation falls within the scope of social innovation initiatives, initiatives that arise to adjust and/or mitigate economic, social and environmental imbalances emerging from economic rationality. Of the several instruments of social innovation, the author chose, as the object of this study, the local currencies, in particular the MOR currency, created by the A.Mor association in the municipality of Montemor-o-Novo. The intention was to investigate the advantages of implementing the MOR to the municipality of Montemor-o-Novo, to determine if a transformation in the local community is taking place, and if so, to understand how it happens, and finally, to contribute to the knowledge and dissemination of the reality of local currencies in Portugal. From a methodological point of view, a qualitative research approach was adopted, using, as data collection techniques, document analysis, direct observation, and semi-structured interviews. The results show that the advantages of the local currency MOR are currently not very expressive. It is a recent initiative, with little adhesion from the population and few resources and means of dissemination. If the initiative continues and the population adheres to it, it is expected to raise awareness of local consumption, increase local trade, economy, and development, and build a local network of mutual support. This study also reveals that there are still no visible effects of the use of this currency that allow us to talk about social transformation.

Keywords: Social Innovation, Local Currency, Advantages, Social Transformation.

Índice

Agradecimentos	iv
Resumo	vi
Abstract	viii
Índice	x
Índice de Tabelas	xii
Introdução.....	14
Capítulo 1.....	20
Revisão de Literatura	20
1. Inovação Social, uma parte ativa de um futuro mais promissor	20
1.1 Moedas Locais: uma forma de Inovação Social	23
1.1.1 Os ‘superpoderes’ das Moedas Locais	26
Capítulo 2.....	31
Métodos e Técnicas de Investigação	31
1. Objetivos do Estudo	31
2. Técnicas de Recolha de Dados	32
3. Análise de Conteúdo.....	34
Capítulo 3.....	36
Análise e Discussão de Resultados	36
1. A Moeda MOR	36
2. Análise dos Resultados	38
2.1 Adesão	40
2.2 Economia Local	43
2.3 Comércio Local.....	44
2.4 Rede Local	45
2.5 Desenvolvimento Local.....	47
2.6 Iniciativa	49
3. Discussão dos Resultados.....	49
Capítulo 4.....	53
Conclusões e Pistas de Reflexão para Investigação Futura	53
Referências Bibliográficas	57
Apêndices	64
Anexos.....	138

Índice de Tabelas

Tabela 1: Caraterização dos entrevistados	39
---	----

Introdução

Perante os crescentes desafios do século XXI, como o aumento do desemprego e subemprego, o envelhecimento da população, o aumento das desigualdades (Escobar e Gutiérrez, 2011; Mischke et al., 2021), e a incapacidade do Estado e do mercado para proporcionar respostas atempadas e/ou adequadas a todas as necessidades da sociedade, procuram-se, por isso, soluções alternativas para lidar com problemáticas deste teor. Neste sentido, examina-se o conceito de inovação social, que se materializa em novos produtos, serviços e reconfigurações de práticas sociais, com benefícios para a sociedade como um todo, contribuindo para um desenvolvimento sustentável, tanto a nível ambiental e social como económico (Escobar e Gutiérrez, 2011). Apesar de já ser uma temática incluída nas agendas governamentais, é uma matéria que carece de maior divulgação junto de diferentes públicos para eventual fomento e capacitação de novas iniciativas desta natureza, assim como de mais investigação.

Adicionalmente, vivem-se tempos difíceis – pós pandemia (Covid-19), pleno conflito armado e respetivas consequências – em termos financeiros e sociais. É nestes períodos que surgem com mais frequência instrumentos monetários alternativos, como as moedas locais. É também nestas fases que estes instrumentos alternativos devem ser considerados e, aí reside a relevância deste trabalho: consiste num lembrete de que há instrumentos complementares capazes de minimizar efeitos de crises económicas e sociais. Considerada uma forma de inovação social, as moedas locais são uma alternativa à moeda convencional, ou melhor, um complemento ao sistema monetário oficial. As suas características permitem responder a aspirações e necessidades, quer sejam a nível económico, ambiental, social e/ou ético, até então não atendidas pelas

moedas oficiais (Meyer e Hudon, 2019). Geralmente, criadas para estimular a economia local, intensificando a dinâmica social e mantendo os recursos da comunidade dentro de uma determinada região, contribuem para a construção de uma sociedade mais inclusiva, sustentável e coesa. As moedas locais, devido às suas características diferenciadoras relativamente às moedas convencionais, apresentam diversas vantagens, contudo, o Estado Português e outros atores públicos, como os municípios, parecem ainda pouco permeáveis a estas iniciativas (Santos, 2019), acabando estas moedas por vezes, por ficar aquém tanto no seu uso, como nas suas potencialidades.

Neste sentido, esta investigação, além de contribuir para o conhecimento e divulgação da realidade das moedas locais em Portugal, pretende averiguar as vantagens, para uma comunidade, da implementação de uma moeda local por parte de associações sem fins lucrativos e instituições particulares de solidariedade social (IPSS), reforçando o valor que este instrumento pode ter na nossa sociedade e economia. Outro objetivo do estudo é averiguar se a implementação de uma moeda local desencadeia, ou não, uma efetiva transformação social na comunidade, e existindo, compreender o seu alcance.

Para se atingirem os objetivos da investigação, foi foco de análise a moeda local portuguesa do concelho de Montemor-o-Novo, o MOR. Situado na região do Alentejo Central, no distrito de Évora, o concelho beneficia de uma posição geoestratégica com acessos fáceis a cidades, como Lisboa, Évora e Badajoz, o que favorece o escoamento de produtos da região. Tendo em conta os dados obtidos pelo INE (2021), Montemor-o-Novo é a segunda cidade com mais habitantes do distrito de Évora (15 799 habitantes), apesar de, ao longo dos anos, ter vindo a perder densidade populacional. É uma região marcada por uma paisagem rural, com fortes fatores identitários ao nível paisagístico, com elementos naturais particulares e uma singularidade nos saberes, nos modos de

produção, nas crenças, entre outros, conjugados com uma vida cultural e associativa dinâmica (cm-montemorono, 2022). Inscrito numa região tradicionalmente associada a uma economia baseada predominantemente na agricultura, o setor primário do concelho de Montemor-o-Novo, ao longo dos anos, tem perdido peso para o setor terciário. Porém, o setor primário continua a deter na região do Alentejo uma importância superior à média nacional (CIMAC, 2014; Ferro, 2020; INE, 2021). Em Montemor-o-Novo, os recursos locais, as condições climáticas da região, o *know-how* do tecido produtivo, o acesso a água através de infraestruturas, como barragens, configuram um ecossistema muito particular com florestas de sobreiros e azinheiras, pecuária extensiva e produção de produtos agroalimentares, na maioria de origem regional, como carne, azeite, vinho, cortiça e cereais (cm-montemorono, 2022; Ferro, 2020).

Dado este contexto, o processo investigativo deste estudo procedeu-se em torno de três questões de investigação. A primeira, pretende averiguar as vantagens efetivas que decorrem da implementação da moeda MOR no concelho de Montemor-o-Novo. De seguida, apura-se se houve uma transformação social em Montemor-o-Novo. E, por fim, existindo uma transformação social, averigua-se até que ponto a moeda MOR é responsável por ela. Assim, as questões desta investigação são as seguintes:

- I. Quais as vantagens da implementação de uma moeda local por parte de organizações sem fins lucrativos e instituições de solidariedade social (IPSS)?
- II. As moedas locais, como é o caso do MOR, têm um efeito transformador na comunidade na qual circulam? Se essa transformação existir, em que moldes se processa?

Em Portugal, as iniciativas de moedas locais são ainda escassas. Não se conhece, por exemplo, nenhum estudo sobre a moeda MOR, até à data da submissão deste trabalho. Nessa medida, este é um estudo exploratório, que representa somente a realidade da moeda MOR e do seu impacto na comunidade do concelho de Montemor-o-Novo, não sendo, por isso, possível generalizar os resultados obtidos nesta investigação.

Este trabalho encontra-se dividido em quatro capítulos. O primeiro capítulo remete para o enquadramento teórico, no qual se explorou o conceito de inovação social e se destacou a sua importância para um desenvolvimento, tanto social como económico, resiliente e sustentável. Posteriormente, abordou-se um instrumento pertencente à inovação social ainda pouco representado e estudado em Portugal, as moedas locais. Neste ponto incluem-se as características, de modo geral, comuns a todas as moedas locais, abordando-se a sua forma, operacionalização e, em particular, as suas vantagens para uma comunidade e consequente reflexo na sociedade em geral.

O segundo capítulo versa sobre a metodologia utilizada no desenvolvimento desta investigação, começando por relembrar os objetivos da pesquisa. Em seguida, caracterizou-se, de forma breve, as técnicas de recolha de dados: a análise documental, a observação direta e a entrevista semiestruturada. Abordou-se, ainda, o método de análise de conteúdo, o qual foi utilizado no tratamento e na análise dos dados qualitativos para dar resposta às questões de investigação.

No terceiro capítulo, apresentam-se os dados, analisam-se e discutem-se os resultados. Primeiramente, analisaram-se fontes de informação secundárias, como o *website* e documentos elaborados e facultados pela própria associação A.Mor. Teve-se também em conta a observação direta possível aquando da realização de uma visita ao concelho de Montemor-o-Novo. De seguida,

analisou-se o discurso dos entrevistados, no sentido dos objetivos do trabalho para, por fim, apresentar-se a análise e discussão dos resultados obtidos relativamente às vantagens da moeda MOR para o concelho de Montemor-o-Novo, o seu efeito potencial como gerador de transformação social nessa comunidade, e consequentemente, o seu alcance, apoiados no enquadramento teórico apresentado no primeiro capítulo.

Por último, apresenta-se um conjunto de considerações finais, onde se incluem as principais conclusões deste estudo, assim como a apresentação dos resultados obtidos, enquanto respostas às questões teóricas de investigação deste estudo, as suas limitações e sugestões para futuras investigações nesta matéria.

Capítulo 1

Revisão de Literatura

1. Inovação Social, uma parte ativa de um futuro mais promissor

Numa era onde a racionalidade económica impera, desconsideram-se valores morais em prol de fins económicos, negligenciando a esfera social e ambiental. Neste sentido (e apesar de conquistas incomparáveis alcançadas até à data pelo ser humano, devido aos avanços científicos e tecnológicos), o aumento da desigualdade, o uso de recursos de forma desmedida e insustentável, o aumento do desemprego e subemprego, são desafios iminentes e complexos da sociedade do século XXI, para os quais as respostas ditas ‘convencionais’ – como inovações tecnológicas e económicas, regulação, inclusive, as próprias políticas de investimento público (Juliani, 2014) e soluções provenientes do mercado (Adro e Fernandes, 2019; Haskell et al., 2021) - têm demonstrado ser falíveis e desadequadas. Exemplo disto é a falta de capacidade do Estado em colmatar necessidades da população e, ainda, políticas de investimento público que privilegiam o aumento da competitividade, prejudicando o desenvolvimento social (Juliani, 2014) e descurando indivíduos em situações de grande fragilidade.

Assim sendo, e no âmbito deste trabalho, interessa aprofundar o tema de Inovação Social (IS), destacado por muitos autores (Adro e Fernandes, 2019; Eichler e Schwarz, 2019; Grimm et al., 2013; Haskell et al., 2021; Howaldt et al., 2021; Mulgan et al., 2007) como uma ferramenta viável e relevante para a

resolução de desafios sociais, políticos, económicos e ambientais, quer a nível local, regional e/ou nacional, quer mesmo a nível global.

Uma sociedade razoavelmente consciente, cooperativa e segura é uma sociedade onde é possível haver democracia e prosperidade económica (Lietaer e Dunne, 2013), três atributos cujas iniciativas de IS acabam por fomentar. De facto, a IS mostra-se imprescindível para o desenvolvimento e sustentabilidade de uma economia (Ávila e Monzón, 2018; Carvalho e Veríssimo, 2018), assim como tem evidenciado o papel das dimensões social e ambiental na capacidade de resiliência, capacidade de ação e consequente robustez de uma sociedade (Mulgan et al., 2007), reequilibrando os valores morais e sociais face aos predominantes valores económicos.

Importa, por isso, explicar o conceito de IS. Contudo, visto ser um conceito complexo (Feitosa et al., 2022) e relativamente recente (Bacq e Janssen, 2011; Farinha et al., 2020), a sua definição é ambígua (Neumeier, 2012). E, apesar de, atualmente, existir um maior conhecimento relativamente às dimensões que compõem este conceito (Pinto et al., 2021), continua a ser um conceito tido como insuficiente e díspar, o que gera uma grande variedade de definições e perspetivas (Edwards-Schachter e Wallace, 2017; Phillips et al., 2015). Tudo isto contribui para que não exista, e seja difícil de alcançar, uma definição consensualmente aceite por toda a comunidade científica (Novak, 2020) acerca do conceito de IS. Mas então, como se define o conceito de inovação social?

A generalidade das definições de IS apresenta características comuns, tais como:

i) carácter inovador, quer seja sob a forma de novas combinações, novas formas de produzir bens e prestar serviços ou reconfigurações de práticas sociais; ii) combate ou mitigação de uma necessidade social, sem resposta ou com resposta insatisfatória, por parte de instituições públicas ou do mercado,

ou seja, a solução encontrada terá de ser mais eficaz e/ou eficiente do que as alternativas existentes; iii) causar mudança social; iv) resultar na alteração ou criação de novos relacionamentos e colaborações, mesmo entre setores; v) o principal objetivo ser a criação de riqueza social, e não o aumento do valor económico; vi) o valor criado reverter a favor da sociedade como um todo, ao invés de indivíduos em particular (Adro e Fernandes, 2019; Ávila e Monzón, 2018; Carvalho e Veríssimo, 2018; Eichler e Schwarz, 2019; Farzad et al., 2020; Haskell et al., 2021; Novak, 2020; Phillips et al., 2015; Portales, 2019; von Jacobi et al., 2017).

As transformações positivas causadas pelas iniciativas, práticas ou ações de IS ocorrem ao nível social, ambiental, económico e/ou político (Grilo e Moreira, 2022), afetando indivíduos, organizações e a sociedade em geral. A sua manifestação pode ocorrer sob diversas formas, sendo elas: novas práticas - como conceitos, instrumentos de política, formas de interação social e cooperação, modelos organizacionais -, novos métodos, processos, regulações e padrões culturais (Adro e Fernandes, 2019; André e Abreu, 2006; Groot e Dankbaar, 2014; Haskell et al., 2021; Morrar et al., 2017). Podem surgir tanto no setor público como no setor privado, inclusive, em organizações com fins lucrativos (Phillips et al., 2015), e ainda, podem ser desenvolvidas por meros cidadãos, organizações – com ou sem fins lucrativos -, autoridades públicas e/ou atores políticos (Groot e Dankbaar, 2014; Howaldt et al., 2015).

Laconicamente, pode dizer-se que “as inovações sociais são inovações que são sociais tanto nos seus fins quanto nos seus meios” (European Commission, 2013, p.7). E, portanto, existe uma panóplia de formas de IS para os mais diversos propósitos sociais. A título de exemplo pode referir-se: *The Big Issue*, um jornal que existe desde 1991 no Reino Unido, vendido por indivíduos em situações de fragilidade social e/ou económica, que visa proporcionar-lhes um

rendimento legítimo¹; outro exemplo é o sistema de microcrédito concedido pelo Banco *Grameen*, criado em 1976, no Bangladesh. Esta organização de micro finanças empresta pequenas quantias de dinheiro a indivíduos pobres, sem condições de oferecer garantias, ao Banco *Grameen*, da capacidade de devolução do dinheiro emprestado (Lusa, 2019). Outra forma de IS são as moedas locais, sobre a qual esta investigação se debruça no subcapítulo seguinte. As moedas locais surgiram abundantemente durante a Grande Depressão (Peacock, 2014) – que se inicia em 1929 e continua durante a década de 1930. Atualmente existem cerca de 4500 moedas locais documentadas na literatura (Place e Bindewald, 2015 citado por Bazzani, 2020, p.3). Apesar das diferentes formas, áreas de intervenção e finalidades, todas as iniciativas de IS acabam por contribuir, de forma análoga, para um bem maior, o bem-estar comum, transformando a sociedade para melhor.

1.1 Moedas Locais: uma forma de Inovação Social

Dadas as situações com que temos sido confrontados nos últimos tempos - a disseminação mundial de uma nova doença (Covid-19), o conflito armado entre a Rússia e a Ucrânia e as respetivas consequências – o futuro que se avizinha não é claro, mas revela-se inquietante. Nestes períodos de crises financeiras e humanitárias, a confiança nos dogmas do sistema monetário convencional mostra-se abalada e, por isso, é nestas épocas que sistemas monetários alternativos, como moedas locais, créditos comunitários e sistemas financeiros alternativos (Blanc, 2013 e Servet, 2013, citado por Bazzani, 2020), ganham força e surgem com mais frequência.

¹ <https://www.bigissue.com/>

Estes sistemas estimulam o debate em torno da ontologia do dinheiro e das suas funções, assim como o seu papel ao serviço da humanidade (Meyer e Hudon, 2019). Despontam-se incertezas e receios sobre o ‘bom’ funcionamento do sistema monetário convencional, uma vez que este não apresenta um carácter sustentável, pois a criação de moeda oficial não é um processo democrático, promove práticas prejudiciais ao ambiente e à esfera social e, ainda, a própria circulação é, também ela, promotora de práticas prejudiciais, já que esta não segue normas sociais nem ambientais (Stamm, 2021) e, aliás, tende a seguir o trajeto mais lucrativo, acabando o capital por se concentrar em locais mais vantajosos, como contas em paraísos fiscais (Guimarães et al., 2019), e, assim, exclui e expõe, ainda mais, as pessoas mais frágeis da sociedade.

Enquanto o processo de criação de moeda convencional for um monopólio do sistema bancário, monitorizado pelo banco central, haverá, permanentemente, escassez e necessidades por atender, já que a moeda é gerada por meio de uma dívida bancária que, por sua vez, implica o pagamento de juros (Lietaer e Dunne, 2013). Quer isto dizer que a moeda que está na posse de um indivíduo ou entidade é a dívida de outro indivíduo ou entidade. Desta forma, incentiva-se à competição, ao egoísmo e à ganância, ao invés da cooperação e interajuda, aumentando, assim, as disparidades sociais e económicas, o consumo desmedido e insustentável, que por sua vez leva à exploração excessiva de recursos naturais – renováveis e não renováveis - e, por conseguinte, à degradação do meio ambiente.

Apesar de existirem razões fortes para se aplicar juros a empréstimos, como proteger o credor contra a falta de cumprimento do devedor, esta particularidade da moeda convencional apresenta outros efeitos prejudiciais, menos visíveis, nas relações sociais e de comércio, na própria sociedade e na sustentabilidade – financeira, social e ambiental (Lietaer e Dunne, 2013). A

moeda convencional, devido aos juros, impõe prioridades de curto prazo, em parte, porque é mais fácil fazer previsões precisas e assim incorrer num menor risco. De mais a mais, a voracidade e competição que o sistema monetário convencional impõe ao indivíduo fá-lo dar preferência a resultados rápidos, independentemente das consequências. Neste sentido, o planeamento a longo prazo é frequentemente descurado, originando consequências nocivas ao nível da sustentabilidade financeira, ambiental e, consequentemente, social. Assim sendo e de acordo com Lietaer e Dunne (2013), quando não existem alternativas à moeda convencional, o planeamento a curto prazo e as consequentes práticas comerciais destrutivas são a opção comumente escolhida, por ser a mais lucrativa.

Como forma de contrapor a hiperagressividade e a perspetiva de curto prazo do sistema monetário convencional, repor valores progressistas como a igualdade, a justiça social, a reciprocidade e a cooperação e fomentar um desenvolvimento mais ético, sustentável e coeso, surgem as moedas locais, uma alternativa às trocas de bens e serviços efetuadas no sistema monetário oficial. Também conhecidas por moedas comunitárias, sociais, complementares e cooperativas (Amato e Fantacci, 2019; Meyer e Hudon, 2019), estas moedas têm ressurgido, nas últimas décadas, como uma ferramenta inovadora que permite responder a aspirações e necessidades, quer sejam a nível económico, ambiental, social e/ou ético, até então não atendidas pelas moedas oficiais (Meyer e Hudon, 2019). Apesar das moedas locais ainda soarem como uma novidade, a coexistência de diversas moedas, historicamente, é mais comum do que a adoção de uma única moeda (Battilossi, 2019).

Ao contrário da grande maioria das inovações tecnológicas e económicas, cujo principal objetivo é a obtenção de lucro, as moedas locais têm como força motriz necessidades e valores sociais, pelo que podem ser encaradas como um,

de muitos, meios de transformação e IS, onde a dimensão social se sobrepõe à dimensão económica. Neste caso, a inovação está na criação de uma alternativa ao sistema monetário oficial, que democratiza e descentraliza a emissão e a gestão monetária da moeda, a nível local (Amato e Fantacci, 2019). Estes instrumentos monetários inovadores reafirmam a possibilidade de se criarem novas relações sociais, além das relações sociais capitalistas já estabelecidas.

O impacto das moedas locais é limitado (Stamm, 2021), uma vez que estas moedas, geralmente, são criadas para estimular a economia local, intensificando a dinâmica social e mantendo os recursos da comunidade dentro de uma determinada região. As moedas locais estão presentes em todos os continentes, inclusive, muitos países abrangem-nas nas suas políticas públicas de financiamento (Santos e Silva, 2014), obtendo-se, assim, um maior alcance e firmando-se o compromisso de uma sociedade mais inclusiva, sustentável e coesa. Habitualmente, estas iniciativas têm, também, uma duração limitada, em parte, porque muitas pessoas aderem a estas moedas com o intuito de obter vantagens económicas, algo que nem sempre acontece, e tampouco é um objetivo de todas as moedas locais (Evans, 2009), o que leva a crer que a implementação de uma moeda local implica abertura a outras formas de pensar a comunidade e a organização da vida material (Santos e Silva, 2014; García-Corral et al., 2020).

1.1.1 Os ‘superpoderes’ das Moedas Locais

Independentemente dos nomes e formas que estas moedas possam apresentar, diferem, em muitos aspetos, da moeda oficial, inclusive nos diversos propósitos que perseguem. A título de exemplo, há moedas locais que apoiam pessoas em situação de pobreza extrema e/ou dificuldades económicas,

como é o caso da moeda Mumbuca de Maricá, no Brasil (Cernev e Proença, 2016), outras alertam para questões ecológicas, como a moeda 'Lixo', que funcionava na Freguesia de Campolide, em Lisboa (Coelho, 2019a), ao passo que outras são direcionadas à instrução e educação, como é exemplo a moeda Rux Bux, criada por um diretor de uma escola secundária na cidade de Nova Iorque (Rux, 2012).

Dada a sua diversidade, as moedas locais podem ser operacionalizadas sob a forma de livre circulação de notas, sistema de débito e de crédito e banco de tempo (Seyfang e Pearson, 2000, citados por Coelho, 2019a). A livre circulação de notas funciona de forma idêntica à moeda convencional, com as moedas a circularem livremente entre cidadãos e estabelecimentos aderentes (Coelho, 2019a). Já no sistema de débito e de crédito, o indivíduo troca um bem ou serviço que pretenda adquirir por outro que o mesmo possa fornecer ou dar em troca (Coelho, 2019a). O banco de tempo, como o próprio nome indica, significa que as trocas são feitas usando o tempo como moeda de troca (Coelho, 2019a).

Tendo em conta esta classificação, a livre circulação de notas é o sistema que melhor descreve a moeda MOR, pois esta é uma moeda local cujo valor monetário se equipara ao euro, permitindo a comercialização de bens e serviços no concelho de Montemor-o-Novo. Esta moeda foi criada pela A.Mor, uma associação sem fins lucrativos, com o intuito de dinamizar a economia local, sensibilizar para a priorização do comércio local, criar e reter riqueza e fixar a população no concelho.

As moedas locais podem ser concebidas e desenvolvidas por cidadãos, empresas privadas, organizações sem fins lucrativos e estruturas do poder público local (Meyer e Hudon, 2019). Estes sistemas, para funcionarem, dependem da confiança mútua e reciprocidade entre os aderentes da moeda em questão (Santos e Silva, 2014). Regra geral, estas moedas são pensadas para

facilitar e ampliar transações de bens e serviços. Não são instrumentos de poupança nem são instrumentos de investimento. São, única e exclusivamente, um meio de troca (Lietaer e Dunne, 2013).

Esta alternativa ao sistema monetário convencional não pretende substituí-lo: pelo contrário, a sua intenção é complementá-lo colmatando, assim, algumas das suas lacunas (Bazzani, 2020). Assim sendo, a função reserva de valor é desempenhada apenas pela moeda oficial. Não sendo esta função característica das moedas locais e, portanto, estando isenta de qualquer especulação, os intervenientes não têm nenhuma vantagem na sua acumulação, o que, por sua vez, favorece a sua circulação. Além do mais, o facto da circulação das moedas locais estar circunscrita a uma determinada área geográfica impede a fuga de capitais e outros recursos, o que permite conservar a riqueza produzida, na área em questão (García-Corral et al., 2020).

Com efeito, usam-se os recursos da área, ao invés de importar de outros locais e, assim, torna-se possível alcançar um desenvolvimento mais sustentável, melhorando o escoamento do comércio e produtores locais e reduzindo o uso de combustíveis fósseis das exportações. Estas duas características permitem a dinamização, promoção e fortalecimento do comércio e desenvolvimento local, revitalizando-se o sentido de comunidade e construindo-se uma economia mais solidária, equitativa e cooperativa (García-Corral et al., 2020; Meyer e Hudon, 2019).

Relativamente à emissão e aplicação das moedas locais, ambas são controladas localmente. E os processos de decisão e gestão podem ser coletivos, isto é, levados a cabo ou influenciados pelos próprios utilizadores destas iniciativas. Desta forma, é devolvido algum poder à comunidade, permitindo uma autonomia simbólica no que concerne à economia local (Amato e Fantacci, 2019). Segundo Santos (2019), incluir os cidadãos na gestão destas iniciativas

incentiva-os a envolverem-se em questões de interesse público, levando a uma maior participação da comunidade na identificação de problemas e na procura por soluções, revelando-se, assim, um meio de incentivo à participação cívica.

Além disso, as moedas locais permitem aos intervenientes, mais do que aumentar a sua capacidade de consumo, desenvolver novas competências e vínculos sociais, constituindo um novo meio de realização pessoal e capacitando-os económica e socialmente, através da consideração de competências e saberes que não são valorizados no mercado de trabalho (Santos e Silva, 2014), concedendo-lhes uma verdadeira oportunidade de lutar pelos seus direitos e suprir as suas necessidades. Desta forma, a valorização do trabalho e da riqueza é concretizada de forma mais justa, o que se traduz num aumento de justiça social.

Ademais, as moedas locais, além de promoverem o desenvolvimento local e sustentável, impulsionam benefícios sociais coletivos, reduzem desigualdades e fortalecem comunidades mais frágeis, fomentando relações de intimidade e confiança e construindo uma rede de apoio mútuo entre os cidadãos (García-Corral et al., 2020). Concomitantemente, criam uma economia mais resiliente baseada na coadjuvação, companheirismo e empatia.

Segundo as ideias, teorias e estudos dos autores Amato e Fantacci (2019), García-Corral et al. (2020), Meyer e Hudon (2019), Santos (2019) e Santos e Silva (2014), as moedas locais apresentam diversas vantagens, contudo o Estado Português e outros atores públicos, como os municípios, parecem ainda pouco despertos para estas iniciativas (Santos, 2019) acabando estas moedas, por vezes, por ficar aquém das suas potencialidades máximas por ausência de reconhecimentos e incentivos. Levanta-se, assim, a seguinte questão: quais as vantagens que se encontram na implementação de uma moeda local por parte

das associações sem fins lucrativos e das instituições particulares de solidariedade social (IPSS), em particular no caso da moeda MOR?

Uma outra questão que nos suscitou curiosidade foi a seguinte: qual será o alcance da moeda local, enquanto potencial modelo de transformação e de inovação social? Por outro lado, admitindo, que essa transformação existe, em que moldes se faz sentir na comunidade na qual circula a moeda local?

Na sequência do que foi explorado neste capítulo, encetou-se um conjunto de procedimentos metodológicos que serão apresentados na secção subsequente, a fim de conhecer melhor a moeda local MOR, as motivações para a sua criação e vantagens efetivas para a comunidade na qual circula.

Capítulo 2

Métodos e Técnicas de Investigação

Após a exposição da teoria, reúnem-se as condições necessárias para, neste capítulo, a partir dos objetivos do estudo e questões de investigação, apresentar e justificar as opções metodológicas tomadas para concretizar este estudo.

1. Objetivos do Estudo

Este estudo parte da intenção de realçar o potencial das moedas locais como complemento às moedas convencionais, reforçando o reconhecimento da sua utilidade social e económica, através da exploração das suas características e vantagens. O estudo versa também sobre o alcance da implementação de uma moeda local como veículo de transformação e inovação social e, ainda, sobre as formas como esta transformação se faz sentir numa comunidade.

Para se alcançar os objetivos traçados para este estudo, a investigação foi feita com base numa abordagem qualitativa de natureza exploratória, cuja estratégia é o estudo de caso. É objeto de estudo a moeda local de Montemor-o-Novo (o MOR), uma moeda cuja evolução tem sido visível nos últimos tempos, inclusivamente adotou o formato digital há pouco tempo. Adicionalmente, até à data não se conhecem estudos sobre esta moeda, pelo que o contributo deste trabalho, ainda que seja um trabalho exploratório, passa, essencialmente, por descortinar e dar a conhecer uma faceta desconhecida da realidade social.

2. Técnicas de Recolha de Dados

Numa fase inicial da pesquisa, procedeu-se à recolha de informação a partir do *site* oficial do projeto² e de documentos produzidos e facultados pela própria associação da moeda MOR, consultou-se e examinou-se a história desta moeda, a sua evolução e o seu regulamento. Após esta análise documental, que permitiu um primeiro olhar sobre a moeda MOR, definiram-se outras duas técnicas de recolha de informação, a observação direta e a entrevista semiestruturada, para dar resposta às questões que desencadearam o estudo.

Em primeiro lugar, entrevistou-se a ex-presidente da direção da associação A.Mor e atual membro da mesa da assembleia geral - enquanto fonte privilegiada de informação -, no sentido de aprofundar o conhecimento relativo à moeda MOR, as razões que lhe deram origem, o seu modo de funcionamento, o seu papel na comunidade e as suas vantagens efetivas. Apesar de existir a possibilidade de este interlocutor não ser totalmente imparcial, o seu relato foi imprescindível para um conhecimento e entendimento plenos desta iniciativa.

A segunda técnica usada nesta pesquisa foi a observação direta. A visita a Montemor-o-Novo decorreu no dia 18 de fevereiro de 2023. Esta presença no terreno permitiu observar o funcionamento dos diferentes estabelecimentos aderentes à moeda local em estudo, compreender como se processa o pagamento de compras e serviços com a moeda MOR e as suas implicações. A recolha dos dados foi feita sob a orientação de duas grelhas de observação, presentes nos apêndices I e II.

Idealizou-se, inicialmente, realizar um *focus group* com utilizadores particulares - pessoas singulares que aderiram ao MOR e usam-no para fazer compras - e utilizadores profissionais - empresários, pessoas coletivas,

² <https://moedamor.pt/>

associações ou cooperativas com sede no concelho de Montemor-o-Novo que aceitam o MOR como meio de pagamento -, escolhidos de forma aleatória, para se apurar quais as suas motivações para aderirem ao projeto, as suas expectativas e os benefícios. Visto que esta técnica permitiria observar acordos e desacordos entre os participantes (Morgan, 1996 citado por Silva et al., 2014, pp.178-179), possibilitando gerar discussão sobre o tema e assim obter informações mais claras. Além disso, obter-se-iam mais dados em menor tempo e, usualmente, com menor custo (Amado, 2014). No entanto, tal não foi possível, acabando por se realizar, também, entrevistas semiestruturadas aos utilizadores.

A entrevista semiestruturada foi usada nesta pesquisa, pois permite, por um lado, um grande direcionamento para os assuntos-chave desta investigação, no entanto, por ser uma técnica flexível, na qual é possível, ao longo da entrevista, ir alterando as questões, ou a sua ordem, consoante o rumo da conversa, possibilita uma conversa mais fluida e, consequentemente, respostas mais espontâneas e livres (Boni e Quaresma, 2005). Além do mais, admite adaptar as questões ao entrevistado e ao seu contexto. Incluíram-se na amostra, tanto utilizadores particulares, como utilizadores profissionais, permitindo, tanto uma visão mais alargada da moeda, como apurar com maior acuidade o papel que esta assume no concelho, as suas vantagens, o seu alcance como potenciador de um processo de transformação e inovação social e os moldes em que o faz. A transcrição de todas as entrevistas, assim como o guião das mesmas, podem ser consultadas no apêndice III, IV e V.

Todos os entrevistados foram informados sobre os objetivos da pesquisa e foi-lhes garantido o uso exclusivo da informação recolhida para fins académicos. De forma a preservar a sua identidade e anonimato foi-lhes atribuído nomes fictícios. A assinatura de uma Declaração de Consentimento

Informado garantiu tanto o uso exclusivo da informação obtida para fins académicos como a autorização da gravação das entrevistas. Esta declaração, com exceção das entrevistas realizadas via telefónica e videochamada, caso em que o consentimento foi apenas verbalizado, foi assinada pelos inquiridos e pela entrevistadora e pode ler-se no anexo I.

A estrutura de ambas as entrevistas foi planeada no sentido das questões mais genéricas para as questões mais específicas, à medida que a conversa se desenvolveria. Ao afunilar as questões, obteve-se informação fundamental para se responder, posteriormente, às questões de investigação:

- I. Quais as vantagens da implementação de uma moeda local por parte de organizações sem fins lucrativos e instituições de solidariedade social (IPSS)?
- II. As moedas locais, como é o caso do MOR, têm um efeito transformador na comunidade na qual circulam? Se essa transformação existir, em que moldes se processa?

3. Análise de Conteúdo

Após a recolha dos dados obtidos com a realização das entrevistas e das respetivas transcrições, procedeu-se à sua análise, para uma melhor compreensão e interpretação do conteúdo e contexto do discurso dos entrevistados.

A análise de dados começou pela organização da informação, divisão dos dados e observação de palavras e/ou termos repetidos. Seguidamente, através da análise de conteúdo, e no sentido de cruzar informações e obter resultados do discurso dos entrevistados, categorizou-se e codificou-se (Bardin, 2011) o

material recolhido mais pertinente para o estudo, produzindo um sistema de categorias, que traduz as ideias-chave presentes, neste caso, nas transcrições analisadas, e ainda tem em conta o enquadramento teórico, chegando-se, assim, às seguintes categorias: adesão, economia local, comércio local, rede local, desenvolvimento local e iniciativa.

A análise de conteúdo, através de procedimentos sistemáticos e objetivos, i.e., através da codificação e classificação por categorias e subcategoria, permitiu tratar de forma analítica e interpretativa o discurso dos entrevistados, pautado por um certo grau de profundidade e complexidade, tendo em conta o ‘contexto’ ou ‘condições’ de produção em que os conteúdos ou elementos da mensagem foram proferidos (Amado, 2014). Desta forma, possibilitou-se e facilitou-se as interpretações e as inferências.

Neste sentido, realizou-se a análise de conteúdo das entrevistas, começando por analisar o discurso dos entrevistados sobre a opinião que detêm da moeda MOR, as vantagens que lhe atribuem, comparando-as com as vantagens supramencionadas no capítulo anterior e a capacidade de transformação e inovação social que lhe atribuem. Relativamente às categorias de análise, definiram-se seis categorias para tratar e classificar a informação recolhida, sendo elas: adesão, economia local, comércio local, rede local, desenvolvimento local e iniciativa. Esta análise exigiu uma leitura atenta e ativa das respostas dos entrevistados, a fim de categorizar as mensagens de acordo com o conteúdo por eles transmitido.

No capítulo seguinte, apresentam-se os resultados desta investigação, assim como a sua análise e discussão.

Capítulo 3

Análise e Discussão de Resultados

Após a caracterização dos métodos utilizados para a realização desta investigação, prossegue-se, neste capítulo, com a análise, discussão e reflexão crítica sobre os dados obtidos com a realização das entrevistas e a observação direta. Os depoimentos reunidos permitiram obter dados para conhecer as vantagens identificadas pelos utilizadores da moeda MOR, o seu alcance no modelo de transformação e inovação social e em que moldes essa transformação se faz sentir.

Neste capítulo, apresenta-se uma breve caracterização da moeda e dos utilizadores entrevistados, assim como a análise e a discussão crítica dos resultados obtidos através das nove entrevistas realizadas. Encetou-se a análise pelas potenciais vantagens da moeda em estudo e identificadas no discurso dos entrevistados. Por outro lado, averiguou-se a concordância e dissonância dos resultados obtidos neste trabalho com os resultados de outras pesquisas já realizadas e apresentadas no enquadramento teórico deste trabalho.

1. A Moeda MOR

A ideia da implementação de uma moeda local, em Montemor-o-Novo, surgiu no seio da Rede de Cidadania, uma rede de cidadãos informal, i.e. sem estatuto legal, cujo objetivo é promover ações locais, quer sejam de teor económico, social, cultural e/ou ambiental, para um futuro sustentável e uma

comunidade mais próxima³. Proveniente de uma iniciativa cidadã, o MOR nasceu em 2011 sob a forma de talão-prenda, uma espécie de vale de compras que assumia determinado valor gasto em euros e, posteriormente, oferecia a alguém ou o próprio utilizava na compra de produtos do Mercado Municipal. Assumiu, em 2013, a forma de uma moeda em papel (Moedamor, 2020). A 2018 foi criada pela A.Mor - Associação para a Moeda Local de Montemor-o-Novo -, com o propósito de desenvolver e implementar, a moeda MOR digital (Moedamor, 2020), formato sobre o qual esta investigação se debruça. Devido ao contexto pandémico, só em setembro de 2022 foi oficialmente lançada, apesar de até essa data ter funcionado como um projeto piloto (Moedamor, 2020).

Atualmente, o MOR é uma moeda local digital, que funciona através de uma aplicação de telemóvel ou de uma página da internet. A circulação do MOR ocorre somente no concelho de Montemor-o-Novo. O valor desta moeda equipara-se ao euro - i.e. 1 Euro equivale a 1 MOR -, não tem custos de conversão, nem tem custos de adesão e é gerida pela associação A.Mor. Os objetivos que a criação desta moeda visa cumprir são os seguintes: estimular a economia local, criar e reter riqueza, fixar a população na região, promover o desenvolvimento integrado do concelho e alertar para a necessidade de priorizar o comércio local (Moedamor, 2020).

Para aderir à moeda MOR é necessário preencher um formulário de adesão e enviá-lo para o correio eletrónico da associação. No caso da adesão de utilizadores profissionais, o formulário é mais completo e extenso, exigindo por parte da A.Mor mais tempo na concretização de todo o processo. As lojas aderentes à moeda MOR estão identificadas com um selo criado pela associação e/ou no *site* da moeda e aplicação de telemóvel, num mapa onde estão

³ <http://redemontemor.blogspot.com/>

sinalizados. Em princípio, os utilizadores profissionais não precisam de adquirir MOR porque vão receber sob a forma de pagamentos, mas os utilizadores particulares para começarem a comprar em MOR têm de primeiro adquiri-lo. Para se obter a moeda é necessário fazer uma transferência bancária em euros com o montante exato que pretende deter em MOR para a conta bancária da A.Mor e enviar por correio eletrónico o comprovativo, para garantir que por cada MOR emitido existe um euro no banco, a disponibilização dos MOR não é imediata, sendo um processo que depende da intervenção de um membro da direção da associação. Ao contrário dos utilizadores profissionais, os utilizadores particulares não podem trocar o MOR por euros, apenas transferi-los para outros utilizadores, uma vez que o objetivo é que a moeda MOR circule. Permite-se esta troca aos utilizadores profissionais para não se criar entraves à adesão dos mesmos, uma vez que estes temem não conseguir fazer face aos seus compromissos mensais que têm de ser concretizados em euros, como por exemplo o pagamento da água, e já que o sucesso desta iniciativa depende da adesão destes.

2. Análise dos Resultados

Atualmente, e segundo a informação disponibilizada no *site*⁴ da moeda MOR, esta iniciativa conta com a participação de 64 utilizadores particulares e 38 utilizadores profissionais. Para a realização deste estudo foram entrevistados 8 utilizadores, conforme a Tabela 1, e um representante dos órgãos sociais da A.Mor.

⁴ <https://moedamor.pt/>

Tabela 1: Caraterização dos entrevistados

Nome fictício	Idade	Género	Habilitações Literárias	Tipo de utilizador
Ana	37	Feminino	Licenciatura	Profissional
Bruna	44	Feminino	Secundário	Profissional
Carla	43	Feminino	Bacharelato	Profissional
Diana	40	Feminino	Mestrado	Profissional
Eva	26	Feminino	Mestrado	Particular
Filipa	49	Feminino	Licenciatura	Particular
Graça	60	Feminino	Doutoramento	Particular
Helena	61	Feminino	Licenciatura	Particular

As utilizadoras entrevistadas não recorrem com muita frequência à moeda.

Como já foi referido anteriormente, pretendeu-se, com este trabalho, além de averiguar as vantagens efetivas da implementação de uma moeda local, contribuir para o conhecimento e divulgação da realidade das moedas locais em Portugal. Deste modo, definiram-se seis categorias de análise do discurso dos entrevistados: adesão, economia local, comércio local, rede local, desenvolvimento local e iniciativa, cuja análise individual apresenta-se de seguida.

As tabelas de análise individual do discurso dos participantes referentes às seis categorias podem ser consultadas no apêndice VI.

2.1 Adesão

Relativamente ao incentivo à adesão de utilizadores, particulares e profissionais à moeda MOR, abordaram-se subcategorias como a divulgação, os descontos e a desmistificação da moeda MOR.

A falta de adesão da população à moeda MOR e a dificuldade em angariar novos utilizadores é um aspeto abordado, de forma mais ou menos explícita, por todas as entrevistadas. De acordo com o discurso da representante dos órgãos sociais da associação A.Mor, a adesão da população à moeda não tem sido algo imediato e sem esforço no incentivo à participação por parte da associação, tendo esta incorrido, ao longo do tempo, em várias tentativas e formas de divulgação, quer através das redes sociais (*Instagram* e *Facebook*) e *site* da moeda, quer na presença na feira anual do concelho de Montemor-o-Novo – a Feira da Luz -, quer através da distribuição de um primeiro folheto em papel elaborado pela associação, no ano de 2022. Este último foi pensado para ser distribuído por todas as caixas de correio do concelho de Montemor-o-Novo, no entanto, segundo a representante dos órgãos sociais da A.Mor, esta ação não correu como esperado, ficando muita gente sem nunca o receber.

Contudo, segundo esta entrevistada, os benefícios coletivos – o incentivo ao comércio local, a promoção da economia local e a eventual rede de apoio local - da moeda MOR para o concelho de Montemor-o-Novo parecem não ser suficientes para a adesão da população, o que vai ao encontro do que Evans (2009) defende relativamente à adesão às moedas locais: as motivações morais parecem não ser suficientemente fortes para que estas vingam. Neste sentido, para tornar a moeda e o seu uso mais atrativos, os pagamentos feitos em MOR têm descontos em alguns estabelecimentos comerciais aderentes, por exemplo, segundo o folheto elaborado pela A.Mor, no restaurante *À do Tagore* quem paga

com MOR tem cinco por cento de desconto, já no restaurante *Petiscaki* o pagamento em MOR oferece cinco por cento de desconto sobre o prato do dia.

Segundo a representante dos órgãos sociais da A.Mor e a utilizadora profissional, Carla, existe um certo receio em aderir à moeda MOR, especialmente utilizadores profissionais. Também duas outras pessoas pertencentes aos órgãos sociais da associação A.Mor, numa conversa informal, referiram a dificuldade e desconfiança dos mais velhos na utilização da moeda e da aplicação de telemóvel como meio de pagamento. A presença no terreno permitiu constatar esta dificuldade numa das bancas do Mercado Municipal, aquando do pagamento com MOR. Este pagamento só pode ser concretizado com a ajuda do filho de uma utilizadora de idade avançada que não sabia funcionar com a aplicação. De referir que no concelho de Montemor-o-Novo a população ativa – dos 15 aos 64 anos - é de cerca de 58,2% (valor abaixo da média nacional) e a percentagem de idosos ronda os 30,4% (valor acima da média nacional) (INE, 2021), num concelho predominantemente de raízes rurais, daí que seja plausível considerar que a tecnologia associada ao uso da moeda não seja adequada para um uso generalizado à população mais idosa.

Várias entrevistadas referiram não haver desvantagens na adesão e utilização da moeda MOR. Efetivamente, tanto a representante dos órgãos sociais da A.Mor como duas utilizadoras profissionais considera que a adesão à moeda MOR é uma vantagem para lojas aderentes, em termos de marketing, uma vez que, ao aderirem à moeda, aparecem nas redes sociais e *site* da associação, no folheto elaborado pela própria associação e, ainda, em algumas comunicações externas à associação que se referem à moeda, como é o caso do Catálogo de Natal de 2021 elaborado pela Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, Juntas de Freguesia do concelho e Associação Comercial do distrito de Évora.

A profissional, Carla, referiu, ainda, ter muitos clientes que optam pelo seu estabelecimento por este aceitar a moeda MOR, algo que também se verifica nos discursos das três entrevistadas particulares quando estas, de uma maneira ou de outra, demonstraram privilegiar estabelecimentos aderentes à moeda. Também no discurso da representante dos órgãos sociais da A.Mor se nota esta intenção, como se pode verificar na seguinte passagem:

“ (...) privilegio restaurantes e sítios onde tem MOR, sem dúvida! (...) Hoje, por exemplo, fui comprar uns bolos, uma pastelaria não entrou, fui à outra que já entrou.” (Representante dos órgãos sociais da A.Mor)

Contrariamente à percepção da utilizadora profissional, Carla, a entrevistada Ana, também esta utilizadora profissional, considerou que a moeda MOR não é motivo de maior afluência no seu estabelecimento.

Duas utilizadoras particulares, Eva e Helena, referiram ter tido dúvidas, inicialmente, quanto à adesão da população a este projeto. Outras duas utilizadoras, Diana e Graça, corroboraram a dificuldade e o esforço necessários para convencer os habitantes de Montemor-o-Novo a aderir à moeda local da região, conforme a seguinte declaração:

“É exigente comunicar isto, é muito exigente conseguir envolver a comunidade para começar a utilizar (...). E acho que realmente exige muitos recursos, para andar a fazer um trabalho quase que individual, de pessoa a pessoa, para conseguir explicar este sistema e para que ele seja efetivamente utilizado.” (Diana, utilizadora profissional)

Em suma, todos as entrevistadas parecem perceber que este é um projeto cujo interesse e sucesso depende da aceitação e da adesão da população. Contudo, o próprio âmbito da moeda - o local - limita o número de potenciais participantes, dificultando a sua expansão e afirmação (Coelho, 2019b).

2.2 Economia Local

Nesta categoria analisam-se as representações das entrevistadas sobre os efeitos da moeda MOR na economia de Montemor-o-Novo.

De acordo com a representante dos órgãos sociais da A.Mor, esta associação, juntamente com a moeda MOR, pretendem promover, fomentar e dinamizar a economia local. Das restantes quatro entrevistadas que se pronunciaram acerca deste aspeto, três parecem consentir que a moeda MOR contribui para a promoção da economia local, ao incentivar os utilizadores da moeda a comprar localmente. Destas três destaca-se o seguinte excerto:

“Acaba por fazer com que nós façamos mais compras dentro do território de Montemor. (...) O importante é gerar uma economia local, ou seja, que as pessoas comprem entre elas. (...) Ajuda bastante na economia local, sim.”
(Carla, utilizadora profissional)

Estes resultados vão ao encontro do que Coelho (2019b) defende, relativamente ao fortalecimento da economia local, considerando ser uma das funções que se atribui às moedas locais de forma unanime pela comunidade científica. Já a restante entrevistada, Diana, utilizadora profissional, considera que a moeda MOR ainda não contribui para fomentar os negócios locais, dizendo “(...) havia uma necessidade realmente de potenciar os negócios locais,

os pequenos negócios (...). (...) Acho que ainda não [contribui para atenuar esta necessidade]”.

2.3 Comércio Local

Nesta categoria analisam-se as representações das entrevistadas sobre a capacidade da moeda MOR servir como forma de consciencializar utilizadores e potenciais utilizadores para a importância de priorizar o comércio local.

A representante dos órgãos sociais da A.Mor e uma das utilizadoras particulares entrevistada entendem, à semelhança do que defendem Santos e Silva (2014), que a moeda local tem um sentido complementar pedagógico, pois faz referência à necessidade de uma mudança de paradigma relativamente às práticas de consumo. O discurso da representante dos órgãos sociais da A.Mor espelha bem o que ambas as entrevistadas consideram ser o papel da moeda MOR enquanto estimuladora do comércio local, quando refere: “consciencializar as pessoas que [primeiro está o] local, [em seguida] Portugal e só depois, quando não há outra opção, pronto. (...) consciencialização de que as nossas atitudes têm influência no que acontece aqui no concelho. (...) é ter uma comunidade mais ativa em relação à forma como consome.”

Efetivamente, as moedas locais encorajam os seus utilizadores a unirem-se para a troca de produtos e serviços entre eles (Williams et al., 2001, citado por Guimarães et al., 2019), alimentando cadeias produtivas mais justas e oferecendo outras formas de consumir e de fazer circular produtos e serviços, distintas da racionalidade económica inerente ao consumo capitalista (Santos e Silva, 2014).

Das restantes cinco entrevistadas que abordaram este assunto, três consideraram que a moeda tem sido, de facto, um meio de consciencialização

para a importância de se optar pelo comércio local, conforme ilustra o seguinte excerto:

“(...) noto que os comerciantes que adotaram também estão mais conscientes da importância deste tipo de iniciativas, e mesmo as pessoas que começam a usar, começam a perceber esses benefícios.” (Eva, utilizadora particular)

Contudo, as outras duas entrevistadas consideraram que a moeda local ainda não motivou uma maior consciência coletiva relativamente à importância de promover o consumo local. Segundo Ana, utilizadora profissional, “(...) as pessoas ainda não estão muito sensibilizadas para a lógica do local” e segundo Filipa, utilizadora particular, “para já acho que ainda não se [alcançaram] (...) os efeitos que se esperaria, digo eu, era a valorização dos produtos locais, a valorização do comércio local (...).”.

2.4 Rede Local

Nesta categoria analisa-se a capacidade da moeda MOR na construção de uma rede de apoio local.

Segundo García-Corral et al. (2020), as moedas locais favorecem a (re)construção de um ambiente de entreajuda, solidário, com um sentido comunitário forte, onde se estabelecem relações de intimidade e confiança entre os membros pertencentes a uma iniciativa deste teor, possibilitando a construção de uma rede de apoio mútuo entre eles. De acordo com o discurso dos entrevistados, apenas a representante dos órgãos sociais da A.Mor se referiu, de forma explícita, à criação de uma rede, que se subentende de apoio mútuo local: “uma rede de pertença (...) uma rede que é benéfica para todos”.

De forma pouco explícita e parca, a utilizadora profissional, Bruna, deteta o sentido comunitário que a moeda MOR confere ao concelho, “a Cooperativa aderiu, porque faz todo o sentido, em termos de (...) comunidade”.

Já a utilizadora profissional, Carla, referiu a importância de existirem trocas entre os outros utilizadores profissionais e o gosto que isso lhe dá. Parcerias e colaborações podem ser formas de os comerciantes se ajudarem mutuamente, tanto a atrair clientes, como a promover o seu negócio, renovando-se o espírito de partilha e entreajuda. Para a utilizadora particular, Graça, esta rede de apoio e entreajuda local ainda não existe, mas considera a moeda MOR um veículo capaz de potenciar a sua construção. Contudo, segundo a representante dos órgãos sociais da A.Mor, começa-se a ver os primeiros indícios da sua existência, quando utilizadores profissionais procuram fazer parcerias e colaborações entre eles, ilustrando a sua ideia com os seguintes exemplos, que observou recentemente:

“Há uma pessoa que vende flores e compotas e depois há outra pessoa que faz cestos em panos, e por exemplo, no Dia dos Namorados fizeram uma parceria, uma fez uns corações em tecido e pôs nos vasos das flores, e assim fizeram um conjuntinho. Por exemplo, um restaurante aqui na Rua de Aviz, também para o Dia dos Namorados, ofereceu, juntamente com uma senhora que tem uma loja de massagens e produtos naturais, um jantar mais uma massagem. Fizeram uma parceria. A ideia também é um bocadinho esta, sentir que fazem parte de uma rede.” (Representante dos órgãos sociais da A.Mor)

Segundo Katai et al. (2009), a principal característica que distingue as moedas locais das moedas convencionais é a melhoria das relações sociais, através da ajuda mútua na comunidade. Ou seja, a moeda local promove uma maior

articulação entre os cidadãos, surgindo, assim, novas redes de sociabilidade “baseadas na confiança e nos laços comunitários que revigoram as ações coletivas no âmbito local” (Santos e Silva, 2014, p. 225). De acordo com o relato da representante dos órgãos sociais da A.Mor, o propósito da criação de uma moeda local é também estabelecer uma rede de apoio e de entreajuda local, que beneficie toda a comunidade e onde todos se sintam integrados e incluídos. Esta ideia é similar ao que Seyfang e Pearson (2000), citados por Coelho (2019a), defendem relativamente à capacidade das moedas locais darem resposta ao enfraquecimento dos laços comunitários.

Destaca-se também as palavras da utilizadora profissional, Diana: “acho que me dá, essencialmente, uma sensação de poder estar a participar para alguma coisa”, que demonstra bem o que Colombo et al. (2001), citado por Coelho (2019a, pp. 779-780) defendem, isto é, a participação de um indivíduo na vida comunitária fortalece o sentimento de pertença a essa comunidade, permitindo, eventualmente, maior desenvolvimento da comunidade em questão.

2.5 Desenvolvimento Local

Dos efeitos da moeda na economia local, da consciencialização da população relativamente à importância de se consumir localmente e da capacidade da moeda em construir uma rede de apoio local, chega-se à categoria desenvolvimento local, na qual se analisa a visão das entrevistadas sobre a capacidade da moeda MOR para potenciar o desenvolvimento do concelho, quer seja em termos económicos, sociais, éticos ou ambientais.

Relativamente ao desenvolvimento local, em termos económicos, todas as entrevistadas reconhecem, de forma mais ou menos explícita, a relevância da moeda MOR na potencial promoção da economia local. De modo geral, as

entrevistadas consideram que a moeda MOR incentiva os utilizadores, particulares e profissionais, a privilegiar os produtos e comércio locais, considerando esta moeda como um veículo que potencia a existência de mais compras realizadas localmente, o que dinamiza o comércio local, estimula as pequenas produções e, conseqüentemente, impulsiona a economia local. Similarmente, os autores García-Corral et al. (2020) e Meyer e Hudon (2019) defendem que as moedas locais são instrumentos capazes de dinamizar, promover e fortalecer tanto o comércio como o desenvolvimento local, como por exemplo com a expansão ou criação de atividades económicas e/ou iniciativas de ordem cultural e recreativa.

Contudo, das nove entrevistadas, apenas três atribuem, claramente, à moeda MOR a responsabilidade pela retenção de riqueza no concelho de Montemor-o-Novo. Inclusive, segundo a representante dos órgãos sociais da A.Mor, o volume de negócios gerados através da moeda MOR já triplicou o número de MOR's emitidos: 5 866.

Além da característica das moedas locais de restrição da sua circulação a uma área geográfica permitir, por um lado, a retenção da riqueza nessa área, não só sob a forma de capitais como de outros recursos (García-Corral et al., 2020), por outro lado, usar os recursos da localidade permite, além de melhorar o escoamento dos produtores e comércio locais, diminuir as importações e o que estas acarretam. Desta forma, as moedas locais estimulam a autonomia e a autossuficiência comunitária, contribuindo para um desenvolvimento mais sustentável, baseado em justiça social e em relações sociais cooperativas e solidárias (Coelho, 2019a; Guimarães et al., 2019). Contudo, são apenas duas as entrevistadas, Bruna e Graça, que parecem reconhecer o valor do MOR na promoção de um desenvolvimento local mais sustentável.

2.6 Iniciativa

Com esta categoria pretende-se perceber qual é o conhecimento, ou a sua ausência, da população do concelho de Montemor-o-Novo sobre a sua moeda.

Segundo Santos e Silva (2014, p.226), em Portugal, ainda existe um certo preconceito e desconhecimento em relação ao sentido e à aplicação das moedas locais. Das cinco entrevistadas, incluindo a representante dos órgãos sociais da A.Mor, consideram que existem pessoas que não entendem a moeda MOR, nem o seu propósito. Inclusive, segundo a representante dos órgãos sociais da A.Mor, desde o início do projeto até ao presente, houve dois comerciantes a abandonar a moeda por não perceberem as suas vantagens. Uma das utilizadoras particulares considera que, inicialmente, a população não entendia a diferença entre usar a moeda local e usar a moeda convencional. Tudo isto está em concordância com o que Santos e Silva (2014) defendem em relação às iniciativas portuguesas deste tipo: nem sempre são claras as funções que as moedas locais cumprem. As outras duas entrevistadas restantes que também se pronunciaram acerca deste assunto admitiram ter tido dúvidas, inicialmente, quanto à aplicação da moeda no concelho.

3. Discussão dos Resultados

A análise dos discursos revela um dos maiores entraves ao sucesso deste projeto: a baixa adesão por parte da população local à moeda MOR. Todas as entrevistadas expressaram que a adesão é, ainda, muito reduzida. Tendo em conta os relatos das entrevistadas, parece haver um certo desconhecimento e receio por parte da população não aderente. Atualmente, a moeda MOR está, ainda, muito dependente do trabalho de dinamização da associação A.Mor e

demonstra, igualmente, uma fraca apropriação e participação efetiva da comunidade, o que, segundo Santos e Silva (2014) são fatores que estão diretamente relacionados com a cessação de projetos deste teor em Portugal. Uma vez que a adesão à moeda depende das relações de confiança entre os diferentes atores envolvidos, e sendo esta moeda um instrumento criado e gerido por uma iniciativa cidadã, o apoio do poder público local, como o da Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, poderia reforçar a confiança da população na moeda MOR, e também permitiria melhores condições na dinamização e na sua divulgação. Parece plausível afirmar que a adesão poderia ser mais alargada se houvesse mais informação acerca das moedas locais e se a moeda MOR fosse mais conhecida, mesmo em concelhos vizinhos, já que pode, também, ter interesse para pessoas que frequentem com regularidade o concelho de Montemor-o-Novo, mesmo que não residam nele.

Quem adere e usa o MOR parece desenvolver uma maior propensão para comprar localmente, inclusive, quatro das nove entrevistadas dizem já ter escolhido determinado estabelecimento em detrimento de outros por estes aceitarem a moeda MOR, consequentemente, há uma maior valorização do comércio local.

Relativamente à construção de uma rede de apoio local, as entrevistadas, com exceção da representante dos órgãos sociais da A.Mor e de Graça, utilizadora particular, referem-se, essencialmente, à possibilidade da moeda permitir um sentido comunitário mais forte, no entanto, em relação a vantagens sociais, não vão muito além disto.

Apesar de ainda pouco expressivas, as vantagens da moeda MOR, mencionadas pelas entrevistadas, são a priorização do comércio local, o favorecimento da economia local e uma potencial rede de apoio local. Estas vantagens contribuirão para um maior empoderamento e desenvolvimento

local. Contudo, não se dispõe de dados suficientes para garantir que a moeda MOR já contribui, de facto, para o desenvolvimento do concelho de Montemor-o-Novo.

Além das categorias desenvolvidas para a análise dos dados, vale a pena abordar a dimensão da identidade local, uma vez que, segundo Soares (2011), citado por Santos e Silva (2014), as moedas locais, além de combaterem o enfraquecimento dos laços sociais e a alienação crescente das pessoas à vida em comunidade, combatem também a erosão da identidade local. O local e a região são dimensões que têm ganho importância, pelas suas capacidades de gerar vantagens competitivas face às forças da globalização, com a identificação das particularidades da localidade e dos seus recursos (Roca e Mourão, 2003). Neste sentido, e segundo Varga e Kovács-Szamosi (2020), a vantagem social das moedas locais é fortalecer a identidade local da comunidade onde circulam. No entanto, apenas uma entrevistada (particular) refere esta singularidade que a moeda MOR poderia oferecer em relação a outros concelhos de Portugal.

Outro fator que se destaca com a realização das entrevistas é o facto de todas as entrevistadas serem mulheres, o que reforça a noção de que a sociedade portuguesa é ainda muito tradicional no que concerne aos papéis de género, tendo o homem um papel muito passivo relativamente às tarefas domésticas. Montemor-o-Novo não será exceção, situado na região do Alentejo Central, apresenta uma base cultural forte, assente na tradição (cm-montemoronovo, 2022; Ferro, 2020). Neste sentido, parece plausível admitir que, maioritariamente, são as mulheres quem mais faz compras para casa e, nessa medida, estão mais envolvidas com o uso da moeda MOR.

Por último, e de acordo com aquilo que as entrevistadas disseram, não há, ainda, efeitos visíveis da utilização desta moeda que permitam falar em transformação social. Segundo três das entrevistadas, poderá ser por ser um

projeto, ainda muito recente e, portanto, ainda não teve tempo para se consolidar. Ou, então, apesar dos esforços da associação, relatados pela representante dos órgãos sociais da A.Mor, na divulgação da moeda, estes não serão suficientes, inclusive, três entrevistadas consideram que seriam necessários mais recursos ou mais apoio da Câmara Municipal de Montemor-o-Novo para que estes esforços fossem mais eficazes. Uma outra hipótese é a fraca adesão por parte da população, o que não permite que esta moeda tenha um grande impacto na comunidade e, por isso, as entrevistadas referem que a influência da moeda na comunidade é ainda nenhuma, muito relativa ou muito incipiente.

Capítulo 4

Conclusões e Pistas de Reflexão para Investigação Futura

No contexto do fenómeno da globalização e novas tecnologias verificam-se desequilíbrios na regulação económica do mercado e das relações sociais, assistindo-se ao agravamento de desigualdades sociais e de práticas de produção e de consumo insustentáveis, tendentes a um esgotamento dos recursos naturais e das próprias forças do trabalho.

A IS configura uma perspetiva diversa de encarar a racionalidade económica, mostrando-se mais atenta à integração e equilíbrio das diferentes forças e fatores económicos, assumindo novas formas ao nível da produção de bens e prestação de serviços e reconfigurações de práticas sociais, desempenhando um papel importante no combate ou mitigação de uma necessidade social sem resposta ou com resposta insatisfatória por parte de instituições públicas ou do mercado.

De entre as diferentes práticas de IS, as moedas locais apresentam-se, maioritariamente, como instrumentos capazes de facilitar e ampliar transações de bens e serviços e cujas funções as moedas convencionais não satisfazem, nomeadamente, o fortalecimento da economia local (Coelho, 2019a). Neste caso, a moeda local de Montemor-o-Novo, concelho de tradição rural com uma percentagem de população idosa acima da média nacional (INE, 2021), emergiu da constatação de um progressivo decréscimo na atividade do Mercado Municipal. Deste modo, a moeda MOR surgiu com os objetivos de estimular a economia local, criar e reter riqueza, fixar a população na região, promover o

desenvolvimento integrado e alertar para a importância de consumir o que se produz localmente.

O processo inicia-se com a conversão de euros em MOR, fazendo-se compras de bens ou serviços nos estabelecimentos aderentes recorrendo a esta moeda. Os comerciantes aderentes podem continuar a fazer circular a moeda entre si ou optar por trocar os MOR por euros, contudo, o interesse é que a moeda esteja em contínua circulação pelos vários membros aderentes da comunidade. Contudo, segundo informação ventilada por um outro representante dos órgãos sociais da A.Mor, numa conversa informal, tal não se verifica, entre os comerciantes aderentes, evidenciando desconhecimento sobre o sentido e a aplicação da moeda, o que vai ao encontro do que Santos e Silva (2014) enunciam em relação às moedas locais portuguesas.

Sendo este um estudo exploratório e, nessa medida, os dados recolhidos não permitam garantir e generalizar conclusões, constatou-se que o uso da moeda MOR contribui para a promoção da economia local, ainda que de forma pouco expressiva. O mesmo se verifica no que concerne à criação e retenção de riqueza e promoção do desenvolvimento integrado local. Já no que respeita à fixação da população no concelho, não há, por enquanto, quaisquer evidências de que a sua utilização influencie neste sentido. No imediato, o que é mais consensual entre as entrevistadas é que o uso da moeda MOR suscitou uma maior consciencialização e motivação nos seus aderentes para o consumo de produtos locais.

Como evidência, em parte explicativa, dos incipientes efeitos do uso da moeda MOR ao nível da revitalização e desenvolvimento da economia local, há a considerar o tempo, ainda diminuto, da implementação da moeda MOR, assim como o reduzido número de utilizadores.

A escassez de meios para a sensibilização e divulgação junto da comunidade da moeda MOR e o modo de operacionalização da própria moeda e as suas transações, exigindo o domínio e a posse de meios tecnológicos não acessíveis a todas as faixas etárias, parecem concorrer para os reduzidos níveis de adesão, comprometendo e/ou atrasando a evolução das dinâmicas locais tendentes ao desenvolvimento dos objetivos de médio e longo prazo subjacentes ao uso da moeda. Poder-se-á acrescentar a estes fatores que a lógica da moeda apela a um benefício coletivo, sem resultados imediatos e sem benefícios individuais no presente, mostrando-se as motivações morais razões insuficientes para a adesão à moeda local, tal como defende Evans (2009).

Apesar do reduzido peso da moeda MOR no concelho, as vantagens esperadas desta moeda mostram-se congruentes com algumas das identificadas por vários autores (García-Corral et al., 2020; Santos e Silva, 2014; Stamm, 2021), designadamente, o incentivo ao comércio e consumo de produtos locais, o estímulo da economia e desenvolvimento locais e o fortalecimento das relações de proximidade e dos laços comunitários na comunidade na qual a moeda circula.

Relativamente ao alcance da moeda MOR, enquanto potencial modelo de transformação e de inovação social, ainda não é possível avaliar, por ser uma iniciativa recente, por não haver suficiente divulgação e pela adesão da população à moeda ser reduzida. Neste sentido, existem apenas perceções sobre os seus efeitos na economia, comércio e desenvolvimento locais, assim como sobre a evolução desta iniciativa, pelo que importará, em investigações futuras, avaliar a evolução e os eventuais impactos desta iniciativa, com recurso a uma amostra de dimensão mais alargada.

Refira-se, a este nível, a fragilidade desta iniciativa, que depende do trabalho voluntário de um conjunto reduzido de indivíduos e da sua capacidade para

assegurar a manutenção e suporte da moeda MOR. Há, contudo, a ressaltar o recente apoio financeiro que a A.Mor recebeu por parte do Município, expressão do reconhecimento da importância desta iniciativa no desenvolvimento económico e social do concelho.

Sabendo tratar-se de uma iniciativa inovadora numa comunidade de raízes tradicionais, a confiança e a compreensão são dimensões que assumem particular relevância para a adesão dos moradores à moeda. Neste sentido, surge a seguinte questão: se a esta iniciativa cidadã se juntasse a participação ativa de algum organismo público, designadamente, a Câmara Municipal, esta moeda local estaria mais consolidada?

Em suma, há ainda um longo caminho a percorrer no que respeita à moeda MOR, dado que os obstáculos como o desconhecimento do objetivo da moeda, o seu modo de funcionamento complexo e a insuficiência de recursos para a sua divulgação põem em causa o seu futuro e a sua viabilidade.

Referências Bibliográficas

Adro, F. D., & Fernandes, C. (2020). Social innovation: a systematic literature review and future agenda research. *International Review on Public and Nonprofit Marketing*, 17(1), 23-40. <https://doi.org/10.1007/s12208-019-00241-3>

Alberto, S. & Ramirez, C. (2021). Degrees of consensus and experts' views on community and complementary currencies. *International Journal of Community Currency Research*, 25(2), 28-41. <http://dx.doi.org/10.15133/j.ijccr.2021.0013>

Amado, J. (2014). *Manual de investigação qualitativa em educação* (2nd ed.). Imprensa da Universidade de Coimbra. <http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0879-2>

Amato, M. & Fantacci, L. (2019). Complementary Currencies. In Battilossi, S., Cassis, Y. & Yago, K. (Eds.), *Handbook of the History of Money and Currency* (pp. 501-522). Springer. <https://doi.org/10.1007/978-981-13-0596-2>

CIMAC (2014, Dezembro). *Estratégia Integrada de Desenvolvimento Territorial: Alentejo Central* 2020. <https://www.cimac.pt/wp-content/uploads/2020/11/Estrategia-de-Desenvolvimento-Territorial.pdf>

André, I. & Abreu, A. (2006). Dimensões e espaços da inovação social. *Finisterra*, 41(81), 121-141. <https://doi.org/10.18055/Finis1465>

Ávila, R. C. & Monzón, J. L. (2018). *Best practices in public policies regarding the European Social Economy post the economic crisis*. CIRIEC International. <https://doi.org/10.2864/623436>

Bacq, S., & Janssen, F. (2011). The multiple faces of social entrepreneurship: A review of definitional issues based on geographical and thematic criteria. *Entrepreneurship & Regional Development*, 23(5-6), 373-403. <http://doi.org/10.1080/08985626.2011.577242>

- Bardin, L. (2011). *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Battilossi, S., Cassis, Y. & Yago, K. (Eds.). (2019). *Handbook of the History of Money and Currency*. Springer. <https://doi.org/10.1007/978-981-13-0596-2>
- Bazzani, G. (2020). The Sardex Experience. In A. Maurer & U. Schimank (Eds.), *When Money Changes Society: The case of Sardex money as community* (pp.1-7; 27-58). Springer Nature. https://doi.org/10.1007/978-3-658-28533-3_3
- Boni, V., & Quaresma, S. J. (2005). Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Em Tese*, 2(3), 68-80.
- Carvalho, L. C., & Veríssimo, P. (2018). Do Empreendedorismo Social À Responsabilidade Social Corporativa: Um estudo de caso. *Holos*, 7, 59-76. <https://doi.org/10.15628/holos.2018.3390>
- Cernev, A. K., & Proença, B. A. (2016). Mumbuca: A primeira moeda social digital do Brasil. *GVcasos*, 6(2). <https://dx.doi.org/10.12660/gvcasosv6n2c15>
- cm-montemorono (2022, Setembro 30). *Conhecer o concelho*. <https://www.cm-montemornovo.pt/visitante/conhecer-o-concelho/>
- Coelho, S. L. (2019a). E pudesse eu pagar de outra forma: O uso de uma moeda local como instrumento mobilizador de práticas de reciclagem e de dinamização do comércio local em Campolide. *Análise Social*, LIV(4), 760-781. <https://doi.org/10.31447/as000032573.2019233.04>
- Coelho, S. L. (2019b). Moedas Locais: reflexões sobre três casos em Portugal. *Journal of Studies in Citizenship and Sustainability*, 4
- Edwards-Schachter, M., & Wallace, M. L. (2017). ‘Shaken, but not stirred’: Sixty years of defining social innovation. *Technological Forecasting and Social Change*, 119, 64-79. <https://doi.org/10.1016/j.techfore.2017.03.012>
- Eichler, G. M., & Schwarz, E. J. (2019). What sustainable development goals do social innovations address? A systematic review and content analysis of

social innovation literature. *Sustainability*, 11(2), 522.
<https://doi.org/10.3390/su11020522>

Escobar, J. J., & Gutiérrez, A. C. M. (2011). Social economy and the fourth sector, base and protagonist of social innovation [Special issue]. *CIRIEC-España*, 73, 33-60.

European Commission. (2013). *Guide to social innovation*. Publications Office of the European Union. <https://doi.org/10.2776/72046>

Evans, M. S. (2009). Zelizer's theory of money and the case of local currencies. *Environment and Planning*, 49(5), pp. 1026-1041.
<https://doi.org/10.1068/a4144>

Farinha, L., Sebastião, J. R., Sampaio, C., & Lopes, J. (2020). Social innovation and social entrepreneurship: discovering origins, exploring current and future trends. *International Review on Public and Nonprofit Marketing*, 17(1), 77-96.
<https://doi.org/10.1007/s12208-020-00243-6>

Farzad, F. S., Yashar, S., Amran, A. B. & Hafezalkotob, A. (2020). Social Innovation: Towards A Better Life After Covid-19: What To Concentrate On. *Journal of Entrepreneurship, Business and Economics*, 8(1), 89-120.
<http://scientificia.com/index.php/JEBE/article/view/131>

Feitosa, M. J. da S., Sano, H., & Ramos, A. S. M. (2022). Barreiras e Indutores da Inovação Social: Uma Revisão Sistemática de Literatura. *Studies in Social Sciences Review*, 3(3), 768-783. <https://doi.org/10.54018/sssrv3n3-006>

Ferro, M. I. T. (2020). *Sistema Alimentar de Proximidade e Economia Circular de Base Social: O caso de Montemor-o-Novo* [Tese de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa]. run Repositório. <http://hdl.handle.net/10362/107456>

García-Corral, F. J., de Pablo-Valenciano, J., Milán-García, J. & Cordero-García, J. A. (2020). Complementary currencies: An analysis of the creation

process based on sustainable local development principles. *Sustainability*, 12(14).
<https://doi.org/10.3390/su12145672>

Grilo, R. & Moreira, A. C. (2022). The social as the heart of social innovation and social entrepreneurship: an emerging area or an old crossroads?. *International Journal of Innovation Studies*, 6(2), 53-66.
<https://doi.org/10.1016/j.ijis.2022.03.001>

Grimm, R., Fox, C., Baines, S., & Albertson, K. (2013). Social innovation, an answer to contemporary societal challenges? Locating the concept in theory and practice. *Innovation: The European Journal of Social Science Research*, 26(4), 436-455.
<https://doi.org/10.1080/13511610.2013.848163>

Groot, A., & Dankbaar, B. (2014). Does Social Innovation Require Social Entrepreneurship?. *Technology Innovation Management Review*, 4(12), 17-26.
<https://doi.org/10.22215/timreview854>

Guimarães, I., Coelho, S. L. & Soares, C. (2019). Portuguese Local Currencies: The Recent Cases of Fundão and Covilhã. In S. L. Coelho & G. Marcelo (Eds.), *Ética, Economia e Sociedade: Questões cruzadas* (pp. 324-342). Universidade Católica Editora.

Haskell, L., Bonnedahl, K. J., & Stål, H. I. (2021). Social innovation related to ecological crises: A systematic literature review and a research agenda for strong sustainability. *Journal of Cleaner Production*, 325.
<https://doi.org/10.1016/j.jclepro.2021.129316>

Howaldt, J., Kopp, R., & Schwarz, M. (2015). Social innovations as drivers of social change: exploring Tarde's contribution to social innovation theory building. In Nicholls, A., Simon, J., & Gabriel, M. (Eds.), *New Frontiers in Social Innovation Research* (pp. 29-51). Palgrave Macmillan.
<https://doi.org/10.1057/9781137506801>

Howaldt, J., Kaletka, C., & Schröder, A. (2021). A Research Agenda for Social Innovation: the emergence of a research field. In Howaldt, J., Kaletka, C., & Schröder, A. (Eds.), *A Research Agenda for Social Innovation* (pp. 1-17). Edward Elgar Publishing. <https://doi.org/10.4337/9781789909357>

Hughes, N. (2015). The Community Currency Scene in Spain. *International Journal of Community Currency Research*, 19(A), 1-11.

INE. (2021). Recenseamento da população e habitação - Censos 2021. <https://tabulador.ine.pt/indicador/?id=0011609>

Juliani, D. (2014, Agosto, 8-9). *Inovação Social: Uma revisão sistemática de literatura* [Simpósio]. X Congresso Nacional de Excelência em Gestão, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. https://www.inovarse.org/sites/default/files/T14_0269.pdf

Lietaer, B. & Dunne, J. (2013). *Rethinking Money: How New Currencies Turn Scarcity Into Prosperity*. Berrett-Koehler Publishers.

Lietaer, B. & Hallsmith, G. (2006). Community currency guide. *Global Community Initiatives*. Available from: https://base.socioeco.org/docs/community_currency_guide.pdf

Lusa. (2019, Maio 23). *Nobel da Paz Muhammad Yunus defende "banco para os pobres" em Cabo Verde*. Diário de Notícias. <https://www.dn.pt/lusa/nobel-da-paz-muhammad-yunus-defende-banco-para-os-pobres-em-cabo-verde--10933804.html>

Meyer, C. & Hudon, M. (2019). Money and the Commons: An Investigation of Complementary Currencies and Their Ethical Implications. *Journal of Business Ethics*, 160(1), 277-292. <http://dx.doi.org/10.1007/s10551-018-3923-1>

Mischke, J., Woetzel, J., & Birshan, M. (2021, Abril). The Necessity of Doing Well by Doing Good. *Milken Institute Review*. <https://www.milkenreview.org/articles/the-necessity-of-doing-well-by-doing-good>

Moedamor (2020, Novembro). A moeda local de Montemor-o-Novo.
<https://moedamor.pt>

Morrar, R., Arman, H., & Mousa, S. (2017). The Fourth Industrial Revolution (Industry 4.0): A Social Innovation Perspective. *Technology Innovation Management Review*, 7(11), 12-20. <http://doi.org/10.22215/timreview/1114>

Mulgan, G., Tucker, S., Ali, R., & Sanders, B. (2007, Março 1). Social Innovation: What it is, Why it matters and How it can be accelerated. *The Young Foundation*. <https://www.youngfoundation.org/our-work/publications/social-innovation-what-it-is-why-it-matters-how-it-can-be-accelerated/>

Neumeier, S. (2012). Why do Social Innovations in Rural Development Matter and Should They be Considered More Seriously in Rural Development Research? – Proposal for a Stronger Focus on Social Innovations in Rural Development Research. *Sociologia Ruralis*, 52(1), 48-69. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9523.2011.00553.x>

Novak, M. (2020). Social innovation and Austrian economics: Exploring the gains from intellectual trade. *The Review of Austrian Economics*, 34(1), 129–147. <https://doi.org/10.1007/s11138-020-00503-y>

Peacock, M. S. (2014). Complementary currencies: history, theory, prospects. *Local Economy*, 29(6-7), 708-722. <https://doi.org/10.1177/0269094214553174>

Phillips, W., Lee, H., Ghobadian, A., O'Regan, N., & James, P. (2015). Social Innovation and Social Entrepreneurship: A Systematic Review. *Group & Organization Management*, 40(3), 428-461. <https://doi.org/10.1177/1059601114560063>

Pinto, H., Nogueira, C., Guerreiro, J. A., & Sampaio, F. (2021). Social Innovation and the Role of the State: Learning from the Portuguese Experience on Multi-Level Interactions. *World*, 2(1), 62-80. <https://doi.org/10.3390/world2010005>

Portales, L. (2019). *Social Innovation and Social Entrepreneurship: Fundamentals, concepts, and tools*. Palgrave Macmillan. [https://doi.org/10.1007/978-3-030-13456-](https://doi.org/10.1007/978-3-030-13456-3)

3

Roca, Z., & Mourão, J. (2003). Identidade e desenvolvimento territorial entre a retórica e a prática. *Revista de Humanidades e Tecnologias*, 102-110.

Rux, S. (2012, December 14). Why a principle created his own currency? [Interview]. National Public Radio. <https://www.npr.org/sections/money/2012/12/14/167194092/how-a-middle-school-principal-convinced-students-to-come-to-school>

Santos, L. L. (2019). Broadening the economic imagery through European complementary currencies: Citizen-driven economic initiatives and community autonomy as key concepts. In S. L. Coelho e G. Marcelo (Coords.), *Ética, Economia e Sociedade: Questões cruzadas* (pp. 343-364). Porto: Universidade Católica Editora.

Santos, L. L. & Silva, B. C. (2014). Mercados de trocas e moedas sociais em Portugal continental: os desafios de uma cultura de emancipação social. *Otra Economía*, 8(15), 211-229. <http://doi.org/10.4013/otra.2014.815.08>

Silva, I. S., Veloso, A. L. & Keating, J. B. (2014). Focus group: Considerações teóricas e metodológicas. *Revista Lusófona de Educação*, 26, 175-190.

Stamm, C. (2021). Understanding the recent dynamics of local currency initiatives in Switzerland. *International Journal of Community Currency Research*, 25(2), 63-76. <http://dx.doi.org/10.15133/j.ijccr.2021.0012>

Varga, J., & Kovács-Szamosi, R. (2020). Comparative advantages of local currency against regular money. *Selye e-studies*, 11, 1, 67-74.

von Jacobi, N., Nicholls, A., & Chiappero-Martinetti, E. (2017). Theorizing Social Innovation to Address Marginalization. *Journal of Social Entrepreneurship*, 8(3), 265-270. <https://doi.org/10.1080/19420676.2017.1380340>

Apêndices

Apêndice I – Grelha de observação direta do funcionamento da moeda MOR para utilizadores profissionais

1. Identificação do utilizador profissional
a) Ramo de atividade -serviços prestados -produtos vendidos
2. Espaço
a) Dimensão -número de divisões -dimensões aproximadas em m ²
b) Estado de conservação -condições gerais do espaço -modernidade/antiguidade
c) Meios tecnológicos -instrumentos e equipamentos de trabalho existentes -estado de atualização dos mesmos
d) Ambiente -familiar/indiferente -calmo/apressado -favorece a convivência (local de encontro) /local de pouca permanência
e) Visibilidade do sinal de estabelecimento aderente da moeda MOR -local onde se encontra -tamanho -objetos que impedem a visibilidade -ruído visual
3. Atividade de trabalho
a) Conteúdo da atividade de trabalho -tipo de tarefas -funções efetuadas
b) Afluência -movimento no estabelecimento
c) Formas de pagamento aceites
d) Pagamento com MOR -processo -dispositivos técnicos necessários

-velocidade do processo -implicações -frequência
4. Comunicação (funcionário)
a) Comunicação verbal -aborda a moeda -incentiva ao seu uso -apresenta-a a quem desconhece -explica como funciona
b) Comunicação não-verbal quando cliente refere que vai pagar em MOR -linguagem corporal -distanciamento/proximidade -atenção/desinteresse

Apêndice II – Grelha de observação direta do funcionamento da moeda MOR para utilizadores particulares

1. Identificação do utilizador particular
a) Perfil -género -faixa etária -nacionalidade -etnia
2. Habilidades
a) Manuseamento de tecnologias -modo como manuseia o telemóvel -estado de atualização do telemóvel -possui outros <i>gadgets</i> além do telemóvel, como um <i>smartwatch</i> , um <i>tablet</i> ou uns auscultadores
3. Processo de pagamento
a) Opção de pagamento -pagamento com MOR surge como primeira opção -surge do incentivo do comerciante
b) Pagamento com MOR -processo -dispositivos necessários -velocidade do processo -implicações
4. Comunicação ao pagar em MOR
a) Comunicação verbal -forma como aborda o uso da moeda -incentiva eventuais acompanhantes a usar
b) Comunicação não-verbal -linguagem corporal

Apêndice III – Guião da entrevista ao órgão social da A.Mor

A presente entrevista é realizada no âmbito do estudo “As moedas locais beneficiam as comunidades? O caso do MOR”, realizado como Trabalho Final de Mestrado, do Mestrado em Gestão da Católica Porto Business School da Universidade Católica Portuguesa. Os principais objetivos são apurar as vantagens das moedas locais para a comunidade, quando implementadas por instituições sem fins lucrativos e instituições de solidariedade social (IPSS), compreender o alcance da moeda MOR no seu potencial modelo de transformação e inovação social, assim como averiguar se essa transformação existe e em que moldes se faz sentir na comunidade.

Dados do entrevistado

Cargo na A.Mor	Tempo em funções	Funções que desempenha

Questões:

1. Como surgiu a ideia de criar uma moeda local?
2. Com que intuito foi criada a moeda MOR?
3. Na prática, como é que funciona o MOR?
4. Qual é a missão da associação A.Mor e os valores pela qual se rege?
5. Quais são os objetivos da A.Mor?
6. Quais os maiores desafios que a A.Mor enfrenta?
7. Qual o papel da moeda MOR na comunidade?
8. Que necessidades/problemas do concelho pretende o MOR atenuar ou mitigar?

9. Quais são as vantagens esperadas do MOR?
10. Que resultados se podem verificar da implementação do MOR?
11. Considera que os propósitos do MOR foram alcançados?
12. Diria que as pessoas do concelho de Montemor-o-Novo, após a implementação da moeda, vivem melhor, ou não? Se sim, em que medida?
13. Notou alterações/mudanças no concelho, após a implementação do MOR, ou não? Se sim, pode especificar?
14. Caso tenha respondido afirmativamente à questão anterior, considera que essas alterações foram provocadas pelo MOR, ou não? Se sim, de que forma?
15. De que forma perspetiva, no futuro, o papel da moeda MOR no concelho de Montemor-o-Novo?

Apêndice IV – Guião das entrevistas aos utilizadores

A presente entrevista é realizada no âmbito do estudo “As moedas locais beneficiam as comunidades? O caso do MOR”, realizado como Trabalho Final de Mestrado, do Mestrado em Gestão da Católica Porto Business School da Universidade Católica Portuguesa. Os principais objetivos são apurar as vantagens das moedas locais para a comunidade, quando implementadas por instituições sem fins lucrativos e instituições de solidariedade social (IPSS), compreender o alcance da moeda MOR no seu potencial modelo de transformação e inovação social, assim como averiguar se essa transformação existe e em que moldes se faz sentir na comunidade.

Dados dos participantes

Idade	Habilitação Literária	Tipo de utilizador	Frequência da utilização				
			Nunca	Raramente	Às vezes	Muitas vezes	Sempre

Questões:

1. Como conheceu a moeda MOR?
2. Como conheceu a Cooperativa Minga?
3. Conheceu primeiro a moeda local ou a cooperativa?
4. De que forma percepciona o papel da moeda MOR na comunidade?
5. O que o levou a aderir ao MOR?
6. Quando é que aderiu à moeda?
7. Quais eram as expectativas antes de começar a utilizar a moeda MOR?

8. Quais os benefícios que, de facto, verificou?
9. E desvantagens, encontrou alguma, ou não? Se sim, quais?
10. Diria que vive melhor, depois de ter começado a usar o MOR, ou não? Se sim, em que medida?
11. Qual o impacto desta moeda na sua vida?
12. Notou alterações na comunidade, depois da implementação da moeda MOR, ou não? Se sim, quais/a que nível(eis)?
13. Caso tenha respondido afirmativamente à questão anterior, considera que essas alterações foram provocadas pelo MOR, ou não? Se sim, de que forma?
14. Que necessidades/problemas existiam no concelho de Montemor-o-Novo, antes da implementação do MOR?
15. Considera que o MOR conseguiu atenuar ou mitigar alguns desses problemas, ou não? Se sim, quais?
16. Quais os efeitos do MOR no concelho?
17. O que espera do Mor, no futuro?

Apêndice V – Transcrição das entrevistas

Entrevista à representante dos órgãos sociais da A.Mor

E: Fale-me do seu cargo na associação, das suas funções e há quanto tempo as desempenha.

e: Desde de dezembro, sou um membro da Mesa da Assembleia Geral. A associação nasceu em 2018. De 2018 até 2022, tive no cargo de presidente da direção. Mas como acho que nas associações tem de haver rotatividade, houve eleições em dezembro. E então, passei para este novo cargo, durante os próximos 4 anos. Neste momento, sou membro da associação e sou membro da Mesa da Assembleia Geral.

E: Como surgiu a ideia de criar uma moeda local?

e: Isso é uma longa história. (sorri) Em 2010/2011, um grupo de pessoas criou a Rede de Cidadania, aqui em Montemor. Dentro da Rede de Cidadania, que foi uma rede informal, nunca teve um estatuto legal, continuou sempre informal, organizamos vários encontros. Tínhamos uma banca no Mercado Municipal. E um dos membros da Rede de Cidadania veio com essa ideia da moeda. Começamos todos, um grupo pequeno, não éramos muitos. Mas fazíamos muitas coisas à volta do Mercado, e começamos com uns talões do Mercado, porque a nossa ideia era tentar trazer pessoas para fazer compras no Mercado Municipal. Os primeiros talões que nós fizemos foram tipo vale de compras, de 5 euros e foram financiados por 4 pessoas, o Rogério, a Elvira, a Teresa e Eu. A ideia era que as pessoas que não fossem ao Mercado comprassem os talões para oferecer a alguém no natal, para essa pessoa ir ao Mercado. Perguntamos a todos os comerciantes no Mercado [Municipal] se queriam aderir e aceitar os nossos talões. Nós comprometemo-nos a devolver os 5 euros. O primeiro foi assim. Tivemos um sucesso relativo, digamos, porque não tivemos todas as pessoas do Mercado [Municipal] a aderir, mas vendemos até alguns talões. Só que as pessoas não perceberam bem ou nós não explicamos bem, que a ideia não era dar dinheiro para a Rede [de Cidadania]. Muitas delas não voltaram, então ficamos com dinheiro, o que foi uma coisa um bocadinho esquisita. No

ano seguinte, voltamos a fazer os talões aí já tivemos um pouco mais de sucesso. A Rede tinha uma banca semanal no Mercado, portanto já éramos conhecidos, fazíamos às vezes almoços com as pessoas no Mercado. Portanto já havia uma dinâmica, já havia confiança. As pessoas viam que o dinheiro voltava. Então quase todos os comerciantes do Mercado aceitavam essa troca para os talões e assim fizemos a segunda campanha. A segunda campanha foi boa, mas também vimos que ainda não tínhamos conseguido trazer mais pessoas, porque éramos mais nós que comprávamos os talões. Depois o terceiro ano, achamos, já nem sei se fizemos um terceiro ano, ou não. Mas achamos que era um bocadinho ridículo. Não tínhamos chegado ao nosso objetivo que era efetivamente, se calhar alguns mas não como esperávamos. E já não tínhamos dinheiro. Já não sei se fizemos mais uma, fizemos duas de certeza, três eventualmente, mas isso está tudo documentado, portanto podemos eventualmente encontrar. Mas pronto, a partir daí, também surgiu a ideia de algo. Então, fizemos umas Feiras Francas e aí era trocar dinheiro para o MOR. Aí fizemos uns MOR's em papel. Imprimimos MOR's e fizemos assim algumas Feiras Francas mas também não tínhamos capacidade de continuar. Era uma brincadeira e não passou muito disso. Ficámos, um bocadinho, insatisfeitos. Entretanto chegou a Cooperativa Minga, mais jovens que queriam também desenvolver este tipo de projetos. Houve um encontro no Mercado à volta das moedas locais e depois fizemos um primeiro encontro aqui na Carlista, que é uma associação, uma coletividade, uma sociedade. Aí já pensamos mais no modelo. O Rogério também informou-se mais, pronto toda a gente já tinha um pouco mais de informação e aí fizemos uma reunião e fizemos também um esboço do projeto. Mas ficamos sempre convencidos de que não podia ser só connosco, quer dizer só com algumas almas inspiradas que iam fazer avançar este projeto. Entretanto, eu como sou francófona, vi um bocadinho o que havia em França, uns também viram o que havia em Inglaterra, em Espanha. E fizemos, depois uma reunião na Junta de Freguesia a convidar também comerciantes, porque como era para comerciantes, e nós não éramos comerciantes, tinha que haver também alguma inclusão logo à partida, de pessoas de fora do nosso pequenino grupo. E assim foi. Fizemos isso. Com isto tudo já estamos em 2016/2017. Em 2018, finalmente conseguimos reunir um grupo de pessoas, umas 20 pessoas, de vários horizontes para criar a associação, porque aqui estávamos convencidos de que era uma coisa séria, e portanto não se podia fazer ao nível da Rede. Criamos a associação em 2018. Eu na altura não

era o motor deste projeto, estava a segui-lo, porque estava na Rede mas não era da minha iniciativa. Mas quando começamos a pensar na associação e embora eu achasse que a melhor forma para funcionar seria uma rede, por motivos legais entrei logo como membro fundador da associação com o Rogério e depois o Nuno, que é um comerciante. Na primeira direção, ninguém queria ser da direção (ri). Quer dizer toda a gente queria trabalhar mas ninguém queria o estatuto. Então fui nomeada presidente. Eu tenho a característica de tentar que as coisas se façam o mais democraticamente possível, portanto durante os meus 4 anos de mandato tentei ao máximo ter reuniões mensais, sempre abertas e sempre a tentar fazer as coisas em conjunto. Era também um dos motivos pelo qual eu aceitei, porque eu de finanças e de dinheiro não, eu sou do social, a minha praia não era bem isso. Mas aprendi imensas coisas. Uma vez a associação criada, tivemos que ver como é que íamos funcionar, qual era o sistema. Fizemos o caderno de encargos para depois comprar a plataforma. Tínhamos decidido que ia ser uma moeda digital, por uma questão mais prática. Mas na altura, pelo menos eu, ainda não percebia bem todas as implicações que isso tinha mas temos, na associação, um leque de pessoas e competências muito variadas, finanças, economia, contabilidade, médico, professor universitário, pessoas que trabalham na escola, comerciantes. Foi um grupo com muitas competências reunidas. A partir daí, fizemos o caderno de encargos, fizemos o concurso para a compra da plataforma. Isso foi trabalhoso, perceber como é que nós íamos funcionar. Depois veio o Covid, quer dizer em 2020 íamos lançar a moeda. Estávamos em Covid. Íamos lançar na Feira da Luz, a nossa grande feira em Montemor, não houve Feira da Luz. E por isso decidimos fazer um [projeto] piloto, como não podíamos expandir. Decidimos fazer um piloto da nossa plataforma e da forma como tínhamos pensado funcionar, só com associados. Tínhamos comerciantes nos associados e tínhamos utilizadores. Portanto fizemos isso com três comerciantes e dez utilizadores, e começamos a testar a nossa plataforma. Essa plataforma é da *Clickcoin*, uma empresa espanhola que já tinha outras moedas, então foi uma adaptação. A plataforma não foi feita para nós. Portanto adaptamo-nos um bocadinho a eles e eles adaptaram-se um bocadinho a nós. Em 2020, fizemos isso e vimos que funcionava, então começamos a alargar e a tentar convencer pessoas a entrar, mais comerciantes e mais pessoas. Até agora, e na Feira da Luz do ano passado tivemos a fazer esse trabalho de tentar ter mais comerciantes e mais utilizadores. E depois também sempre sempre sempre desde o início

falamos com a Câmara, porque sempre achamos que a Câmara tinha que ter um papel importante, de promoção e de apoio da moeda. Foi sempre difícil, quer dizer não foi difícil, o diálogo era fácil com a Câmara. Sempre tivemos um diálogo fácil, mas não passava disso. Tivemos que esperar um novo executivo. O executivo mudou há um ano e tal, em Setembro de 2021, e a partir daí voltamos a ter novos contactos e agora temos um apoio, desde o ano passado da Câmara Municipal. Tivemos uma funcionária durante três meses no ano de 2022. Agora estamos à espera da renovação do protocolo. Porque uma moeda precisa de uma dinâmica, se não está mobilizada, se não há alguém que constantemente faça o trabalho com os comerciantes, com os utilizadores, ela morre. Chegamos a essa conclusão. E agora estamos à espera do novo protocolo para continuar.

E: Em que é que consiste este protocolo?

e: É um apoio logístico e em dinheiro, para podermos pagar a uma jovem. Porque uma das coisas que achamos importante é que isso é um trabalho. Nós fazemos isto voluntariamente e todas as horas que nós damos são voluntárias porque nós decidimos assim, mas há aqui trabalho. Há capacidade para empregar alguém em termos de comunicação, em termos de divulgação, em termos de angariar novos profissionais e tudo isso é trabalhoso.

E: Como fazem a promoção da moeda?

e: Uma das grandes atividades que fizemos é este folheto que tem aqui à sua frente. Temos o nosso *site*, temos o *facebook* e temos o *instagram*. Fizemos também este folheto no ano passado antes da Feira da Luz, que foi mal distribuído, porque a nossa ideia era distribuir em todas as caixas de correio do concelho de Montemor. São oito mil caixas de correio. Foi mal feito, tivemos muitos problemas com os CTT. Muitas pessoas não receberam. Este é o primeiro folheto em papel. Entretanto, a Câmara não apoiou estes anos todos a moeda mas criou uma campanha, mais ao menos paralela, que é o MOR Natal, que cria alguma confusão na cabeça de algumas pessoas. Vem do protocolo local, um protocolo entre a Câmara, Juntas e a Associação de Comerciantes, que

fazem coisas a par. Fazem muita animação no tempo do natal, têm os talões dos comerciantes, mas tudo em euros. Tentamos fazer coincidir mas até agora ainda não conseguimos. Portanto, em termos de divulgação foi isso, foi muito à base da internet e este folheto que saiu o ano passado e que depois foi distribuído. Voltamos com a nossa presença na Feira da Luz também. Todas as associações têm direito a um pavilhão, nós também tivemos o nosso pavilhão na Feira da Luz, onde fizemos a divulgação, onde também fizemos um inquérito, pela segunda vez. Fizemos um inquérito para ver se as pessoas conhecem a moeda, o que acham da moeda. Tínhamos feito em 2019 e fizemos mais um agora. Nessa campanha do MOR Natal da Câmara, eles fazem um folheto que distribuem na altura do natal e também tivemos aí uma página a explicar o que é que é a moeda. E tivemos desde o ano passado também o selo nas lojas que estão no catálogo e que aceitam o MOR. Portanto, está a avançar, pouco a pouco mas estamos a avançar. Mas isto vem desde 2011, portanto já está a ver o caminho. Já há 12 anos. É trabalhoso.

E: Com que intuito foi a moeda criada?

e: Na altura, e ainda hoje, era muito relacionado com a promoção da economia local. Primeiro, muito há volta do Mercado, para incentivar as pessoas a ir ao Mercado, que entretanto foi renovado. O nosso intuito na Rede de Cidadania era mesmo o local, os produtores locais, a alimentação local, tudo centrado à volta do Mercado. E a moeda local veio um bocadinho nesse sentido. Portanto é mesmo uma ideia de que o Mercado é um espaço de convívio, um espaço de partilha, um espaço onde os produtos são daqui, e que fomenta a nossa economia, em vez de se comprar os legumes e outras coisas noutro sítio. Portanto, foi muito a partir do Mercado e da economia local. Era essa a nossa ideia inicial, que continua. Embora que para a moeda essa noção do local tem uma outra dimensão porque um mercado de produtos locais é ok, no comércio nem todos os produtos são locais. Tivemos de definir o local. Porque o local para os produtos alimentares pode ser de um produtor daqui. Já uma loja de roupa que entre no circuito da moeda, o local entendemos como um comerciante com registo comercial local e portanto pode ter roupa que vem da China, que infelizmente a maior parte das roupas vem daí, mas à partida é um posto de trabalho e é um trabalhador com o seu registo comercial em

Montemor. Nós não aceitamos, por exemplo, os *franchisings*, porque quando o dinheiro sai já não consideramos que é local. Embora a questão do *franchising* às vezes, também suscite dúvidas. Às vezes, temos pedidos de pessoas que estão em Alcácer, mesmo colados a Montemor, mas não [podemos aceitar] porque é uma moeda do concelho. Não podemos. Portanto, essa noção do local varia um bocadinho em função dos produtos. Mas tentamos consciencializar as pessoas que [primeiro está o] local, [em seguida] Portugal e só depois, quando não há outra opção, pronto. É por isso que, às vezes, é difícil fazer entrar alguns tipos de comércio, porque todos os fornecedores são de fora de Montemor. Há algum medo em ficar com MOR's, embora os comerciantes possam trocar por euros, mas há alguma apreensão que isso ganhe alguma dimensão e que fiquem com demasiados MOR's. O que não acontece porque os comerciantes podem trocar [os MOR's por euros]. Portanto é isso, é o local.

E: Na prática, como é que funciona?

e: Na prática, para ser utilizador ou profissional tem que se fazer uma adesão. Não é sem nenhuma papelada. Tem de haver uma entrada no sistema. A entrada no sistema faz-se por uma adesão. Há a adesão dos utilizadores e há a dos profissionais. Os utilizadores preenchem uma ficha [formulário] e depois o ponto de troca, no sistema da plataforma, faz a inscrição desse utilizador na plataforma. A partir do momento em que a pessoa, está na plataforma, tem uma conta, instala a aplicação no seu telemóvel e a partir daí tem o seu nome de utilizador e tem a sua senha. Já pode utilizar e fazer as suas compras. Para ter dinheiro, para ter MOR's, o utilizador faz uma transferência para uma conta que é na Caixa Agrícola, que é uma conta da moeda. A associação tem duas contas, uma conta da associação e uma conta da moeda. E portanto, os utilizadores fazem uma transferência para essa conta em euros, por exemplo, se eu quiser 50 MOR's faço uma transferência para essa conta de 50 euros. Quando o ponto de troca vê que esse dinheiro já está na conta, credita a conta da pessoa em 50 MOR's. Para emitir MOR's, para nós termos MOR's, temos um tesoureiro, que também na plataforma emite os MOR's. Neste momento, temos cerca de 5 mil. Esta é a aplicação [mostra no seu telemóvel o interface da aplicação da *Clickcoin*]. Para os profissionais é um bocadinho mais complicado, não muito. Porque temos que pôr o profissional no mapa e depois também pô-

lo no *site*, portanto precisamos de mais informação. Precisamos do *web*, precisamos do *facebook*, precisamos de saber se ele quer que apareça o *email*. Portanto é uma ficha [formulário] um pouquinho diferente, que também permite a sua inscrição mas vai ser com mais informação. Para um utilizador só precisamos do nome, o número de telemóvel e o NIF, para certificar-se que é essa pessoa. Por exemplo, esta é a minha conta [mostra a conta pessoal no telemóvel], neste momento eu tenho 21 MOR e 40 cêntimos e estas são todas as minhas compras. Tenho aqui todo o meu histórico das minhas compras. Para fazer pagamentos é aqui. Tem aqui o mapa onde estão os vários comerciantes. Temos também o meu perfil, são coisas básicas. E aqui umas informações sobre a moeda. Isto devia ser retrabalhado. Os comerciantes vêm com logotipo, isto também tem de entrar no sistema. Portanto, a entrada de um profissional requer um bocadinho mais de informações. Isto é como se entra no sistema. Os profissionais não têm de comprar MOR porque em princípio eles recebem. Nos profissionais, temos associações e temos comerciantes. Neste momento são 30 e tal. Basicamente é assim que funciona.

E: Os profissionais podem depois passar os seus MOR's para euros, sem custos de conversão?

e: A ideia inicial era que houvesse taxas. A ideia inicial era, por exemplo, dou 100 euros recebo 102 MOR's e tenho 100 MOR's recebo só 97 euros. Só que isto em termos de contabilidade, é muito complicado. Um por um, em termos de contabilidade, permite que as faturas saiam em euros e fica tudo igual. Por isso abdicamos dessa ideia da comissão de gratificação na compra [de MOR's], que a longo prazo vamos ter que repensar, mas para já em termos de contabilidade é a única maneira porque senão dava confusão. Já é um bocadinho complicado convencer os comerciantes e se ainda por cima tivessem que pagar na conversão, não iríamos ter muito sucesso. Temos que pensar que estamos numa cidade pequenina. Temos 16 mil habitantes e estamos no Alentejo. Portanto, não é assim um meio muito inovador, que vai muito para a frente. Temos que ir com calma. Temos que ganhar muita confiança para que a coisa funcione, por isso abdicamos. O utilizador, esse escolhe, se quer 20 MOR's, compra 20 MOR's, se quer 50, compra 50, se quer 200, compra 200 e depois utiliza. Um profissional não, a partir do momento que tem MOR convêm que ele aceite os MOR's, por

isso permitimos aos profissionais o reembolso de euros. E temos, apesar de não acontecer muito, mas, às vezes, temos algum que já tem muitos e então aí pedem o reembolso de euros. Mas não é um problema [peremptória]! No início, a mim, fazia-me um bocadinho de confusão. Nós emitimos MOR, digamos que temos quase 6 mil, não estamos em 6 mil, mas 5 mil oitocentos e tal. Temos 6 mil MOR's emitidos, alguns circulam, quando voltam para o ponto de troca. Há momentos em que é igual, o número de MOR's em circulação e o número de MOR's emitidos, neste momento não é. Quando há um pedido de reembolso o dinheiro volta para o ponto de troca, portanto ele está ali à espera, ele já foi emitido. Ele está ali à espera que algum utilizador volte a pegar nele. Portanto, não é problemático. Os emitidos só podem subir. De cada vez que emitimos, sobe. Eles circulam, portanto é outra forma de circular. Neste momento, temos 5866 MOR's emitidos e em circulação, isso muda mais rapidamente, neste momento só temos 5293,36. Isto quer dizer que estão no ponto de troca quase 600/700 MOR's à espera que outras pessoas troquem. O que está completamente igual é, o saldo da conta em MOR é igual ao MOR em circulação. Cada MOR em circulação tem um euro no banco. Isto é a garantia que nós damos às pessoas. Nós não emitimos sem ter recebido os euros. Isto é uma garantia que não temos não sei quantos MOR's emitidos e não temos fundo para reembolsar, no caso de toda a gente pedir. Isto é uma das regras que nos impusemos. Apesar do sistema nos permitir emitir, fomos nós que impusemos esta regra. O tesoureiro só emite com a entrada de euros. Na plataforma temos um administrador, temos um tesoureiro e temos um ponto de troca, estas são as pessoas que estão a mexer com a plataforma da *Clickcoin*. O tesoureiro basicamente só emite. O administrador é quem tem uma visão do conjunto de todas as operações. E o ponto de troca é quem trabalha mais, é quem vai dar dinheiro quando os utilizadores pedem, faz as inscrições, novas adesões, faz os reembolsos. Portanto, o ponto de troca é o elemento que mexe mais na plataforma, que até dezembro era eu, mas agora estamos a passar para a nova direção. E têm que ser pessoas da direção, quer dizer que são pessoas que legalmente são responsáveis. Se acontecer qualquer coisa são essas pessoas que são responsabilizadas. Não pode ser qualquer pessoa. Portanto, esta é a garantia de confiança que tentamos mostrar porque é dinheiro. Não é um assunto fácil. As nossas condições de utilização estão no *site* e pedimos às pessoas quando assinam a ficha de adesão para tomarem conhecimento dessas condições.

E: E trocas de um particular para outro particular, são possíveis?

e: Também funciona. A plataforma não facilita. Isso também foi muito discutido. Eu por acaso na altura não concordava que se pudesse passar MOR de um particular para outro particular. Mas hoje dá jeito, porque, por exemplo, eu estou e as minhas filhas estão, vamos a um restaurante, eu só tenho 30 MOR's e faltam 5, a minha filha pode dar-me 5 e já tenho para pagar. Para as mesadas dos filhos também dá algum jeito. Portanto, sim pode passar-se de particular para particular. O sistema de pesquisa não facilita, a pessoa tem de escrever o nome mesmo correto, tal e qual como a palavra está, porque senão não se encontra. O sistema não é para isto. Não está feito para fazer trocas entre pessoas. Mas dá jeito e facilita.

E: No fundo, qual é a missão da associação?

e: A missão é promover a economia local e fazer perceber às pessoas que comprar localmente é criar riqueza aqui ao nível do concelho e dar uma certa dinâmica ao concelho. Basicamente é isto, fomentar a economia local. Mostrar às pessoas que as suas decisões têm alguma importância e relevância na economia local. Portanto se eu compro tudo fora de Montemor depois não me posso queixar que não há comércio, que já não se encontra nada em Montemor. Para fazer passar isto para o resto da população tem que haver mais do que esta filosofia de compras, tem que haver promoções, por isso é que começamos também com as promoções. As pessoas estão demasiado habituadas a receber coisas do Lidl, do Intermarché, do Continente, que funcionam com promoções. O custo de vida está cada vez mais elevado, por isso tentamos agora também introduzir uma ideia de promoção. Quem paga em MOR tem também algumas vantagens. Porque só a filosofia para a adesão, para muitas pessoas não chega. E depois, isto já não é nos objetivos, isto é na dinamização. Eu utilizo com muita frequência a moeda, mas para chegar a este nível de utilização... Muitas vezes tenho pessoas que me dizem que o código não funciona. Não, não é o código é porque a pessoa reinstalou, já há muito tempo que não utiliza, já não sabe o seu nome para entrar. É preciso alguma regularidade, e isto também leva tempo, mesmo para os utilizadores. Não é só

aderir. É preciso usar. Não é só ter uma moeda, para dizermos que somos os únicos a ter uma moeda. Ela tem que funcionar. É mesmo para as pessoas perceberem que isto tem importância. Os nossos atos têm importância. Mas temos que dar qualquer coisa às pessoas também, para elas chegarem lá, porque senão não passamos de um grupinho de pessoas que quer que isto funcione. Tem que se alargar. Neste momento são 64 [utilizadores], mas tem que evoluir. Por isso, é que também é preciso alguém para trabalhar para a moeda.

E: Portanto, a associação faz mais do que apenas gerir a moeda?

e: Sim, os objetivos da associação, para além de fazer funcionar a moeda, que já requer imenso trabalho, é também consciencializar as pessoas de que a economia nos diz respeito e que a economia local é algo que toda a gente pode intervir. Coisas com a escola, com o Clube dos Amigos de Montemor que tem uma Universidade Sénior, ter contacto com as associações. Mostrar que isto é uma rede e que pode ser benéfica para todos. No Mercado, por exemplo, já há várias pessoas que têm a moeda. Há uma pessoa que vende flores e compotas e depois há outra pessoa que faz cestos em panos, e por exemplo, no Dia dos Namorados fizeram uma parceria, uma fez uns corações em tecido e pôs nos vasos das flores, e assim fizeram um conjuntinho. Por exemplo, um restaurante aqui na Rua de Aviz, também para o Dia dos Namorados, ofereceu, juntamente com uma senhora que tem uma loja de massagens e produtos naturais, um jantar mais uma massagem. Fizeram uma parceria. A ideia também é um bocadinho esta, sentir que fazem parte de uma rede. Mas isto ainda é embrionário. E também fazer com que a Câmara perceba que isto pode ter vantagens, por exemplo, ao nível do Mercado poderia haver vantagem, se as pessoas que estão a vender pudessem pagar em MOR. Isto também ainda não conseguimos, que a Câmara aceite MOR's. É mais do que ter uma moeda, é mesmo uma ideia de uma comunidade que funcione e privilegie o comércio local. Obviamente que toda a gente vai fazer as suas compras em todas as superfícies que temos aqui. Mas também que haja uma parte para o comércio daqui.

E: Quais os maiores desafios da associação?

e: O uso regular. O fazer com que isto seja um hábito. Para os utilizadores é isto. É não só entrar, mas depois utilizar. Para isso, temos que expandir o número de comércio. E para os comerciantes, o desafio é deixar cair o medo, porque neste momento, para o comerciante é só vantagens, não têm que ter um terminal, não pagam como para um multibanco, só tem de ter o telemóvel, em termos de contabilidade, é uma fatura igual. Não há desvantagens nenhuma em ter o MOR. Só que fazer passar isto para as pessoas... Não é evidente. Portanto, estes são os desafios, que os utilizadores utilizem mais, alargar a rede de profissionais e fazer com os profissionais percam o receio da moeda. Para mim é óbvio, mas para a maior parte das pessoas não é. E isto é legal, não é ilegal. Não há legislação. Nós fizemos um pedido ao Banco de Portugal, porque um dos membros fundador tinha muito receio e é contabilista. Portanto, ele fez esse *email* e foi uma boa ideia. Tivemos uma resposta depois de meses do Banco de Portugal a dizer que, se não se confunde com a moeda em circulação, não há problema. Não se confunde de maneira nenhuma, portanto não há ilegalidade. Esta é uma das coisas que, às vezes, as pessoas dizem: 'pode se fazer uma moeda?' Sim. O que o Banco de Portugal também diz é que, não garante essa moeda. Enquanto no euro, se eu tiver dinheiro na minha conta e o banco for à falência, o Banco de Portugal garante o dinheiro que tem lá até um certo montante, o MOR não garante, mas como o MOR está no banco, que é em euros. Outra coisa também que é importante dizer, é que algumas moedas fora têm uma visão muito mais alternativa do que a nossa. Há moedas locais que são utilizadas mesmo como política, para se sair de um circuito. Por exemplo, algumas moedas em França têm um compromisso de princípios em que as pessoas têm de ser bio, os produtos tem de vir de um certo circuito, é um circuito fechado. Nós não nos podemos permitir isso, se não tínhamos dois ou três comerciantes. Portanto, nós adaptamos. Isto não é uma moeda em termos políticos ou em termos alternativos, não é uma moeda militante, não é uma moeda ativista para uma outra sociedade. É um bocadinho, porque promovemos o local mas não tem esse impacto que algumas outras moedas têm. Nós pretendemos valorizar o que é de Montemor. Mas, por exemplo, há uma moeda no país Basco, que é espanhol, o Eusko, que defende a autonomia dessa parte da Espanha. Nós não temos nada essa pretensão. Há moedas muito mais militantes, ativistas, contra o sistema capitalista, contra o estado. Nós queremos é promover o local na sua dimensão mais ampla, pelo território que temos. Isto também é importante dizer, porque há pessoas para quem isto não

vai suficientemente longe, porque nós não metemos em causa o sistema capitalista, digamos. Não conseguimos em Montemor, senão acho que não teríamos ninguém. Sabemos que isso existe. Eu conheço várias moedas e que têm um papel um bocadinho diferente mas são em cidades muito maiores. E são moedas que se a pessoa não sabe que existe essa moeda lá, passa despercebida. São circuitos à margem. Também é interessante, mas aqui não temos capacidade para fazer isso.

E: Qual considera ser o papel da moeda no concelho de Montemor-o-Novo?

e: Para mim, é um papel de consciencialização de que as nossas atitudes têm influência no que acontece aqui no concelho. Não são só os outros, não é só porque há o Continente, porque há o Lidl, porque há o Pingo Doce, ok, eu não escolhi, eles estão cá. Temos mesmo um Burguer King, eu não vou! São escolhas. Nós temos uma hamburgueria que é o Feito ao Gosto, que ainda não entrou na moeda. Mas temos uma hamburgueria, portanto não vou ao Burguer King. E não ir ao Burguer King quer dizer que o meu dinheiro não sai daqui, se eu vou ao Feito ao Gosto ou ao Petiscaki, o dinheiro, uma parte, fica aqui porque a pessoa vive cá. No Burguer King também são pessoas que vivem cá mas o capital sai. Enquanto aqui, quando faço funcionar um comércio e um trabalhador de cá, a maioria do capital também fica cá. Portanto, a ideia é esta. É mesmo esta! Consciencializar as pessoas que mesmo sendo uma única pessoa eu posso fazer alguma diferença. Criando uma rede conseguimos fazer a diferença.

E: Que necessidades considera que o MOR veio atenuar ou mitigar?

e: Esta é uma boa pergunta. Mas eu acho que a necessidade veio de um grupo [hesitante]... Normalmente, nos projetos as pessoas reparam que há alguma coisa que faz falta. Aqui, eu não posso dizer que a moeda vem...só esse grupinho de pessoas é que sentiu que fazia falta. A moeda é um meio. O que faz falta é efetivamente essa consciência das pessoas que são atores que tem um impacto. O que faz falta é uma comunidade... uma necessidade é ter uma comunidade mais ativa em relação à forma como consome. Mas a necessidade

não é como no social, que vemos que há pobreza, tentamos criar uma resposta para aquele problema. Nós achámos que o problema era efetivamente essa falta de dinâmica ao nível do comércio local.

E: Notaram que havia comércios locais a fechar ou pouco frequentados?

e: Sim, nós notamos isso no Mercado. Quando em 2011 entramos no Mercado, não tinha a dinâmica que tem atualmente. E a Rede de Cidadania nitidamente impulsionou toda uma dinâmica à volta do Mercado. Nós participamos também com a Rede de Cidadania no projeto de renovação mas depois não foram feitas as coisas como nós queríamos, queríamos manter a bancada em mármore, não foi feita a cozinha comunitária, coisas que nós queríamos e que acabaram por não estar lá. Não é uma necessidade sentida coletivamente, mas várias pessoas na Rede investiram nisto. A necessidade era mais a nossa visão de como gostaríamos de ver o Mercado, do que uma necessidade sentida por muitas pessoas. Montemor vivia bem sem a moeda. Não seria a mesma coisa! Eu acho que o que conseguimos é já, como eu disse, pouco a pouco, criar essa ideia na cabeça de algumas pessoas. Mas estamos ainda muito, muito longe de poder dizer que isto é um grande sucesso. É um sucesso porque ela está em funcionamento. Mas, na minha opinião, ainda falta muito trabalho para chegar ao ponto de dizer, a moeda veio reforçar a economia local, mesmo. Quer dizer a Câmara também fez o Protocolo Local, por isso também aí é um reconhecimento de que é preciso fazer algo, se isso é uma necessidade, podemos partir daí, é preciso fazer algo. Mas ao mesmo tempo, a Câmara anterior autorizou um Continente, um Pingo Doce. Por isso, é complicado isto de dinamizar os centros e os comércios se depois as pessoas têm muito mais outras [opções]. E então com o Covid e a internet, não está fácil. Mas é como eu disse, isto é uma coisa a longo prazo, não é para resolver tudo agora.

E: Quais são as vantagens esperadas do MOR?

e: A vantagem é que haja uma dinamização da economia local e que haja uma criação de uma rede de pertença, sentir que as pessoas pertencem a uma rede que é benéfica para todos, que é *win-win*, toda a gente está a ganhar. Temos

mais movimento, temos mais compras em MOR, é uma dinâmica. É criar uma nova dinâmica.

E: Que resultados se podem verificar, após a implementação do MOR?

e: Isso é bastante interessante em termos de gráficos, eu não os tenho aqui, porque já passei as pastas todas. Mas a plataforma permite-nos ver a circulação da moeda. É por isso, também, que a moeda digital é muito mais interessante, que a moeda em papel, porque com um sistema informático conseguimos ver dos 5800 e tal MOR's emitidos, em termos de volume de negócios, já triplicou. A grande vantagem de termos as coisas informatizadas, é que conseguimos seguir os movimentos. Isso também é uma das vantagens das moedas locais, ela não sai, portanto quando ela circula em termos de volume é muito mais do que a moeda que está a circular ou a moeda emitida. Nós temos isso, mais ao menos, analisado. O que nós conseguimos fazer, porque a plataforma é digital, conseguimos ver quantos emitimos, as vendas, os reembolsos, quantos MOR's vão de utilizador para profissionais, de profissionais para profissionais, porque isso também circula, de utilizador para utilizador e de profissionais para utilizador, pode haver um reembolso, uma pessoa comprou uma peça, isso é muito pouco, é fraco. E depois os totais do movimento no sistema e depois em volume também de MOR. Já vimos que em volume de MOR são, eu acho, mais três vezes do que os MOR's emitidos ou os MOR's a circular. É aqui que está o interesse. Por exemplo, se eu tenho 100 MOR's eu vou à florista, 100 é muito mas pronto, 100 em flores, a florista vai ao restaurante, são os mesmos 100, mas já são 200 em negócios, 300, 400, são os mesmos. Portanto a partir de 100 MOR's, eu faço 200, 300, 400 quando os faço circular. Em volume, temos muito mais, que emitidos e em circulação. Isto é uma vantagem do sistema em plataforma, em vez de um sistema papel. E é nisto que também tentamos convencer a Câmara, que se der um voucher em MOR em vez de euros, depois os MOR's ficam aqui, em vez dos euros que as pessoas depois podem [gastá-los noutro lado]. Embora que com os voucher também vão comprar nas lojas daqui. É isso, ganhamos mais volume de negócios. Ainda é muito pequeno, mas já tem um bocadinho de negócios, aqui em Montemor, que estão feitos em MOR.

E: Quais considera serem as razões para as pessoas aderirem?

e: A primeira parte dos aderentes acho que foi mais o sentido filosófico de privilegiar a economia local. Agora que já conseguimos alargar um bocadinho a outras pessoas, acho que ainda é muito por ser uma coisa inovadora, estão atraídos, em termos de utilizadores, porque é única. Já se fala na moeda, é uma aplicação, às vezes não é pelo facto de ser uma coisa prática, mas é porque é uma coisa nova. Nos profissionais, há muitos novos negócios, e os novos negócios vêem isso como algo para fazer divulgação. Nós temos uma página, nós pagámos isso e os comerciantes não pagaram. Portanto, há uma vantagem em fazer parte de uma rede. Acho que, neste momento, são as principais vantagens que as pessoas vêem. As promoções podem também atrair as pessoas e para os comerciantes é também uma maneira de se fazerem conhecer. Mais que isso, neste momento, não há muito.

E: Diria que a população vive melhor com o MOR, ou não?

e: É muito subjetivo. Obviamente que para mim, sim! Eu vivo muito bem com o MOR! Utilizo, vou ao Mercado, privilegio restaurantes e sítios onde tem MOR, sem dúvida! Nas pastelarias, por exemplo, também já há quem aceite MOR's. Hoje, por exemplo, fui comprar uns bolos, uma pastelaria não entrou, fui à outra que já entrou. Para quem adote mesmo a moeda, sim. Mas eu vivo no centro, é mais fácil, estou perto do Mercado, perto do comércio, é bom. Mas eu escolho, mais comércio onde tenha o MOR. Portanto, para mim é uma vantagem. Obviamente que continuo a ir ao Continente, ao Lidl, ao Intermarché e companhia. Mas, por exemplo, legumes só compro no Mercado e não posso só comprar em MOR, mas privilegio. No Mercado já temos frutas e legumes, temos o queijo, temos uma loja de produtos locais, que é a loja Cá da Terra, temos o Monte dos Dorneis, que é de plantas e compotas, temos o Sem Moengas que é um pequenino restaurante de tapas e comida. Havia a padaria mas saiu, havia vinhos mas também saíram. Temos dois comerciantes até agora que pediram para sair, porque não perceberam qual era a vantagem de ter a moeda. E isso é respeitado, portanto saíram do circuito. Mas era bom porque podíamos fazer uma refeição quase completa [ri]. Ainda não temos o peixe. Também temos a Rua de Aviz com comércios, temos estéticas, produtos naturais, temos a Cooperativa Minga, carne, roupa, roupa de criança, temos já

um leque de produtos interessante. Por exemplo, eu no natal só compro em MOR. Pronto são escolhas. Até chegar a mais muitas mais pessoas a fazerem isto, é trabalhoso, até as pessoas perceberem que isto tem mesmo vantagem.

E: Notou alterações no concelho, após a implementação do MOR?

e: No concelho não sei porque não atingimos bem o concelho, para já ainda estamos muito aqui no centro. Temos um ou outro, temos o Freixo que já entrou, também temos o MEL, que está também fora do centro, temos o campismo, também fora do centro. Fala-se. Mas sim já há diferenças. Entre o primeiro inquérito que fizemos em 2019, na feira, e o de agora, não posso dizer que não há ninguém que não ouviu falar, mas hoje as pessoas já sabem que há uma moeda em Montemor. Se há mudanças, ainda é muito recente. Nós estamos a funcionar há muito pouco tempo com a moeda. Há uma pequenina influência, sim, mas é muito relativa.

E: Acha que a moeda podia ser melhor apoiada?

e: Sim. Sim. Em todo lado, pela Câmara, pelo Portugal Inovação Social. Tentamos apresentar, mas, também, ainda não perceberam qual é a relevância. Porque há essa questão da necessidade e do problema social, que é a base de construção. O problema social podemos dizer esvaziamento do concelho, menos população, mas a moeda não resolve diretamente isso. Portanto, há ali algumas dificuldades. Também tivemos dificuldade com os fundos europeus, o Fundo Social Europeu. Fizemos uma belíssima candidatura para um projeto de experimentação e inovação, mas não foi aprovado em termos de verbas. Tivemos uma excelente classificação em termos de relevância do projeto, porque a nossa ideia era fazer uma seleção de famílias, que recebe o rendimento social de inserção e para além do rendimento social de inserção íamos dar mais em MOR para gastarem. Normalmente, aos pobres diz-se, não gastem e nós íamos dizer, gastem, vocês têm de gastar este dinheiro todos os meses no comércio local. Era completamente inovador, no sentido de empoderar as pessoas com menos poder de compra na comunidade, era fazer circular MOR, era ter uma formação em economia local porque as pessoas com rendimento

social de inserção são pessoas que também não tem acesso a muitos outros tipos de comércio, não vão a restaurantes porque o dinheiro é pouco, os produtos são sempre os mesmos. Era um projeto belíssimo. 50 mil euros uma ninharia dentro de todos aqueles fundos, enfim. Não conseguiram dar a volta à questão dos MOR's. Porque obviamente nós íamos comprar MOR's, uma parte desses 50 mil euros era para converter em MOR. Imagine que eram 20, então havia 20 mil euros dedicados a compras mas que eram em MOR. Isso não entrou na cabeça das pessoas. Nós justificamos que podia ser em compras, portanto há faturas. Podíamos pedir às tais famílias para nos trazerem as faturas. Mas não entrou. Inovação?! Quando a inovação é demasiado inovadora, não passa. Não conseguiram. Nós tivemos uma pontuação excelente no projeto, mas retiraram-nos toda a verba para os MOR's. Isto é a burocracia. O grave problema, não é Portugal, de todas essas fontes e montes de fontes que são para a inovação, é que se a pessoa quando preenche a candidatura não entra nas caixinhas todas, não dá. Aqui não conseguiram dar a volta à questão dos MOR's, porque tínhamos de ter as despesas justificadas em euros. E nós explicamos que em termos de despesas iam ser justificadas em faturas em euros. Mas não passou. Disseram que foi aprovado. Mas depois quando fomos ver, foi aprovado com menos de metade da verba. Portanto, nós pedimos dinheiro para ter uma pessoa a tratar disto tudo durante dois anos, porque isto não se faz com voluntários, isto é um trabalho a tempo inteiro, fazer a gestão das famílias, fazer a formação, fazer a gestão do MOR, cortaram, e cortaram os MOR's. Portanto dos 50 mil nós recebíamos 20. Nós dissemos não obrigada. Com 20 não se faz. Portanto, sim tivemos muita dificuldade e já foram duas vezes. A primeira vez que fizemos a candidatura, aí tínhamos exagerado no montante para montar a moeda. Aí percebo havia muito receio, as pessoas não conhecem, percebo. Mas era um projeto montado, isto funciona, o projeto está à vista, também não conseguimos. Não está fácil. Ainda entramos em outro projeto de uma candidatura muito mais abrangente com a Minga e não foi aprovado. Portanto, sim, em termos de financiamento, não é evidente. A ideia de ser auto-sustentável, neste momento, na moeda não... quer dizer nós conseguimos arrancar com fundos privados, conseguimos arrancar, agora para manter, para pagar a alguém era preciso de facto alguma... mas é o problema de muitos projetos de um ano, dois anos, todos estes projetos que se fazem e depois não dá para manter em algo funcional a longo prazo. Mas a moeda precisa de dinamismo. Portanto, não! Quer dizer, temos este protocolo com a Câmara, que

é um protocolo de uma verba mensal mas queríamos ir mais além disso. O que seria óptimo é que a Câmara aceitasse os MOR's. Mas ainda não chegamos lá. Já tivemos o interesse dos Orçamentos Participativos, fizemos um artigo sobre a moeda para o Nelson Dias, que é um dos responsáveis da organização dos Orçamentos Participativos. Mas a moeda não nasceu de um orçamento participativo. É uma iniciativa cidadã. Nasceu de uma iniciativa cidadã e é por isso, se calhar, como não nasceu numa Câmara. Há interesse em volta da moeda, é um tema que é falado.

E: De que forma perspectiva, no futuro, o papel da moeda MOR no concelho de Montemor-o-Novo?

e: Eu espero, com esta nova direção, nestes quatro anos, conseguir que ela se desenvolva um pouco mais, espero conseguir que a Câmara perceba e que vá mais além do que só um protocolo para dar dinheiro. E que haja uma maior circulação. Não espero uma coisa estrondosa, em número. Mais comerciantes e utilizadores, mais movimento. É o que espero nos próximos quatro anos.

Entrevista a Utilizadora Profissional 1

Nome fictício: Ana

Idade: 37 anos

Habilitações Literárias: Licenciatura

Tipo de utilizadora: Profissional

Frequência de utilização da moeda MOR: Raramente; Como somos um ponto de venda nós aceitamos MOR. Temos o MOR à relativamente pouco tempo, ainda não usamos para comprar a outros produtores, mas é essa a intenção. O que fazemos é aceitar o MOR.

E: Como conheceu a moeda?

e: Eu já conhecia a moeda, e as pessoas da associação vieram cá à loja e falaram comigo.

E: Qual é, na sua opinião, o papel da moeda na comunidade?

e: É um papel muito tímido, porque as pessoas ainda não perceberam bem a lógica da moeda. O que nós notamos aqui na loja é que é para pessoas muito específicas, que têm uma preocupação com a economia local e normalmente são pessoas com mais habilitações. Então, acaba por ser um grupo mais restrito. Depois, há sempre o grupo dos próprios produtores que entre nós fazemos circular a moeda. Produtores, comerciantes, fornecedores.

E: O que é que a levou a aderir à moeda?

e: Primeiro, porque o conceito da loja é um conceito local, faz todo o sentido. Tudo o que tenha a ver com o desenvolvimento local, nós queremos aderir. E depois não tem nenhuma desvantagem para nós, ou seja, é mais um modo de pagamento.

E: Quando é que aderiu?

e: Acho que no verão passado. A loja é recente ainda não tem um ano.

E: Quais as expetativas antes de aderir ao MOR?

e: Nós até estávamos com algum receio que isto tivesse alguma dificuldade mas depois correu tudo bem. Mas nós também sabíamos que não era por causa da moeda que íamos trazer mais pessoas à loja. E isso não aconteceu.

E: Quais as vantagens que verificou?

e: As vantagens é chegar às pessoas que dão valor à moeda, que infelizmente ainda não são muitas, e disponibilizar mais um meio de pagamento.

E: Desvantagens encontrou alguma?

e: Não, desvantagens não.

E: Diria que vive melhor depois de ter aderido ao MOR, ou não?

e: É indiferente.

E: Qual é o impacto da moeda na sua vida?

e: Para já, do ponto de vista aqui da loja, é mais um meio de pagamento e por isso é bom, mas tirando isso não há mais impacto.

E: Notou alterações na comunidade, após a implementação da moeda, ou não?

e: Não.

E: Que necessidades/problemas existiam ou existem no concelho de Montemor?

e: Há vários. Nós temos uma economia muito débil aqui. E a economia local e a produção local é muito fraca. Por exemplo, sábado aqui no Mercado é o máximo que nós temos em relação a essa economia local. O que olhando para o Mercado se nota que é pouco, as pessoas ainda não estão muito sensibilizadas para a lógica do local. Mas aqui eu acho que tem de haver de parte a parte, quer os comerciantes, quer os produtores, têm de ter mais iniciativas para convencer as pessoas a comprar local e não só por ser local, tem de ser local, tem de ter qualidade e o preço também tem de ser em conta, senão...

E: Sente que o MOR ajuda nesse sentido?

e: Eu percebo o objetivo do MOR, mas infelizmente, acho que não tem sido muito conseguido porque as pessoas como o MOR não tem nenhuma vantagem propriamente dita, a não ser fechar o circuito. As pessoas que querem comprar local podem fazê-lo sem usar MOR.

E: O que espera do MOR, no futuro?

e: Eu sei que é um projeto muito embrionário, que está no início e que ainda falta divulgação mas eu acho que o MOR devia trazer alguma vantagem para as próprias pessoas, para as convencer a usar. Porque como o MOR tem exatamente o mesmo valor do euro, acaba por não trazer muito mais vantagens do que alguns descontos em algumas lojas. As pessoas se calhar não aderem por isso. Porque não há aqui nada que diferencie o MOR da moeda corrente.

Entrevista a Utilizadora Profissional 2

Nome fictício: Bruna

Idade: 44 anos

Habilitações Literárias: 12º ano

Tipo de utilizadora: Profissional

Frequência de utilização da moeda MOR: Às vezes

E: Como conheceu a moeda?

e: Através de um evento, uma feira.

E: Na sua perspetiva, qual é o papel da moeda na comunidade?

e: Acaba por ser um circuito fechado de uma moeda própria. É assim que eu vejo.

E: O que a levou a aderir ao MOR?

e: A Cooperativa aderiu, eu não. A Cooperativa aderiu, porque faz todo o sentido, em termos de sustentabilidade e comunidade.

E: Quais são as suas expetativas ao utilizar o MOR?

e: Contribuir para o pequeno mercado local. Acho que o intuito foi acima de tudo esse.

E: Desvantagens, encontrou alguma, ou não?

e: Que eu saiba, não.

E: Diria que se vive melhor com a utilização da moeda MOR, ou não?

e: Se a moeda MOR fosse mais implementada noutros espaços, aí acredito que sim. Poderia facilitar algumas interações, em termos comerciais. Acho que sim, que seria bom, mas teria que haver uma adesão maior.

E: Qual o impacto da moeda MOR na sua vida?

e: Eu pessoalmente não a uso.

E: Notou alterações na comunidade, após a utilização da moeda MOR, ou não?

e: Não. Eu acho que há pessoas que aderiram e penso que há mais pessoas que estão a pensar aderir e que fazem disso o seu modo de pagamento, o modo de pagamento de todos os dias. Até porque também existe a questão de ter 5% de desconto e eu acho que isso também influencia. Mas também sei que isso depende do estabelecimento em que ela é utilizada.

E: Que necessidades existem ou existiam aqui no concelho?

e: Antes do Covid havia mais lojas, quando o Covid veio notou-se que pequenos comerciantes fecharam a porta e não voltaram a abrir. Acho que é a dificuldade maior aqui da zona.

E: Sente que a moeda MOR vai ao encontro dessas necessidades, ou não?

e: Não tenho conhecimento suficiente da moeda MOR para responder a essa pergunta.

E: O que espera do MOR, no futuro?

e: Gostava que fosse ampliado e que chegasse a toda a gente. Basicamente é isso, porque a ideia está muito bem pensada, ter uma moeda própria tem grandes vantagens mas é a adesão das pessoas que é a chave e a resposta para que corra bem, para que seja um sucesso.

Entrevista a Utilizadora Profissional 3

Nome fictício: Carla

Idade: 43 anos

Habilitações Literárias: Bacharelato

Tipo de utilizadora: Profissional

Frequência de utilização da moeda MOR: Às vezes; Já tive épocas em que uso muitas vezes mas agora tem sido algumas vezes. Há algumas pessoas que continuam a vir pagar com MOR.

E: Como conheceu a moeda?

e: Ouvi falar na moeda MOR, logo na altura em que se começou a falar em criar. Vi num artigo que saiu no início e entretanto foi também através de pessoas que conhecia. Ainda antes de abrir já tinha falado com elementos da associação, que me falaram na moeda e eu decidi logo que iria implementá-la, logo nos primeiros dias.

E: Do seu ponto de vista, qual considera ser o papel da moeda aqui no concelho?

e: O papel da moeda aqui acaba por ser bem interessante. Acaba por fazer com que nós façamos mais compras dentro do território de Montemor. Por exemplo, no natal, quando foi a altura das compras de natal, tentei dar preferência às lojas que eu sabia que tinham [MOR], em roupa, até para oferecer aos meus sobrinhos. Como há certas lojas que têm, a minha escolha teve muito a ver com se tinham o MOR ou não, porque eu tinha alguns MOR's para gastar. Sendo comerciante, confesso que já tive alturas em que tinha muitos MOR's, ou seja, recebia muitos MOR's, e então para mim era mais válido pedir para fazer a troca em moeda, para fazer outros tipos de pagamento que eram necessários. Mas, por exemplo, se o município permitisse pagar a água em MOR's, aí ajudava a que nós também utilizássemos essa moeda para fazer esse tipo de pagamentos. O importante é gerar uma economia local, ou seja, que as pessoas comprem entre elas. Temos ali a loja Cá da Terra, eles vendem-me a carne que eu utilizo aqui no restaurante e muitas vezes pago com MOR's. Na minga, também, já aconteceu precisar de algumas coisas, como farinha de bolota e também pago com MOR's. Nos sítios onde há MOR's eu tento utilizar a moeda.

E: O que é que a levou a aderir?

e: Neste tipo de coisas eu gosto de entrar, porque não perco nada com isso e é uma abordagem diferente, que acaba também por chamar clientes. Era isso que estava a dizer, há pessoas que se têm MOR's para gastar e que querem entrar na A.Mor, saberem ou eu estar na lista de pessoas onde eles podem gastar os MOR's é importante também para mim. Acaba por ser marketing. E também

porque gosto de entrar nestas iniciativas. Sou sincera, gosto de tudo o que tenha a ver com Montemor, com iniciativas da terra, gosto de participar.

E: Quando é que aderiu?

e: Logo quando abri, no início de 2021.

E: Quais eram as suas expetativas?

e: Eu sabia que a associação ainda estava em desenvolvimento, por isso à partida não ia ter um fluxo muito grande de MOR's que me fosse prejudicar em alguma coisa. Noto que tem crescido, noto que há pessoas que aparecem agora, que começam a ter MOR's agora e então querem gastá-los. E dizem-me: "vou gastá-los a primeira vez e é contigo". Já começo a sentir que cada vez há mais, mas não achei que toda a gente agora de repente mudasse para a moeda MOR e comesse a usar. Não, isso, não achei.

E: Para si, quais são as vantagens do MOR?

e: Dar uma oferta diferente aos clientes, ou seja, clientes que queiram utilizar a moeda, possam gastar aqui. Acaba por ser bom, porque faz um pouco de marketing ao espaço. É uma forma de publicidade diferente, porque estou no catálogo da MOR, também apareço nas casas em que podem gastar, por isso para mim, isso é visto um pouco como marketing. E é isso, é mais uma entrada também, ou seja, clientes que gostam de usar. Tenho muitos clientes que vêm aqui, que escolhem o Sem Moengas para jantar, porque nós temos a utilização do MOR. E depois é também a economia.

E: Desvantagens, encontrou alguma?

e: Desvantagens, não. Não tenho nada a apontar. Porque nunca tive uma situação que me pudesse queixar. Sendo comerciante já tive alturas em que me entraram muitos MOR's mas depois foi muito fácil a troca da moeda para

depois gastar noutras coisas e foi rápido, de um dia para o outro. Um dia, dois, três, mas não é uma coisa que demore. Ninguém põe objeções, ninguém põe problemas. Não consigo apontar uma desvantagem.

E: Diria que se vive melhor com a implementação do MOR, ou não?

e: Ajuda, no sentido de tentarmos procurar fornecedores locais. Eu, por exemplo, a carne de vitela que utilizo é do Cá da Terra, porque eles usam MOR's e então eu posso gastar os MOR's, se não eu mandava vir da Makro ou mandava vir de uma grande superfície. Não é aí que faz sentido. É bom que depois entre nós aqui também existam estas trocas. Ir aos queijos, por exemplo, a Vera dos queijos também tem MOR's, eu sei que posso comprar e pagar com MOR's. Ajuda bastante na economia local, sim.

E: Qual o impacto da moeda na sua vida?

e: Não vejo como impacto, uma alteração, algo diferente, não vejo nesse sentido. Acho que nos acompanhamos bem juntos. Funciona bem, mas não é uma coisa que eu possa dizer que cause impacto. Talvez, o facto de chamar clientes e aumentar o número de clientes, aí posso ver como algo positivo. Mas não é uma coisa de uma força grande. Vejo impacto no ajudar que as lojas da cidade vendam e mexam, e que façam com que circule. Já me aconteceu, por exemplo, numa loja de uma rapariga ali em baixo, ela vem aqui, vem almoçar, gasta MOR's, e depois a gente vai lá gastar. No Cá da Terra é igual. Tem impacto a nível do comércio local. Agora que altere alguma coisa ou que tem muito impacto no Sem Moengas, acaba por não ter. Mas é bom trabalharmos uns com os outros.

E: Que necessidades existem ou existiam no concelho de Montemor?

e: Um dos problemas que falo mais, é o alojamento. Sinto que há muita falta de alojamento, que não seja nem de luxo, nem daquelas casa mais baratas. Faz falta um preço médio para pessoas que queiram passar aqui uns dias. E acho que faz com que a cidade até fique um pouco parada e mexe pouco com as pessoas que

já vivem cá. Noto aqui, no Sem Moengas, que as pessoas se queixam muito que no domingo está tudo fechado. Mas está tudo fechado, porque não há fluxo de clientes que compense abrir ao domingo. Nós ao domingo temos de pagar a dobrar a um empregado e por isso tenho de ter um fluxo de clientes suficiente. Como não há alojamento, não há sítio para as pessoas estarem, então também não circulam muitas pessoas. As pessoas acabam por ir procurar outras coisas. Um dos maiores problemas que eu vejo agora na cidade acaba por ser isso. O que prejudica um pouco o turismo. As pessoas passam e vão há vida delas. Isto seria solucionado com *hostels* de preço médio, por exemplo. Onde dormir e visitar durante dois dias, por exemplo. Porque Montemor, tem tanta coisa para visitar, até mesmo espetáculos. Às vezes, há espetáculos a acontecer que as pessoas gostavam, se calhar, de ficar cá, passar a noite estar ao outro dia, e depois ir embora. Há muita falta, só há hotelaria de luxo.

E: Quais são, na sua opinião, os efeitos do MOR no concelho?

e: Para já o facto de haver uma associação, e pessoas que fizeram e tiveram a ideia e fizeram mover, acaba por ser bom, porque estão a puxar pela cidade e pelas pessoas. E a adesão, eu estou sempre a dizer, mesmo aos lojista: ‘adiram porque não vos tira nada, não vos vai prejudicar’, e acaba por fazer sentido. É fazermos com que haja mais compras no comércio local.

E: O que espera do MOR, no futuro?

e: O MOR vai ter sempre pessoas que não o percebem, e que vão achar que vão perder, ou que vai ser complicado de utilizar. Mas eu acredito que com o tempo, e com as pessoas a falarem, como eu, a falarem que não é nada que prejudique e até ajuda. Começo a achar que cada vez vão entrar mais lojas e mais movimento. Acredito que sim.

Entrevista a Utilizadora Profissional 4

Nome fictício: Diana

Idade: 40 anos

Habilitações Literárias: Mestrado

Tipo de utilizadora: Profissional

Frequência de utilização da moeda MOR: Às vezes

E: Como conheceu a moeda MOR?

e: Foi por causa de uma pessoa da direcção da associação.

E: Na sua perspetiva, qual é o papel da moeda MOR na comunidade?

e: Acho que tem um papel no contexto do desenvolvimento local, da economia local. Acho que é um instrumento para conseguir reter aqui alguns recursos no território, sendo que acho importante, pois este é um território um bocadinho mais interior, onde não há tantas oportunidades para as pessoas no geral e para os negócios pequenos acho que é uma coisa que é interessante.

E: O que é que a levou a aderir?

e: Para já fui convencida, não fui convencida, fui-me convencendo pelo contacto desta pessoa da direcção que utilizava e portanto, nós almoçávamos muitas vezes juntas e eu via-a a utilizar e achei que eu também, a dada altura... Ao início estava muito reticente mas depois comecei a achar que fazia sentido. E depois porque há alguns sítios onde vou almoçar, principalmente onde eu almoço, aderiram e portanto, achei que me poderia ser um instrumento útil. E já me foi muito útil, quando perdi, por exemplo o meu cartão de crédito, e tinha isto para pagar o almoço.

E: Quando é que aderiu à moeda?

e: Não faço ideia. Não faço mesmo ideia.

E: Quais eram as expectativas antes de começar a utilizar a moeda MOR?

e: Era que não iria funcionar.

E: Porquê?

e: Porque achava que era uma coisa um pouco exigente, uma aplicação no telemóvel. Achava que para a grande parte da população daqui, as pessoas não se iriam interessar, porque era realmente uma coisa um bocado exigente para elas, pôr a aplicação, criar a conta, fazer a transferência. E também, não digo uma desconfiança porque não acho bem isso, quer dizer, eventualmente até alguma desconfiança por não perceberem muito bem o sentido disto.

E: Quais as vantagens que tem verificado?

e: As vantagens é, às vezes, a pessoa não ter dinheiro ou não ter, é uma coisa que está no telemóvel por isso é de fácil utilização, agora com o *Mbway* já não faz tanta diferença, mas eu também não tinha *Mbway* antes, portanto, isto acabou por me ajudar a resolver, se tivesse necessidade de gastar dinheiro e não tendo o cartão, eu com o telemóvel conseguia fazer esses pagamentos. Outras vantagens... Tem vantagens para os comerciantes daqui, para os pequenos comerciantes, tem vantagens porque acaba por ser uma forma de divulgação dos negócios. Algumas pessoas que aderem à moeda um bocadinho por questões políticas ou porque acreditam que isto é uma coisa que tem impacto ao nível local, também começam a consumir ou a comprar destes pequenos negócios que aderiram à moeda.

E: E desvantagens, encontrou alguma, ou não?

e: Sim. Acho que não é assim tão fácil de utilizar, pode haver alguma resistência por parte das pessoas. É dinheiro virtual, portanto as pessoas podem não estar muito interessadas nisto, tanto do lado do consumidor como do lado dos comerciantes. Outras desvantagens... É exigente comunicar isto, é muito

exigente conseguir envolver a comunidade para começar a utilizar, acho que é exigente. E acho que realmente exige muitos recursos, para andar a fazer um trabalho quase que individual, de pessoa a pessoa, para conseguir explicar este sistema e para que ele seja efetivamente utilizado.

E: Qual é o impacto desta moeda na sua vida?

e: É assim, não é muito grande, mas quer dizer, posso dizer que ao nível do meu trabalho que é uma associação, nós temos um viveiro, já vendemos algumas plantas com a moeda MOR. Não muitas, mas algumas. Acho que me dá, essencialmente, uma sensação de poder estar a participar para alguma coisa, uma coisa que tem algum impacto a nível local, que eu não acho que neste momento seja muito grande mas acredito que potenciado poderia gerar maior impacto.

E: Notou alterações na comunidade, depois da implementação da moeda MOR, ou não?

e: Não. Num grupo restrito de pessoas, que essencialmente têm parte interessada nisto.

E: E quais diria que são as alterações nesse grupo de pessoas?

e: Acho que é isso, se calhar uma pessoa comprou-nos plantas porque queria usar moeda MOR e não tinha assim tantos sítios para usar. Acho que pode acontecer isso com alguns restaurantes também. Ahhh... Não sei muito bem.

E: Que necessidades existem/existiam no concelho de Montemor?

e: Sim, quer dizer, aqui sendo uma cidade que está próxima de outras cidades, as pessoas precisam de alguma coisa, recorrem aos grandes centros urbanos, portanto acho que havia uma necessidade realmente de potenciar os negócios locais, os pequenos negócios, porque também não havendo tanto emprego havia esta necessidade, quer dizer poderia ser uma possibilidade as pessoas terem o seu próprio negócio, a uma escala que seja gerível por poucas pessoas

portanto acho que havia a necessidade de potenciar estes negócios, e de criar até outros, mas pronto garantindo que realmente à margem depois para comprar e para consumir estes produtos ou serviços.

E: Considera que o MOR contribui de alguma forma para atenuar essa necessidade, ou não?

e: Acho que ainda não, mas se for bem trabalhado, eventualmente, poderá.

E: Quais os efeitos do MOR no concelho, na sua opinião?

e: Acho que não tem uma escala que permita, ainda, ver isso.

E: O que espera do MOR, no futuro?

e: Espero que seja uma iniciativa bem-sucedida e que realmente tenha resultados para as pessoas e para os negócios de pequena escala.

Entrevista a Utilizadora Particular 1

Nome fictício: Eva

Idade: 26 anos

Habilitações Literárias: Mestrado

Tipo de utilizadora: Particular

Frequência de utilização da moeda MOR: Às vezes

E: Como conheceu a moeda MOR?

e: Conheci porque uma das fundadoras da moeda local, a Pascale, me introduziu ao conceito e portanto foi a partir daí.

E: Na sua perspetiva, qual é o papel da moeda MOR na comunidade?

e: Eu acho que é uma forma muito importante de tentarmos fazer também com que as compras sejam mais locais e desenvolver os pequenos negócios. Acho que tem um papel fundamental na promoção da economia local.

E: O que é que a levou a aderir?

e: A simplicidade. Para mim fazia sentido o conceito e sendo uma coisa tão fácil e simples de usar que não tem qualquer, que não causa qualquer constrangimento. Ahh... Pareceu-me um passo lógico.

E: Quando é que aderiu à moeda?

e: Foi em 2020. Creio.

E: Quais eram as expetativas antes de começar a utilizar a moeda MOR?

e: As expetativas eram (pausa) confesso não muito elevadas, porque sendo Montemor um meio pequeno. Inicialmente pareceu-me que seria difícil de convencer as pessoas a aderirem a uma moeda local, mas acho que tem... tem superado as expetativas.

E: Quais os benefícios que tem verificado?

e: A mim faz-me optar mais vezes por compras a pequenos comerciantes, em vez de ir a uma grande superfície ou comprar fora.

E: E desvantagens, encontrou alguma, ou não?

e: Desvantagens as únicas que eu vejo para já, é que ainda não há comerciantes suficientes, para depois incentivar mais pessoas a usarem, mas acho que é uma questão de tempo.

E: Qual é o impacto desta moeda na sua vida?

e: Aaahhh, na minha vida...tem um impacto positivo, ajuda-me a fazer melhores escolhas e facilita-me às vezes o processo de decisão.

E: Notou alterações na comunidade, depois da implementação da moeda MOR, ou não?

e: Sim, eu noto que os comerciantes que adotaram também estão mais conscientes da importância deste tipo de iniciativas, e mesmo as pessoas que começam a usar, começam a perceber esses benefícios. Portanto, eu noto que há uma maior consciencialização da comunidade.

E: Que necessidades existem/existiam no concelho de Montemor?

e: Necessidades a que nível?

E: Problemas que existam, ao nível do comércio, por exemplo, em relação aos pequenos comerciantes.

e: Sim... Eu acho que, pronto, como em qualquer meio assim mais pequeno em que à volta existem grandes centros comerciais e zonas onde facilmente se pode adquirir tudo e mais alguma coisa e muitas vezes a preços mais baixos, torna-se difícil para estes comércio justificar às pessoas porque é que hão-de comprar a eles e não a, sei lá, um Intermarché, ou uma Zara, ou uma coisa desse estilo. Portanto, eu acho que havia a necessidade de criar aqui incentivos para as pessoas comprarem mais local.

E: Considera que o MOR consegue de alguma forma atenuar isso, ou não?

e: Sinto que começa a conseguir. Acho que inicialmente as pessoas não percebiam muito bem, qual é a diferença entre comprar em MOR ou comprar em euros, porque o preço é o mesmo, e portanto não lhes fazia grande sentido. Mas agora começam a perceber que é uma forma de obrigar a optar por aqueles comerciantes. E portanto, acho que dentro de uns anos, possivelmente, será uma forma até muito interessante de pagamento em Montemor.

E: Nota que existem efeitos da utilização do MOR no concelho?

e: Sim, eu noto. Alias, eu, por exemplo, sendo que vivo maioritariamente em Lisboa, eu noto que me obrigo, tendo MOR, a comprar coisas, cada vez que venho cá, com o MOR. E portanto, em vez de ir ao *Intermarché*, vou à mercearia. E eu acho que isso é um efeito bastante positivo.

E: O que espera do MOR, no futuro?

e: Eu espero que a associação consiga continuar a fazer o trabalho de angariar mais comerciantes e também utilizadores individuais para que isto se torne verdadeiramente uma comunidade de troca e cresça nesse sentido, acho que seria esse o grande objetivo.

Entrevista a Utilizadora Particular 2

Nome fictício: Filipa

Idade: 49 anos

Habilitações Literárias: Licenciatura

Tipo de utilizadora: Particular

Frequência de utilização da moeda MOR: Às vezes

E: Como conheceu a moeda MOR?

e: Então, conheci a moeda por contacto com as pessoas que a estavam a implementar. Ahh... Por algumas iniciativas que foram organizadas cá em Montemor. Acho que se resume a isso.

E: Na sua ótica, qual é o papel do MOR na comunidade?

e: Então, eu acho que o principal papel do MOR na comunidade é o desenvolvimento local, não é! Hmm... Creio que as pessoas ao estarem a aderir ao MOR, consomem localmente, portanto é muito mais interessante do que terem sempre a sua perspectiva de irem fora do concelho comprar o que precisam.

E: O que a levou a aderir?

e: Primeiro, para perceber como é que funcionava. Eu tinha sempre aqui algumas dúvidas em relação a esta questão da moeda local e depois, exatamente por isso que lhe acabei de dizer, porque acho interessante e ao consumir, para quem também aderiu, e também divulgar perante outras pessoas que aquele e o outro local vendem e aceitam a moeda local.

E: Quando é que aderiu?

e: O ano passado, em 2022.

E: Quais eram as suas expetativas antes de começar a utilizar?

e: Não tinha assim grandes. Talvez a única expetativa que eu tinha era que cada vez houvesse mais locais onde eu pudesse utilizar o MOR.

E: Quais são os benefícios que verificou?

e: [pausa] Bem, benefícios não... Não constatei assim nenhum benefício. Hmm... Por usar a moeda local.

E: E desvantagens, encontrou alguma, ou não?

e: Não. Ao início o site estava a funcionar muito mal da...da...plataforma, vá, de troca, não é, da compra de MOR's. Mas, neste momento, já está a funcionar...já está mais aliada. Portanto, imagine que eu desloco-me a uma loja quero comprar em MOR's e não tenho dinheiro, basta contactar logo, através da plataforma, que consigo rapidamente que o dinheiro me passe para a conta. Antigamente, era um bocadinho mais lento este processo, trazia assim mais constrangimento, ou seja, obrigava-nos a planear melhor as compras, o que também não é mau, vá, mas nem sempre é possível.

E: Qual o impacto desta moeda na sua vida?

e: Não, não tem assim...Não posso dizer que tenha sequer impacto.

E: Notou alterações na comunidade, depois da implementação do MOR, ou não?

e: Não.

E: Diria que existem algumas necessidades ou problemas no concelho? Consegue identificar alguma?

e: No concelho, para mim, as mais graves são a questão da mobilidade, há muito poucos transportes públicos que sirvam efetivamente a comunidade, não é, porque nós temos um concelho muito grande e muito extenso, e muito poucos transportes públicos para dar resposta às necessidades das pessoas.

E: E relativamente ao comércio local?

e: Então, em relação ao comércio local, o que eu sinto às vezes, é falta de novidade, digamos assim.

E: Em que medida?

e: Falta de novidade de produtos, de abordagem em relação aos clientes, ahh...

E: Considera que o MOR ajuda nesse sentido?

e: O MOR é uma nova abordagem, mas onde o MOR está, já são locais que por si já são criativos, percebe? Eu estava a referir-me de uma forma geral. Ao comércio local de uma forma geral não tão específica, como nos sítios onde o MOR é possível. Esses comerciantes já estão abertos à mudança realmente e por isso também é, aquilo que sinto, que eles aderiram ao MOR. Mas de uma forma geral acho que falta um *boost* de energia no comércio local. Reinventarem-se um bocadinho.

E: Quais são os efeitos do MOR no concelho?

e: Para já acho que ainda não se [alcançaram]...não ainda, não... é assim os efeitos que se esperaria, digo eu, era a valorização dos produtos locais, a valorização do comércio local, de facto uma coisa identitária que nos distinguiria de qualquer outra parte da região do Alentejo Central. Portanto estes três são os fatores que eu sinto assim mais interessantes, digamos assim.

E: Mas considera que estes ainda não foram alcançados?

e: Do meu ponto de vista, não.

E: Na sua opinião, porque é que estes ainda não foram alcançados?

e: Primeiro, por esta questão mesmo de falta de criatividade da parte do comércio, do comércio local. Acho que... eu sou do Porto, portanto eu sinto que aqui as pessoas têm uma grande dificuldade em fazer apostas, em correr riscos. E o comércio cada vez mais é correr riscos, não é. Podemos estar... Das duas uma ou temos um produto que, de facto, nos distingue de tudo o resto que

existe, ou temos que correr riscos. E eu acho que falta algum sentido de risco nas pessoas que têm cá comércio.

E: O que espera do MOR, no futuro?

e: Hmm... Espero que pelo menos estes três objetivos se cumpram.

Entrevista a Utilizadora Particular 3

Nome fictício: Graça

Idade: 60 anos

Habilitações Literárias: Doutoramento

Tipo de utilizadora: Particular

Frequência de utilização da moeda MOR: Às vezes

E: Esteve presente desde o surgimento da ideia de criar uma moeda local?

e: Sim, estive.

E: Resumidamente, qual foi o seu papel no desenvolvimento da moeda?

e: Quer dizer, a ideia da moeda nasceu no âmbito da Rede de Cidadania, nós tínhamos... temos uma Rede de Cidadania só que agora está bastante parada mas... em que tentávamos promover e pôr em marcha algumas iniciativas que contribuíssem para a sustentabilidade à escala local, portanto a ideia da Rede de Cidadania era muito inspirada no movimento de transição, inspirada no movimento das sociedades em transição. Portanto, é o que é que cada um pode fazer a uma escala muito local e que possa contribuir para a sustentabilidade local. Portanto, nós tivemos algumas...tivemos muito trabalho no Mercado, muita presença no Mercado, tentar dinamizar o Mercado, tentar promover a

venda de produtos locais. E a moeda surgiu, não sei já quando, mas surgiu com uma ideia de que noutros sítios havia moedas locais e que nós poderíamos tentar criar essa moeda. E poderia levar a que as pessoas pensassem mais na compra de produtos locais, em vez de irem comprar outros. Portanto, surgiu no âmbito da Rede de Cidadania e desde o princípio eu achei que era uma boa ideia, eu não fui...quer dizer eu não sou muito teórica, não conheço os fundamentos das moedas locais, mas achei sempre que era uma ideia interessante. Portanto, participei nas primeiras reuniões...houve uma primeira reunião onde convidaram algumas pessoas mais de economia, que têm trabalhado mais com moedas solidárias e moedas locais para discutir o que é que poderia ser uma moeda local, para discutir questões de segurança e eu participei nesses espaços mas como realmente não conheço suficiente sobre os contornos do que é que é uma moeda local, do ponto de vista mais económico, quer dizer nunca fui... não considero que tenha sido uma pessoa chave, mas acompanhei o processo desde o princípio, sim.

E: Qual é o intuito da moeda?

e: Para mim, eu não sei se é o mesmo para todos, mas para mim, o intuito da moeda é realmente chamar a atenção para esta importância que tem nós investirmos no comércio local ou investirmos em realmente apoiar uma economia local. Portanto, é mais chamar a atenção, é quase mais pedagógico, é dizer isto é possível, nós conseguimos fazer circular dinheiro a nível local se quisermos. Quer dizer se quisermos focar o nosso consumo em produtos locais. Portanto, eu julgo... para mim a moeda, serve mais como uma espécie de chamada de atenção, para que é possível, é possível, gerar riqueza e utilizá-la a nível local e utilizar à escala local.

E: Na sua perspetiva, qual é o papel do MOR na comunidade?

e: Por enquanto é muito reduzido. Eu acho que nos temos tido, realmente, muita dificuldade em que isto cresça. Em que a moeda cresça. Eu não sei... há algumas pessoas que dizem que enquanto não trouxer nada concreto, em termos de vantagens, as pessoas não vão usar. Não sei se é isso. Não sei se... Eu

julgo que as pessoas estão sensíveis para a questão do comércio local, mas pouco informadas sobre o que é que cada um pode fazer. Não sei se não temos tido capacidade de comunicação, suficientemente forte, porque muitas destas questões passam por comunicação, quer dizer as pessoas...por exemplo em relação aos produtos locais, muitas vezes nos diziam quando nós tentámos...tivemos também uma iniciativa que era o Km Zero, que tinha a ver com o consumo ou servir nos restaurantes refeições que eram todas confeccionadas com produtos locais, muitas vezes diziam-nos 'ah este produto é local que eu comprei-o no Mercado', quer dizer é uma informação muito superficial, porque o produto pode ser comprado no Mercado mas não ser local, não é. Não é porque é vendido por uma vendedora que está no Mercado que ele é local. É preciso ter um bocadinho mais de critério e ver realmente onde é que ele foi produzido. E eu acho que é um bocadinho assim que funciona também com a moeda, as pessoas não se investem muito nestes temas, estão interessadas, acham que é interessante... eu julgo que eram precisos mais recursos, mais comunicação e que... também não é fácil realmente com o tipo de população que temos. Depois há muita gente até mais informada e pessoas que vem de fora e que se vieram instalar em Montemor e que estão muito informadas, mas não sei...eu julgo que essas pessoas tem dificuldade também em aprofundar o que é que elas próprias podem fazer. Portanto, eu julgo...julgo, não, eu acho... quer dizer o papel agora é muito reduzido. Mas é uma espécie de uma bandeira, é assim aquilo como nós...algumas das atividades da Rede, muitas pararam, porque também já éramos poucos, há outras atividades que entretanto nasceram com outros grupos, portanto, não quer dizer que as coisas estejam paradas em Montemor, de todo, de todo. Mas a moeda realmente não me parece que tenha assim um grande papel. E precisaria de ser mais...quer dizer o sistema todo está montado, portanto agora era importante fazê-lo crescer, porque também foi um grande trabalho e foi sempre um trabalho voluntário, com muito esforço das pessoas de montar tudo o que é procedimentos administrativos, burocráticos, técnicos, para realmente ser possível ter a moeda daquela forma que ela existe, que no fundo é como o *Mbway*, é como um pagamento através de um sistema informático. Portanto, eu acho que...ela não tem um grande papel! Mas estaria em condições de ter, precisamos de dar um salto, que não sei bem como é que daremos.

E: Quais eram as expetativas antes de começar a utilizar a moeda?

e: Eu acho que, da minha parte, as expetativas era que houvesse mais interesse, em que as pessoas se interessassem por achar que era interessante esta...o ter a certeza... quando a gente usa a moeda local tem a certeza que esta moeda fica a ser...que aquela riqueza vai ser investida localmente, de novo. Pelo menos no próximo passo. E isso, tendo em conta o interesse que as pessoas tiveram pela iniciativa Km Zero e por outras iniciativas que nós fizemos, a minha expetativa era que houvesse mais interesse, que houvesse mais pessoas a querer usar, mesmo sem terem um benefício económico disso. Usarem por convicção de que é importante dinamizar este tipo de atividades, e ter esta bandeira, e dizer que x por cento do comércio em Montemor é feito com moeda local. Mas não se verificou isso. Portanto, a minha expetativa não era que houvesse assim...que fôssemos mudar a economia de Montemor, nem pensar! Mas que houvesse apesar de tudo mais gente interessada. As pessoas até se interessam mas depois não usam. As pessoas até acham graça e falam disso, mas não usam.

E: Quais os benefícios, na sua opinião, que se verificaram?

e: Eu não sei se até agora houve muitos benefícios, eu acho que houve o benefício de montar a moeda. Portanto, de discutir...quer dizer cada uma das pessoas que está envolvida na associação está um bocadinho mais...tem mais competências em relação à moeda local do que tinha no início. Eu tenho. Muito mais. Não sabia nada sobre moedas locais nem sobre todas as decisões que tem de ser tomadas. Julgo que muitos de nós, que não somos muitos, mas as pessoas que estão mais envolvidas aprenderam muito e portanto têm mais critério para desenvolver atividades semelhantes ou para fazerem crescer a moeda. Mas em termos de economia, ou de envolvimento das pessoas, acho que não tivemos realmente nenhum impacto. É mais o impacto em cada um daqueles que estão envolvidos de perceber melhor do que é que estamos a falar e também perceber melhor quais são as dificuldades em fazer as pessoas aderirem a este tipo de mecanismos. Ahhh, eu diria que são esses realmente os benefícios.

E: E desvantagens, existe alguma, ou não?

e: Não. Acho que desvantagens, não existe nenhuma. Talvez algum cansaço das pessoas que estão mais envolvidas, por não haver o entusiasmo que se esperava, mas apesar de tudo, o grupinho que está mais envolvido, é um grupo relativamente coeso, portanto, eu acho que ainda há uma capacidade de resistência de manter a iniciativa durante algum tempo. Eu diria que o cansaço, em relação ao estar a fazer um esforço que não parece dar frutos, não é. Parece-me que é uma ameaça. É um risco, é um risco! Que esse cansaço ultrapasse a vontade de fazer qualquer coisa. Por enquanto ainda não ultrapassou e mantem-se, mas acho que há esse risco.

E: Qual o impacto desta moeda na sua vida?

e: [pausa] Nenhum. Eu sou consumidora, só. O único impacto que tem... Não, não tem nenhum. Não tem. É um bocado de má consciência, porque eu deveria sempre... acabo as moedas e nós temos que fazer uma transferência, comprar os MOR's para depois gastar, e eu vou-me esquecendo, depois não faço e depois quando quero usar não tenho. O impacto é quase só mais má consciência do que outro qualquer, aquilo não é nada de especial, mas pronto é mais uma coisa que se tem que fazer.

E: Notou alterações na comunidade, depois da implementação da moeda MOR, ou não?

e: Não. Não, é muito incipiente ainda. Muito, muito incipiente. Acho que há um interesse... o que nós esperávamos é que as pessoas quisessem falar disso, que se interessassem, que vestissem a camisola, que achassem que era muito giro Montemor, a cidade, ter uma moeda. Não aconteceu isso. Não conseguimos comunicar isso ou realmente não interessa às pessoas, ou não sabemos bem. Mas acho que ainda não tem impacto nenhum.

E: Que necessidades existem ou existiam no concelho de Montemor-o-Novo?

e: Em geral?

E: Relativamente ao comércio, por exemplo.

e: Quer dizer, eu acho que o que se está a verificar é que se está a perder muito o comércio tradicional, desaparece esse comércio, porque as pessoas começam a comprar mais nas grandes superfícies. E depois eu acho que há um problema bastante grave que nós tentámos minimizar ou tentámos combater com a questão da banca, da Rede no Mercado e dinamizar o Km Zero, que é o escoamento dos produtos dos pequenos produtores. Portanto, eles normalmente escoam, eles produzem... portanto, ainda há vários pequenos produtores. Mas facilmente há um entrave. Quer dizer, é muito frágil, muito frágil, o sistema de comercialização... A integração no Mercado desses pequenos produtores, isso eu acho que é uma fragilidade enorme, porque eles produzem produtos de facto com muita qualidade e produtos de estação, portanto são as laranjas no inverno, os espinafres, a couve e depois o feijão é no verão, o tomate, a fruta. E o que acontece é que, vendem no Mercado por exemplo, alguém [imperceptível] ou vendem à porta, se o senhor adoece ou a mulher do senhor que vende adoece deixam de vender no Mercado e o produto fica na árvore, a maçã fica na árvore ou a laranja fica na árvore, as uvas ficam na vinha. Quer dizer, não há um sistema do qual eles façam parte, os pequenos produtores façam parte, e que os ajude a comercializar o produto e a valorizar aquilo que têm e que crie no fundo uma dinâmica que se mantém independentemente de falhar uma peça ou falhar outra, basta uma doença ou basta um carro avariasse e o senhor já não vai vender ao Mercado. E como não tem outra forma de escoar o produto fica...estragasse. E as pessoas são muito resignadas em relação a isso é como...pronto isto aconteceu. Basta isso, basta ter um carro avariado e depois deixou de vender e depois já não sabe se os clientes lá estão e depois já não vende. Depois é preciso alguém, quando nós tínhamos a banca no Mercado íamos insistir com as pessoas, 'mas venha lá, continue lá a vender, a gente sente a sua falta' e tal, mas quer dizer, é muito, muito frágil a integração no Mercado dos pequenos produtores. É muito frágil e não têm um sistema, no fundo, de técnicos, ou um sistema montado de procura ou de distribuição, que garanta que pode haver um pequeno problema mas a distribuição continua, a recolha continua. Portanto, que os ajude, por exemplo, a investir na modernização do seu sistema produtivo, na modernização da rega, por exemplo, ou que permitisse facilitar o trabalho e produzir mais. Quer dizer, há alguns mais novos que tem essa dinâmica, mas há muitos pequenos

produtores que tem muito conhecimento, muito saber fazer, que tem sementes ainda dos produtos autótones ou dos produtos endógenos dali de Montemor, e que são específicos, alguns deles. Existe ainda produtores, existe ainda terra que pode ser utilizada e água, mas a integração desses produtores no sistema alimentar local é muito ténue, é muito frágil, eu não diria que é ténue, ela é frágil. É sobretudo essa questão que é um grande problema, porque acontece qualquer coisa e aquele produtor já deixou de produzir ou deixou de vender. Há procura e há produção mas não há o encontro, portanto, não há um sistema alimentar bem montado com uma cadeia de distribuição sobretudo, e apoiada eventualmente pelos consumidores ou capacidade de organização dos produtores para irem distribuir de uma forma mais coletiva, por exemplo. Há muito pouco trabalho coletivo nessa área. Portanto, eu acho que isso é uma grande fragilidade. Foi uma das grandes preocupações que nós tivemos com a Rede de Cidadania e que tentámos dinamizar no Mercado a procura pelos produtos que realmente são locais e incentivar os produtores a realmente ir lá vender, mas não conseguimos resolver o problema da distribuição. E com o Km Zero foi a mesma coisa, nós criávamos o escoamento mas depois os restaurantes não conseguiam ir buscar a diversos produtores, porque era demasiado custoso para eles, não havia uma rede de distribuição e as pessoas não se organizam para trabalhar em conjunto ou dificilmente se organizam. Portanto, acho que essa fragilidade na organização coletiva e na integração dos pequenos produtores no Mercado, parece-me que é assim o problema maior, diria eu, em relação aqueles temas com que nós trabalhamos. E a moeda podia ser um veículo para isso. A moeda podia ser um veículo, porque a moeda podia ser uma forma de eles terem a certeza que há um conjunto de consumidores, ou uma parte do consumo, que iria procurar justamente só aqueles produtos e poder-se-ia organizar uma distribuição em que só se vendia produtos locais, só circulavam produtos locais que seriam pagos em MOR. Mas era preciso, acho que era preciso, uma iniciativa ou uma entidade que fosse capaz de assegurar, ligar essas pontas, não é, durante um tempo, ou eventualmente aparecer alguém empreendedor, com espírito de negócio, que dissesse 'vamos promover isto', porque eu acho até que os produtos podiam ser mais caros, há muita gente com casas de segunda habitação ou que vem de fora, e que seria mais sensível a este discurso de que a produção é realmente local e que estamos a apoiar a manutenção de um saber fazer e a manutenção de um tecido produtivo que tem...que também constrói uma paisagem que de outra forma iria desaparecer.

Eu acho que até era possível sensibilizar os consumidores, e até pagarem mais, e por exemplo, dizendo que teria que ser com moeda local. Isso era um bocadinho um trabalho que a Rede de Cidadania podia fazer mas as pessoas mais envolvidas acabaram por se cansar, diria eu. Quer dizer, eu era uma delas mas há outras. Porque éramos muito poucos, e muita dificuldade de apoio da Câmara, portanto... eu acho que o MOR poderia ser realmente um veículo para potenciar isso. Potenciar essa distribuição e organização coletiva, mas não se conseguiu ainda. Não quer dizer que não seja possível mas não encontramos a forma. Eu acho que é preciso haver alguém ou um pequeno grupo que realmente visse muito interesse ou conseguisse um apoio extraordinário para conseguir fazer isto durante um tempo ou conseguisse criar um modelo de negócio, alguém com uma ideia assim, com uma visão para à frente. Eu agora estou em França e sei que em França há muitos casos destes, não é isso que eu estou aqui a fazer, mas quer dizer, há muitos casos. Tenho falado com vários colegas, há muitos casos de dinamização do comércio local e de venda de produtos locais e de pequenas moedas locais e as pessoas dinamizam-se de outra forma. Mas há sempre alguém, uma associação ou assim, que é o dinamizador e depois vai criando assim uma espiral de participação e mobilização. Nós não conseguimos.

E: Na sua perspetiva, quais são os efeitos do MOR no concelho?

e: Por agora, não são nenhuns, acho eu.

E: O que espera do MOR, no futuro?

e: Eu espero que consiga crescer. Eu não espero que seja assim uma bomba do ponto de vista económico, que passe a ser assim uma coisa... Mas espero que consiga crescer nesse sentido, vir a ser mais utilizado por pessoas com maior consciência para esta necessidade do...da importância que cada um tem, nas suas ações, nas suas escolhas, a importância que cada um pode ter. Acho que o MOR poderia realmente vir a fazer isso, a fazer isso, não é bem...como é que hei-de dizer...é o MOR vir a ser utilizado por essas pessoas. Portanto, o que eu espero é que venha a crescer. Está com algumas dificuldades de crescimento

mas está bem implementado, está bem... Quer dizer, todo o sistema funciona. Era preciso agora haver mais gente interessada em utilizá-lo para se começar a usar mais e para as lojas, o comércio, começar a perceber que há uma vantagem em dizer que vendem em MOR, porque há mais gente que vai procurar e que só quer em MOR. Por exemplo, eu muitas vezes faço isso, digo 'eu venho aqui comprar porque tem MOR' mas acho que somos 10 pessoas talvez que fazem isso, é muito pouco, não é.

Entrevista a Utilizadora Particular 4

Nome fictício: Helena

Idade: 61 anos

Habilitações Literárias: Licenciatura

Tipo de utilizadora: Particular

Frequência de utilização da moeda MOR: Às vezes

E: Como é que conheceu a moeda MOR?

e: Eu conheci a moeda, porque faço parte da Rede de Cidadania, e esta questão da moeda começou a ser debatida no âmbito da Rede. Depois veio a formar-se uma associação, mas as pessoas, a maioria delas, trabalhavam também na Rede, e foi nesse âmbito que me fui apercebendo desta questão, deste projeto.

E: Na sua perspetiva, qual é o papel da moeda no concelho?

e: O papel da moeda é incentivar a produção, o consumo local, estimular, no fundo, a economia local, favorecendo uma rede de pequenos produtores locais e um incentivo também a comprar-se localmente, basicamente é isso.

E: O que é que a levou a aderir?

e: O que me levou a aderir? Estas questões precisamente de desenvolvimento local. É um incentivo, no fundo, a valorizarmos e a estimularmos a nossa economia local e pode servir esse aspeto.

E: Quando é que aderiu ao MOR?

e: Não sei dizer, ora a associação foi lançada em 2018...talvez há dois anos, eu não tenho bem presente.

E: Antes de utilizar a moeda, quais eram as suas expetativas?

e: As minhas expetativas... pronto tinha algumas dúvidas de como é que iria funcionar, também tinha... Estava também... Tinha algumas interrogações em relação à adesão das pessoas. Considero que ainda não... nesse aspeto não se foi muito longe. Penso que precisávamos que houvesse mais gente a aderir, que houvesse mais oferta para as nossas necessidades em termos de consumo. Mas pronto há um caminho que se está a fazer.

E: Quais os benefícios que, de facto, verificou?

e: Benefícios... Bem pelo menos penso que, tendo em conta a oferta aquilo que existe em termos de opções de lojas, há uma maior atenção precisamente à oferta local, aos pequenos produtores.

E: E desvantagens, encontrou alguma, ou não?

e: As desvantagens que eu encontro é não haver ainda uma oferta que permita termos acesso a uma maior variedade dentro daquilo que compramos habitualmente.

E: Qual é o impacto desta moeda na sua vida?

e: Ajuda-me a procurar algumas lojas, alguns produtos, que sendo locais são melhores também, mesmo a nível, por exemplo dos legumes, acabo por comprar produtos que acabam por ter uma maior qualidade e às vezes tento evitar comprar noutros lados para fazer uso da moeda e responder a esta oferta.

E: Notou alterações na comunidade, depois da implementação desta moeda, ou não?

e: Alterações, não posso dizer que tenha notado. As pessoas que eu conheço é um grupo limitado. Não sei avaliar isso.

E: Que necessidades existem ou existiam no concelho de Montemor-o-Novo? Consegue identificar alguma? Relacionada, por exemplo, com o comércio ou com o comércio local?

e: [pausa] Pois, não sei. Em termos de necessidades não sei o que possa dizer. A oferta de produtos?

E: Por exemplo. Ou, por exemplo, em relação às dificuldades dos pequenos produtores locais.

e: Penso que há, há sempre alguma dificuldade em relação a alguns setores. Uma vez que nós vamos vendo que há alguns que não conseguem manter os seus negócios.

E: Quais os efeitos do MOR no concelho?

e: Se conseguirem que haja uma adesão cada vez maior, se as pessoas estiverem sensibilizadas para esta questão do consumo e produtos locais, poderá servir de incentivo aos produtores e será uma mais-valia para eles escoarem os seus produtos localmente. E portanto é uma garantia de consumo que lhes permita sobreviver e manter os seus negócios.

E: O que espera do MOR, no futuro?

e: A perspectiva é que haja mais gente a aderir e que se torne uma moeda mais sólida e que permita também fortalecer a economia local, basicamente.

Apêndice VI – Tabelas de Análise de Conteúdo das Entrevistas

1 – Adesão

	Elementos de discussão do entrevistado	Análise do discurso
Adesão	“Há capacidade para empregar alguém em termos de comunicação, em termos de divulgação, em termos de angariar novos profissionais e tudo isso é trabalhoso. (...) para ser utilizador ou profissional tem que se fazer uma adesão. Não é sem nenhuma papelada. Tem de haver uma entrada no sistema. (...) Para ter dinheiro, para ter MOR's, o utilizador faz uma transferência para uma conta que é na Caixa Agrícola, que é uma conta da moeda. (...) Para emitir MOR's, para nós termos MOR's, temos um tesoureiro, que também na plataforma emite os MOR's. (...) Os comerciantes vêm com logotipo, isto também tem de entrar no sistema. Portanto, a entrada de um profissional requer um bocadinho mais de informações. (...) Nós não emitimos sem ter recebido os euros. Isto é uma garantia que não temos não sei quantos MOR's emitidos e não temos fundo para reembolsar (...) para o resto da população tem que haver	A circulação das moedas locais, segundo Cattani et al. (2009) citado por Coelho (2019b), envolve a confiança mútua entre os utilizadores. E o sucesso das mesmas depende da aceitação e adesão da população. Apesar disso, é preciso também ter em consideração que o âmbito local limita o número de potenciais participantes, dificultando a sua expansão e afirmação (Coelho, 2019b). De acordo com o discurso do órgão social da associação A.Mor, a adesão da população à moeda MOR não tem sido algo imediato e sem esforço por parte da associação, incorrendo a mesma em várias tentativas e formas de divulgação. Além disso, no sentido de tornar a moeda mais apelativa à população, concede promoções em vários estabelecimentos aderentes, se o pagamento for feito em MOR.

	mais do que esta filosofia de compras, tem que haver promoções, por isso é que começamos também com as promoções. (...) para os comerciantes, o desafio é deixar cair o medo, porque neste momento, para o comerciante é só vantagens (...) Não há desvantagens nenhuma em ter o MOR. (...) novos negócios vêm isso como algo para fazer divulgação. Nós temos uma página, nós pagamos isso e os comerciantes não pagaram. (...) As promoções podem também atrair as pessoas e para os comerciantes é também uma maneira de se fazerem conhecer.” Representante dos órgãos sociais da A.Mor	
	“(...) não tem nenhuma desvantagem para nós (...) Nós até estávamos com algum receio que isto tivesse alguma dificuldade mas depois correu tudo bem. (...) pessoas que dão valor à moeda, que infelizmente ainda não são muitas (...) o MOR devia trazer alguma vantagem para as próprias pessoas, para as convencer a usar.” Ana, u. profissional	A entrevistada considera que a moeda MOR teria mais utilizadores se esta tivesse vantagens para os próprios utilizadores. O discurso desta entrevistada vai ao encontro do que Evans (2009) defende relativamente à adesão das moedas locais, as motivações morais parecem não ser suficientemente fortes para que estas vingam.
	“(...) existe a questão de ter 5% de desconto e eu acho que isso também influencia. (...) Gostava que fosse ampliado e	A entrevistada considera que os descontos atribuídos a quem paga em MOR pode ser um fator influenciador

	que chegasse a toda a gente. (...) é a adesão das pessoas que é a chave (...) para que seja um sucesso.” Bruna, u. profissional	no uso e adesão à moeda.
	“(...) acaba também por chamar clientes. (...) à partida não ia ter um fluxo muito grande de MOR’s que me fosse prejudicar em alguma coisa. (...) Já começo a sentir que cada vez há mais [aderentes] (...). (...) faz um pouco de marketing ao espaço. É uma forma de publicidade diferente, porque estou no catálogo da MOR, também apareço nas casas em que podem gastar (...). (...) Tenho muitos clientes que vêm aqui, que escolhem o Sem Moengas para jantar, porque nós temos a utilização do MOR. (...) E a adesão, eu estou sempre a dizer, mesmo aos lojistas: ‘adiram porque não vos tira nada, não vos vai prejudicar’ (...) não é nada que prejudique e até ajuda.” Carla, u. profissional	O discurso da entrevistada denota a existência de um certo receio por parte de outros comerciantes em aderir à moeda MOR. Após aderir e lidar com a moeda, esta assegura não haver qualquer desvantagem na sua utilização, pelo contrário considera ter vantagem para o seu negócio em termos de publicidade e marketing, tentando, assim, incentivar outros comerciantes a aderir.
	“(...) acaba por ser uma forma de divulgação dos negócios. (...) É exigente comunicar isto, é muito exigente conseguir envolver a comunidade para começar a utilizar, acho que é exigente. E acho que realmente exige muitos recursos, para andar a fazer um trabalho quase que individual, de pessoa a	Esta entrevistada considera que a moeda contribui para divulgar os negócios. Além disso, o seu discurso espelha também a dificuldade e esforço para conseguir convencer as pessoas a aderir à moeda MOR.

	peessoa, para conseguir explicar este sistema e para que ele seja efetivamente utilizado” Diana, u. profissional	
	“(...) pareceu-me que seria difícil de convencer as pessoas a aderirem a uma moeda local (...) ainda não há comerciantes suficientes, para depois incentivar mais pessoas a usarem (...) espero que a associação consiga continuar a fazer o trabalho de angariar mais comerciantes e também utilizadores individuais (...).” Eva, u. particular	A entrevistada refere ter tido algumas reticências, inicialmente, quanto à adesão da população à moeda local, além disso expressa interesse por uma maior adesão, advogando que um maior número de utilizadores profissionais incentivaria à maior adesão de utilizadores particulares.
	“(...) expetativa que eu tinha era que houvesse mais locais onde eu pudesse utilizar o MOR.” Filipa, u. particular	Mais uma vez, denota-se no discurso de outra entrevistada a falta de adesão, o interesse e importância da participação de mais indivíduos nesta iniciativa.
	“(...) temos tido, realmente, muita dificuldade em que isto cresça. Em que a moeda cresça. Eu não sei... há algumas pessoas que dizem que enquanto não trouxer nada concreto, em termos de vantagens, as pessoas não vão usar. (...) julgo que eram precisos mais recursos, mais comunicação (...). (...) a minha expetativa era que houvesse mais interesse, que houvesse mais pessoas a querer usar (...). As pessoas até acham graça e falam	A entrevistada reflete, também, sobre a dificuldade em incentivar a população a aderir à moeda MOR, considerando que seriam necessários mais esforços e recursos relativamente à divulgação da moeda. Implicitamente, no seu discurso, denota-se que os comerciantes parecem não perceber a vantagem de utilizar a moeda MOR.

	disso, mas não usam. (...) desvantagens, não existe nenhuma. (...) Era preciso agora haver mais gente interessada em utilizá-lo para se começar a usar mais e para as lojas, o comércio, começar a perceber que há uma vantagem em dizer que vendem em MOR (...).” Graça, u. particular	
	“Tinha algumas interrogações em relação à adesão das pessoas. Considero que ainda não... nesse aspeto não se foi muito longe. Penso que precisávamos que houvesse mais gente a aderir, que houvesse mais oferta para as nossas necessidades em termos de consumo.” Helena, u. particular	Esta entrevistada refere, também, ter tido dúvidas, no início, quanto à adesão da população à moeda MOR, considerando que, atualmente, a adesão não é grande e revelando interesse numa maior participação da população em prol do sucesso deste projeto e, consequentemente, da comunidade em geral.

2 – Economia Local

	Elementos de discussão do entrevistado	Análise do discurso
Economia Local	“A missão é promover a economia local (...). Basicamente é isto, fomentar a economia local. (...) A vantagem é que haja uma dinamização da economia local (...).” Representante dos órgãos sociais A.Mor	Para a entrevistada a moeda MOR tem capacidade de promover, fomentar e dinamizar a economia local. E segundo Coelho (2019b), parece haver unanimidade entre os estudiosos desta temática relativamente às funções das moedas locais, entre elas, destaca-se o fortalecimento da economia local. Manter a riqueza que é

		produzida localmente nessa mesma localidade, permite melhorar a economia local e construir capacidades localmente (Liettaer e Hallsmith, 2006).
	A entrevistada profissional, Ana, não faz referência aos efeitos da moeda na economia local.	
	A entrevistada profissional, Bruna, não faz referência aos efeitos da moeda na economia local.	
	“Acaba por fazer com que nós façamos mais compras dentro do território de Montemor. (...) O importante é gerar uma economia local, ou seja, que as pessoas comprem entre elas. (...) Ajuda bastante na economia local, sim.” Carla, u. profissional	Segundo Santos e Silva (2014), as moedas locais têm como um dos seus principais objetivos a promoção da economia local. O discurso da entrevistada vai ao encontro do que é defendido por Santos e Silva (2014), ao considerar que a moeda MOR incentiva a comprar-se localmente e, por isso, estimula a economia local.
	“(...) havia uma necessidade realmente de potenciar os negócios locais, os pequenos negócios (...). (...) Acho que ainda não [contribui para atenuar esta necessidade].” Diana, u. profissional	Uma moeda localmente produzida, que circula somente no âmbito local e que mantém a riqueza produzida na própria localidade, reforça a economia local (Coelho, 2019a). Similarmente, Seyfang e Pearson (2008), defendem que as moedas locais atendem a problemas relativos ao enfraquecimento das economias locais. No

		entanto, e segundo a entrevistada a moeda MOR ainda não estimula os negócios locais.
	“Acho que tem um papel fundamental na promoção da economia local.” Eva, u. particular	As moedas locais destacam-se pela sua capacidade de fortalecimento da economia local, incentivando à circulação e combatendo a acumulação, contrariamente à moeda convencional (Coelho, 2019a). O discurso da entrevistada vem ao encontro do que Coelho (2019a) defendeu.
	A entrevistada particular, Filipa, não faz referência aos efeitos da moeda na economia local.	
	A entrevistada particular, Graça, não faz referência aos efeitos da moeda na economia local.	
	“É um incentivo (...) a estimularmos a nossa economia local e pode servir esse aspeto.” Helena, u. particular	Segundo Guimarães et al. (2019), as moedas locais estimulam a autonomia e autossuficiência da economia local, contribuindo para um desenvolvimento mais sustentável. Para a entrevistada a moeda MOR estimula a economia local.

3 – Comércio Local

	Elementos de discussão do entrevistado	Análise do discurso
Comércio Local	“Mas tentamos consciencializar as pessoas	Outro aspeto da moeda MOR é o “incentivo à troca

	que [primeiro está o] local, [em seguida] Portugal e só depois, quando não há outra opção, pronto. (...) fazer perceber às pessoas que comprar localmente é criar riqueza aqui ao nível do concelho e dar uma certa dinâmica ao concelho. (...) Portanto se eu compro tudo fora de Montemor depois não me posso queixar que não há comércio, que já não se encontra nada em Montemor. (...) consciencialização de que as nossas atitudes têm influência no que acontece aqui no concelho. (...) uma necessidade é ter uma comunidade mais ativa em relação à forma como consome.” Representante dos órgãos sociais A.Mor	de alimentos de produção local (...) como fortalecimento da soberania alimentar” (Santos e Silva, 2014, p. 223).
	“(...) as pessoas ainda não estão muito sensibilizadas para a lógica do local.” Ana, u. profissional	Segundo Santos e Silva (2014), as moedas locais podem conduzir a “outro modelo de consumo, mais colaborativo e mais centrado na valorização dos saberes e fazeres das pessoas da comunidade”. Para a entrevistada a população de Montemor-o-Novo ainda não tem consciência da importância de se consumir localmente.
	A entrevistada profissional, Bruna, não se refere a aspetos relativos à consciencialização da população no que respeita à priorização do comércio	

	local.	
	A entrevistada profissional, Carla, não se refere a aspetos relativos à consciencialização da população no que respeita à priorização do comércio local.	
	“Algumas pessoas que aderem à moeda (...), também começam a consumir ou a comprar destes pequenos negócios (...).” Diana, u. profissional	As moedas locais encorajam os seus utilizadores a unirem-se para a troca de produtos e serviços entre eles (Williams et al., 2001, citado por Guimarães et al., 2019). Para a entrevistada, a moeda MOR tem incentivado ao consumo de produtos locais, inclusive de pequenos negócios.
	“(...) noto que os comerciantes que adotaram também estão mais conscientes da importância deste tipo de iniciativas, e mesmo as pessoas que começam a usar, começam a perceber esses benefícios. Portanto, eu noto que há uma maior consciencialização da comunidade.” Eva, u. particular	Estas iniciativas incentivam a procura por cadeias produtivas mais justas, sendo as redes de troca com moedas locais bons exemplos de outras formas “de consumir e de fazer circular bens e serviços, distanciando-se da racionalidade que caracteriza o consumo capitalista” (Santos e Silva, 2014, p.211). A entrevistada refere que nota uma maior consciência relativamente à importância de priorizar o comércio local nos utilizadores da moeda MOR.
	“Para já acho que ainda não se [alcançaram] (...) os efeitos que se esperaria, digo eu, era a valorização dos produtos locais, a valorização do	O discurso da entrevistada vai ao encontro do que Cunha (2011), citado por Santos e Silva (2014), defende relativamente a

	comércio local (...).” Filipa, u. particular	experiências solidárias em atuação, como moedas locais em funcionamento, que estas despontam pequenas mudanças de perspectiva, das quais destaca-se a valorização dos saberes e economia locais.
	“(...) o intuito da moeda é realmente chamar a atenção para esta importância que tem nós investirmos no comércio local ou investirmos em realmente apoiar uma economia local. (...) é quase mais pedagógico (...) para mim a moeda, serve mais como uma espécie de chamada de atenção, para que é possível, é possível, gerar riqueza e utilizá-la a nível local e utilizar à escala local. (...) Eu julgo que as pessoas estão sensíveis para a questão do comércio local, mas pouco informadas sobre o que é que cada um pode fazer. (...) é uma espécie de uma bandeira (...).” Graça, u. particular	A moeda local pode ter um sentido complementar pedagógico, quando faz referência à necessidade de uma mudança de paradigma relativamente às práticas de consumo (Santos e Silva, 2014). A entrevistada atribui à moeda MOR, à semelhança de Santos e Silva, um sentido pedagógico relativamente ao consumo.
	“(...) há uma maior atenção precisamente à oferta local, aos pequenos produtores.” Helena, u. particular	É relativamente frequente as moedas locais estimularem uma maior consciência coletiva acerca da questão do consumo (Santos e Silva, 2014, p. 219). A entrevistada considera que após a implementação da moeda MOR há maior atenção para o comércio local.

4 – Rede Local

	Elementos de discussão do entrevistado	Análise do discurso
Rede Local	“Mostrar que isto é uma rede e que pode ser benéfica para todos. No Mercado, por exemplo, já há várias pessoas que têm a moeda. Há uma pessoa que vende flores e compotas e depois há outra pessoa que faz cestos em panos, e por exemplo, no Dia dos Namorados fizeram uma parceria, uma fez uns corações em tecido e pôs nos vasos das flores, e assim fizeram um conjuntinho. Por exemplo, um restaurante aqui na Rua de Aviz, também para o Dia dos Namorados, ofereceu, juntamente com uma senhora que tem uma loja de massagens e produtos naturais, um jantar mais uma massagem. Fizeram uma parceria. A ideia também é um bocadinho esta, sentir que fazem parte de uma rede. (...) criação de uma rede de pertença, sentir que as pessoas pertencem a uma rede que é benéfica para todos (...).” Representante dos órgãos sociais da A.Mor	Segundo Katai et al. (2009), a principal característica que distingue as moedas locais das moedas convencionais é a melhoria das relações sociais, através da ajuda mútua na comunidade. De acordo com o relato da entrevistada, o propósito da criação de uma moeda local é também estabelecer uma rede de apoio e de entreajuda local, que beneficie toda a comunidade e onde todos se sintam integrados e incluídos. O discurso da entrevistada indicia que esta rede começa a estabelecer-se entre os utilizadores profissionais da moeda MOR, que criam parcerias entre si.
	A entrevistada profissional, Ana, não se refere a aspetos relativos à construção de uma rede de apoio local.	
	“A Cooperativa aderiu, porque faz todo o sentido, em	Segundo Seyfang e Pearson (2000), as moedas locais dão

	termos de (...) comunidade.” Bruna, u. profissional	resposta ao enfraquecimento dos laços comunitários. Do discurso da entrevistada depreende-se que a moeda local confere um sentido de comunidade mais forte.
	“É bom que depois entre nós aqui também existam estas trocas. (...) Mas é bom trabalharmos uns com os outros.” Carla, u. profissional	O discurso da entrevistada denota vontade e gosto em trabalhar com outros profissionais do concelho. Parcerias e colaborações podem ser formas de os comerciantes se ajudarem mutuamente a atrair clientes e promover o seu negócio. Segundo Katai et al. (2009), as moedas locais fomentam, entre os elementos da comunidade, um ambiente de partilha e entreajuda.
	“Acho que me dá, essencialmente, uma sensação de poder estar a participar para alguma coisa (...).” Diana, u. profissional	Segundo Coelho (2019b), as moedas locais têm, entre outros, o propósito de (r)estabelecer laços comunitários, de confiança, entreajuda e solidariedade. Implicitamente, o discurso da entrevistada denota que a moeda MOR confere um certo sentido comunitário e solidário, onde a sua contribuição, não reverte a favor da própria mas para um coletivo, um bem-estar da comunidade local. “A participação social pode (...) fortalecer o sentimento de pertença à comunidade” (Coelho, 2019a, p.767), permitindo, eventualmente, maior desenvolvimento da

		comunidade. Colombo et al. (2001), citado por Coelho (2019a, pp. 779-780) referem que “a participação cívica na vida de uma comunidade contribui para o sentimento de pertença a essa comunidade”.
	“(...) para que isto se torne verdadeiramente uma comunidade de troca (...)” Eva, u. particular	Segundo Helleiner (2000), citado por Schussman (2007), as moedas locais são capazes de conferir um sentido de identidade comunitária nas localidades por onde circulam. Do discurso da entrevistada pode depreender-se que existe vontade que a população de Montemor-o-Novo se comporte com um sentido comunitário mais apurado.
	A entrevistada particular, Filipa, não se refere a aspetos relativos à construção de uma rede de apoio local.	
	“(...) não há um sistema do qual eles façam parte, os pequenos produtores façam parte, e que os ajude a comercializar o produto e a valorizar aquilo que têm (...). Há muito pouco trabalho coletivo nessa área. (...) o MOR poderia ser realmente um veículo para potenciar isso. Potenciar essa distribuição e organização coletiva, mas não se conseguiu ainda.” Graça, u. particular	Segundo Santos e Silva (2014), citado por Coelho (2019b, p. 117), as moedas locais têm um papel importante “na formação de redes de sociabilidade e de cooperação, assim como no estabelecimento de relações de confiança entre os seus intervenientes”. A entrevistada afirma que a moeda local poderia ser um veículo capaz de promover a entreaajuda entre os produtores.

	A entrevistada particular, Helena, não se refere a aspetos relativos à construção de uma rede de apoio local.	
--	---	--

5 - Desenvolvimento Local

	Elementos de discussão do entrevistado	Análise do discurso
Desenvolvimento Local	“Temos mais movimento, temos mais compras em MOR, é uma dinâmica. É criar uma nova dinâmica. (...) conseguimos ver dos 5800 e tal MOR’s emitidos, em termos de volume de negócios já triplicou. (...) Isso também é uma das vantagens das moedas locais, ela não sai, portanto quando ela circula em termos de volume é muito mais do que a moeda que está a circular ou a moeda emitida.” Representante dos órgãos sociais da A.Mor	Segundo Stamm (2021), as moedas locais são, geralmente, criadas para estimular a economia local, reforçando a dinâmica social e mantendo os recursos da comunidade dentro da região em questão. O discurso desta entrevistada relativamente à moeda MOR vai ao encontro do que Stamm (2021) definiu como o escopo das moedas locais.
	“(...) é para pessoas muito específicas, que têm uma preocupação com a economia local (...) o conceito da loja é um conceito local, faz todo o sentido. Tudo o que tenha a ver com o desenvolvimento local, nós queremos aderir.” Ana, u. profissional	As moedas locais permitem melhorar o escoamento dos produtos locais e reduzir o uso de combustíveis fósseis nas exportações, duas características que possibilitam a dinamização, promoção e fortalecimento do comércio e desenvolvimento local (García-Corral et al., 2020; Meyer e Hudon, 2019). Apesar de a entrevistada não ter referido estas

		caraterísticas como vantagens, parece considerar que esta iniciativa contribui para o desenvolvimento local.
	“(...) faz todo o sentido em termos de sustentabilidade (...). Contribuir para o pequeno mercado local.” Bruna, u. profissional	As moedas locais dinamizam, promovem e fortalecem o comércio local (Meyer e Hudon, 2019). O discurso da entrevistada parece ir ao encontro de Meyer e Hudon (2019), quando refere que a vantagem das moedas locais é de contribuir para o comércio local.
	“Acaba por fazer com que nós façamos mais compras dentro do território de Montemor. (...) E depois é também a economia. (...) ajudar que as lojas da cidade vendam e mexam, e que façam com que circule. (...) Tem impacto a nível do comércio local.” Carla, u. profissional	O discurso da entrevistada revela que a circulação da moeda local intensifica o comércio local, o que, por sua vez, favorece a economia local. Essa ideia é defendida por diversos autores, como Meyer e Hudon (2019) e Stamm (2021), que sublinham o papel das moedas locais na dinamização do comércio local.
	“Acho que tem um papel no contexto do desenvolvimento local, da economia local. Acho que é um instrumento para conseguir reter aqui alguns recursos no território (...).” Diana, u. profissional	Segundo Coelho (2019b), como a circulação das moedas locais ocorre dentro de determinada comunidade, estas permitem contribuir para o fortalecimento económico dessa mesma comunidade.
	“(...) faz-me optar mais vezes por compras a pequenos comerciantes, em vez de ir a uma grande superfície ou	O discurso da entrevistada corrobora o que é defendido pelos autores Jayaraman e Oak (2005), citados por

	comprar fora.” Eva, u. particular	Coelho (2019b, p.115), “a moeda local incentiva ao consumo de produtos locais”.
	“(…) o principal papel do MOR na comunidade é o desenvolvimento local (…) as pessoas ao estarem a aderir ao MOR, consomem localmente (…) é muito mais interessante do que (…) irem fora do concelho comprar (…)” Filipa, u. particular	Segundo Lietaer e Hallsmith (2006), as moedas locais permitem que a riqueza produzida localmente beneficie a comunidade local, ao invés de empresas de fora, o que reforça a economia local e, consequentemente, o desenvolvimento económico. A entrevistada identifica, similarmente aos autores Lietaer e Hallsmith, a importância da moeda local no desenvolvimento do concelho.
	“(…) pôr em marcha algumas iniciativas que contribuíssem para a sustentabilidade à escala local (...). (...) quando a gente usa a moeda local tem a certeza (...) que aquela riqueza vai ser investida localmente, de novo.” Graça, u. particular	A entrevistada realça o facto de a moeda local garantir que os recursos financeiros se mantêm na localidade, o que contribui para o desenvolvimento local, como dizem as autoras Santos e Silva (2014). A intenção é “gerar riqueza na própria comunidade e criar mecanismos para que esta riqueza seja fortalecida e mantida no território local” (Santos e Silva, 2014, p.223).
	“O papel da moeda é incentivar a produção, o consumo local, estimular, no fundo, a economia local, favorecendo uma rede de pequenos produtores locais e	O discurso da entrevistada revela que o uso da moeda MOR promove o comércio local e, consequentemente, estimula o desenvolvimento local, o que está em

	um incentivo também a comprar-se localmente, basicamente é isso.” Helena, u. particular	concordância com os autores García-Corral et al. (2020), que defendem que as moedas locais melhoram o desenvolvimento local, favorecendo o fluxo económico interno e evitando grandes acumulações de capital.
--	---	---

6 – Iniciativa

	Elementos de discussão do entrevistado	Análise do discurso
Iniciativa	“Os primeiros talões que nós fizemos foram tipo vale de compras (...) Só que as pessoas não perceberam bem ou nós não explicamos bem (...) No ano seguinte, voltamos a fazer os talões (...) já havia confiança. (...) A segunda campanha foi boa, mas também vimos que ainda não tínhamos conseguido trazer mais pessoas (...) Temos dois comerciantes até agora que pediram para sair, porque não perceberam qual era a vantagem de ter a moeda.” Representante dos órgãos sociais da A.Mor	Segundo Santos e Silva (2014, p.226), “predomina ainda, em Portugal, certo preconceito e desconhecimento sobre o sentido e aplicação da moeda social.”
	“(...) as pessoas ainda não perceberam bem a lógica da moeda. (...) Eu percebo a ideia do MOR mas infelizmente acho que não tem sido muito conseguido (...)” Ana, u. profissional	Segundo Santos e Silva (2014), no caso das iniciativas portuguesas deste teor, não é sempre claro as funções desempenhadas pelas moedas locais.
	A entrevistada profissional,	

	Bruna, não refere aspetos relativos ao entendimento da população na implementação de uma moeda local.	
	“O MOR vai ter sempre pessoas que não o percebem” Carla, u. profissional	A entrevistada considera que em Montemor-o-Novo, haverá sempre indivíduos que não entendem a moeda MOR e o seu propósito.
	“(…) alguma desconfiança por não perceberem muito bem o sentido disto.” Diana, u. profissional	A entrevistada refere que existe algum receio em aderir porque não entendem o propósito da moeda MOR.
	“Acho que inicialmente as pessoas não percebiam muito bem, qual é a diferença entre comprar em MOR ou comprar em euros, porque o preço é o mesmo, e portanto não lhes fazia grande sentido.” Eva, u. particular	A entrevistada julga que, inicialmente, a população não entendia a diferença entre usar uma moeda local e usar a moeda convencional.
	“Eu tinha sempre aqui algumas dúvidas em relação a esta questão da moeda local (…).” Filipa, u. particular	A entrevistada refere ter tido dúvidas, inicialmente, quanto ao funcionamento das moedas locais.
	A entrevistada particular, Graça, não refere aspetos relativos ao entendimento da população na implementação de uma moeda local.	
	“(…) tinha algumas dúvidas de como é que iria funcionar (…).” Helena, u. particular	A entrevistada refere ter tido dúvidas, inicialmente, quanto ao funcionamento das moedas locais.

Anexos

Anexo I – Declaração de Consentimento Informado

Esta entrevista surge no âmbito de um trabalho final na modalidade de Dissertação, da autoria da estudante Mariana Machado, para a obtenção do grau de mestre em Gestão na Católica Porto Business School.

A investigação estuda a moeda MOR e aborda como temáticas principais os benefícios das moedas locais para uma comunidade e o alcance das mesmas na transformação de uma comunidade. Dentro deste contexto, pretende-se desenvolver um entendimento lato sobre a moeda MOR, as suas vantagens e o seu potencial como gerador de uma transformação social no concelho de Montemor-o-Novo. A informação obtida será apenas utilizada para fins exclusivamente académicos. Assim, solicito a sua autorização para gravar a entrevista.

Consinto participar no estudo e autorizo a gravação da entrevista em formato áudio.

(Assinatura do entrevistado)

(Assinatura da entrevistadora)

Data: ____/____/2023